Anno VIII - Abril, 1923 Vol. XXII - Numero 88

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO.
REDACTOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

SUMMARIO

O MOMENTO . . . . . P. P. 289
O DIÁRIO DE PERO LOPES DE SOUZA E O LITTORAL PAULISTA . . . . Gentil Moura 293
O DIABO . . . . . Julio Cesar da Silva . . . 296
O TURISMO NO BRASIL . . . . . Antenor Nascentes 305
FATIA DE VIDA . . . . . Monteiro Lobato 308
PROBLEMAS MILITARES . . . . . C. Torres Guimarães . . . 314
ASSASSÍNIO — ASSASSINATO . . . . José Patrício de Assis . . . 321
CRÓNICA DE ARTE . . . . . Mario de Andrade 324
LIMA BARRETO . . . . . Sylvio Rabello 328

HIBLIOCRAPHIA — RESENHA DO MEZ
CURIOSIDADES — DEBATES E PESQUIZAS — AS CARICATURAS DO MEZ

S. PAULO
MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES
RUA DOS GUSMÕES, 70 — CAIXA, 2-B

IBIOTONICO

» FONTOURA

Fortificante poderoso

EFFICAZ EM AMBOS OS SEXOS

E EM TODAS AS EDADES

PREMIADO COM MEDALHA DE OURO NA! EXPOSIÇÃO DE HYGIENE DO CONGRESSO MEDICO BRASILEIRO

Fabricado exclusivamente nos grandes laboratorios do

Instituto "Medicamenta"

FONTOURA, SERPE (SLC.-S. Paulo

Byington & Cia.

Engenheiros, Electricistas, Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES
FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES
ABATJOURS, LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEOS
VENTILADORES

PARA RAIO
FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS
ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES
TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instaliações Hydro-Electricas completas, Bondes Eléctricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

ÚNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Téléphone, 745 -Central --- S. PAULO

LARGO DA MISERICÓRDIA No. 4

OPINIÕES DOS TRES GRANDES MUSCIENTISTAS

Prof. E. "Bertarellí

Prof. ᶜRuhíào Meira

Prof. Miguel Couto

sobre o valor e a superioridade incontestável do

Buaraná Espumante m

Diz o Prof. E-. Bertarelli:

O **GUARANA' ESPUMANTE** *é uma deliciosa bebida sem álcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saúde, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.*

A ausência absoluta de FORM1ATOS, de matérias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausência completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o **GUARANA' ESPUMANTE** *preferido ás bebidas que contêm aquellas substancias prejudiciaes.*

São Paulo, **1*** *de Outubro de* **1921.**

PROF. E. BERTARELLI

Diz o Prof. Rubião Meira:

"Attesto que o **GUARANA' ESPUMANTE** *c bebida de valor altamente thcrapeutico, agradavel ao gosto, sem álcool, e deve ser utilisado por* **TODOS OS DEBILITADOS NERVOSOS,** *sem inconvenientes.*

São Paulo, **19** *de Setembro de* **1921.**

RUBIAO MEIRA

Diz o Prof. Miguel Couto:

O GUARANA' ESPUMANTE, *formula do meu sábio collega dr. Luis Pereira Barreto, é uma excellente bebida, — doce, isenta de álcool, agradavel ao paladar, aperitiva c tónica; aconselhável, pois, por estas qualidades.*

MIGUEL COUTO

DOE ?
GELOU!

CORA qualquer DOR
l ^NEVRAIGICA ou
fcHEUMATIOA
em pouco lempo.

TUBO 2$500 A

INFLUENZA
[QN5TIPAÇÁ0 E GRIPPE
Ábürta-5E e cura-50 com d

SALKINOL

Tendo tosse, use o n? 2
Não tendo, use o n«l

RHEUMATOL
FORMULA DO DR. CLAUDIO SOUZA
Especifico do
RHEUMATISMO
sob qualquer forma que
se apresente.

SABONETE
PACAEMBÚ

wmawsã com o
mçlbor de qualquer
procedencia.
—Acondicionado cm
elegantes cai*as~
s—s mefallicas
11 [de (res
1 sabonetes.

ÁS SENHORAS
Durante e depois da GRAVI-
DEZ devem usar
a
GRAVIDINA
FORMULA
DE ALFREDO ZÜQUIM
Previne e evita os acciden-
tes da GRAVIDEZ.
VIDRO 3$000

Auto Geral

Accessorios em geral para toda classe de automóveis.

Attendem-se pedidos do interior com a : : maxima promptidão : :

AUTO - GERAL

R. Barão de Itapetininga, 1 7

CAIXA POSTAL, N. *284*

TELEPHONE 4906 e 5769 Cidade

ENDEREÇO TELEGRAPHICO : "AUTO - GERAL"

S. PAULO

N. 88 Abril 1923

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES :
PAULO PRADO
MONTEIRO LOBATO

REDACTOR
SECRETARIO:
JULIO CESAR DA SILVA,

O MOMENTO

PARA fazer companhia ás estatuas de Garibaldi, de Verdi e do índio milanês do Sr. Briszolara, S. Paulo deve também levantar um monumento a Sarah Bernhardt.

Foi a sua imaginação complicada de mulher, de cômica e de judia, que inventou e nos offereceu em adulação interesseira esse qualificativo, acceito com enthusiasmo, de — capital artística do Brasil. Nelle vinha envolto na lisonja o veneno delicioso — creador de sonhos e illusões — a que um escriptor francec, inventor do termo, chamou bovarysmo.

Bovarysmo c' o dom que possue o homem de se imaginar differente do que realmente é. A expressão, que tem corrido mundo, foi suggerida por um dos sentimentos dominantes nos personagens de Flaubert. Como os indivíduos, as collectividades também sof-

frem dessa deformação da personalidade. O Brasil inteiro tem sido victima desse mal extranho. Foi elle que nos trouxe a imitação infantil do systema politico inglec — o regimen do polichinello eleitoral, dansando nas mãos do imperador, de que nos faliava Tito Franco; foi elle que nos levou ao arremedo do constitucionalismo americano, lembrando a paixão caricatural dos franceses da Revolução pelos aspectos exteriores da vida greco-romana.

Em S. Paulo, nesta sociedade em formação, o bovarysmo é um dos sentimentos preponderantes do nosso caracter. Delle nos vêm os excessos do orgulho e da vaidade, tão sensíveis e desagradaveis para os nossos patrícios de outras terras brasileiras. Dessa enganosa illusão originou-se a velleidade de S. Paulo-nação, desde os rigores do protocollo official até o pequeno exercito em miniatura de que tanto nos orgulhamos. Mas de todas as nossas pretenções megalomaníacas, nenhuma sobrepuja a tradicional convicção de que somos — a capital artística do pais. No fértil terreno da nossa imaginação bovaryca, cresceu e fructificou com incomparável viço a semente que nos lançou, num gesto de esmola agradecida, a mão fina de Frou-Frou.

Nesta capital artística, porém, _ a Arte vive no mais amargo exilio. Salvo um ou outro grupo ignorado ou aggressivo, exceptuada uma ou outra individualidaae que se estiola em mofina indiffcrença, nesta capital da Arte não ha artistas. O que por ahi se chama Arte é uma grosseira caricatura das Musas divinas.

Em musica estamos em atrazo de mais de cincoenta annos; ainda não passamos do período balbuciante da menina que toca piano, e gastamos rios de dinheiro para ouvirmos, encasacados e solemnes, as mais bolorentes operas do velhíssimo repertorio italiano. Em 1ç23 ainda se diz, com pretenções a pilhéria, que Wagner é musica do futuro . . .

Em pintura, delia só cuidamos para a repugnante exhibição do mau gosto dos novos ricos. A ultima palavra neste genero ainda é o retrato parecido ou a anecdota tocante, narrada pelo pincel assucarado dos pintores veristas.

A^a esculptura, caso houvesse moral artística, seria prohíbido á infanda innocente perverter-se na contemplação dos monstros semeados pelas praças e ruas da cidade; nessa hedionda collecção — semelhando o musée des horreurs, *de Courteline — só se destacam duas ou tres obras — uma das quaes admiravel —- perdidas em meio da indifferença publica.*

Arte é, pois, o chromo ou a paizagem lambida dos cavadores da pintura em marcha^ para a Pinacotheca official; é a opera pretenciosa, atrazada e falsa, ou o hymno Nacional de Gottschalk; é a Vénus de Milo para tinteiro, ou o menino travesso que no Anhangabahú amóla o alfange com o qual deveria suicidar-se...

Si por acaso aqui apparecessem o Balzac, *de Rodin, os quadros de Cezanne e Matisse, ou no Municipal a* Heure espagnole, *de Ravel — que homérica gargalhada sa-*

elidiria a tristeza do nosso publico conse-Iheiral! Como essas obras primas da verdadeira Arte assanhariam o odio dos philistcos!

E' que, na verdade, ha uma falha lamentável no nosso progresso. Cuidamos de tudo, mas esquecemos-nos do liarmonico desenvolvimento das nossas forças civilisadoras. Enriquecemo-nos; levantamos uma bella cidade moderna nestes campos onde vegetava a pequena S. Paulo acadêmica e romantica; erguemos nas nossas varzeas — onde havia flores, como na canção nacional — as gigantescas chaminés das fabricas; conquistamos a **terra ignota** *dos sertões paulistas, e — sobretudo — estendemos pelos largos horizontes do interior o vastíssimo manto verde-escuro dos cafezaes. ,.*

Mas neste corpo em plena crise de crescimento, não vimos a falha pathologica, que é nossa profunda anemia intellectual e artística. Para caso tão grave de desnutrição idealista, as illusões do bovarysmo são apenas o opio e a morphina que não curam, e só servem para a rhetorica dos especuladores políticos.

P. P.

O DIÁRIO DE PERO LOPES DE SOUZA E O LITTORAL PAULISTA.

E, muito resumido nos informes topographicos, o diário de Pero Lopes na parte em que descreve a viagem de Martini Affonso de Souza, desde o Rio de Janeiro até a ilha de Cananéa. Esse laconismo tem justificativa em varias causas: na morosidade da viagem que durou doze dias, feita sob ceu encoberto e atravez de densa cerração que não permittia observações do sol ou lobrigar referencias de terra, num mar agitado por ventos contrários que forçavam as naus seguir rumos em zig-zag, correndo sempre o risco de serem arremessadas á terra.

Dois únicos pontos foram tocados entre o Rio de Janeiro e a ilha de Cananéa: o que vem referido no dia 9, onde desembarcaram um interprete para orientar-se da situação e a ilha de Alcatrazes.

O desembarque do dia 9 parece ter-se effectuado em praia oriental da ilha de S. Sebastião, possivelmente na bahia hoje chamada dos Castelhanos, conclusão que parece acertada se attender-se aos rumos seguidos nos dias 9 e 10, quarta-feira.

No dia 10 o rumo foi de sulsudoeste e nessa direcção foi attingida a ilha dos Alcatrazes o que indica ficar o lugar de desembarque do interprete a nornordeste daquella ilha e corresponde, nos mappas actuaes, á bahia dos Castelhanos.

Com os rumos seguidos nesses dois dias, impossível seria tocarem po-ntos do continente, tendo a ilha de S. Sebastião de permeio.

E desde que se falia em interprete, lembremos que na armada viajavam "quatro lingoas da gente da terra": Pedro Capico e Diogo Leite que tinham vindo em companhia de Christovam Jaoques, Henrique Montes que acompanhara Cabote e o piloto Pedro Annes que é referido em 12 e 17 de Agosto do diário, quando a expedição estava em Cananéa.

Parece que a armada tinha intenção de tocar no porto de S. Vicente como claramente deixa entender a anotação do dia 8 (terça-feira do diário) ; mas com o ceu fechado ás observações do sol e a terra envolta em densa cerração, não foram possíveis os reconhecimentos indispensáveis. Ella passou por S. Vicente sem perceber seu porto.

Somente no decimo dia é que appareceu o sol e dissipou-se a cerração quando as naus estavam fronteiras á ilha de Cananéa, porto em que demoraram 46 dias e donde proseguiram para o rio S. Maria.

A entrada em S. Vicente e o seu consequente povoamento teve lugar no regresso do sul, em 20 de janeiro de 1532, cerca de seis mezes depois que a armada por ahi passou.

Acompanhando-se o diário, no regresso do sul, vê-se que no dia 8 de janeiro, no quarto d'alva, passaram por Cananéa com intenção de alcançar S. Vicente que ficava a 15 léguas, distancia aliás apreciada com erro, porque esses dois portos estão distantes, em recta, duzentos kilometros ou cerca de 33 léguas.

A corrente marítima sendo forte e o vento impetuoso, tiveram de abrigar-se nessa ilha até o dia 16.

No dia 17 continuaram a derrota e fizeram 10 léguas, passando no dia 18 pela latitude de 24°35' que corresponde ao paralello da barra do Ribeira do Iguapé.

•O dia 19 é omittido no dario e no dia 20, domingo, pela manhã, viram a distancia de 4 léguas a abra ou bahia de S. Vicente que lhes ficava a a N. N. O. e para onde seguiram com o vento L. N. E. indo ancorar a meia légua de terra em fundo de 15 braças.

A' tarde soprou forte vento N. O. com chuva e trovoada. O mar agitado chegava a cobrir o portaló e se não fora ter-se quebrado a unha da ancora, uma das naus teria sossobrado.

Tendo o vento mudado para oessudeste deram á vela e foram ancorar, á noite, dentro da abra, em fundo de 6 braças e areia grossa.

No dia 22 pela manhã foi o anotador do diário em um batel para a banda "daloeste" (oeste) da bahia onde achou um rio estreito em que as naus podiam ser reparadas e á tarde, com vento sul, metteram todas as naus nesse porto, varando uma delias em terra.

Identificando-se os pontos percorridos nos dias 20 e 21 com os nomes modernos, temos que na tarde de 21 a nau ancorou a meia légua da barra de Santos, em ponto fronteiro á barra do Embaré ou do Zé Menino. Com o temporal de oessudeste, seguiu para o canal da ponta da Praia, indo ancorar dentro da abra que fica entre aquella ponta e o Outeirinho.

Desse porto voltaram no dia 21 proseguindo até a ilha do Sol, que é a actual do Frade ou do Barbosa, na pequena bahia de S. Vicente em terreno onde lançaram os fundamentos da primeira villa no paiz.

Desse ancoradouro é que partiu o batel dia 22 e encontrou o rio estreito que foi o seguro ancoradouro das naus, o porto de Tumiarú ou das Naus como inda hoje é conhecido.

GENTIL MOURA.

O DIABO

— Aquelle não é o Juquinba?

— E', sim, mas não é preciso olhal-o desse geito. Finja que não o vê.

— Oh! isso não. Quero-lhe muito bem. Você é ingrato, Affonso! E a piedosa senhora, agarrando o braço do marido, obrigou-o a parar.

— Lembre-se, Affonso, que se não fosse elle, não estaríamos hojie casados. Foi elle quem nos approximou um do outro, quem teoeu as primeiras intrigas do nosso namoro, quem me entregou a primeira carta que você me escreveu. Não, devo-lhe muito, devo-lhe toda a minha felicidade. Não quero que você o despreze, sim?

Affonso sentia-se commovido com as palavras da mulher. Vinham do cinema. A garôa era espessa áquella hora da noite. Ella estava envolvida num amplo "manteau" e além disso tinha o pescoço abrigado numa boá de pelle de raposa. Elle trazia levantada a gola do sobretudo e as mãos enterradas nos bolsos.

Juquinha, encostado á porta de uma cervejaria, permanecia immovel, com os olhos pregados no chão. Pôde ser que estivesse distrahido, mas pôde ser também que fosse proposito. O pudor dos seus frangalhos deu-lhe o habito de desviar os olhos toda vez que encontrava antigas relações de sociedade. Mais que o fato ensebado e morrinhento e os sapatos encorreados, que pouco conservavam da fôrma primitiva, a barba crescida de muitos dias, onde se viam fios brancos, imprimia-lhe um aspecto de resignada indigência.

Foi d. Laura quem se adeantou:

— Juquinha...

O pobre moço deu alguns passos para dentro da cervejaria. Talvez não tivesse ouvido o appello ou talvez tentasse evitar aquelle encontro que o embaraçava. Isso sensibilisou ainda mais a linda senhora, que o alcançou e o fez parar, collocando a mão enluvada sobre o seu hombro numa pressão affectuosa. Por um instante receou que elle estivesse embriagado. Mas a piedade sobrepujou o receio, e sem retirar a mão do hombro do moço, guiou-o para fóra, onde Affonso os esperava, vagamente apprehensivo.

— Venha comnosco, Juquinha! Estou com muita saudade de você e temos muita coisa que conversar, falou d. Laura com uma inflexão muito enternecida na voz.

— Que grande desajuizado que me sahiste! exclamou Affonso, passando para outro lado, de modo a ficar Juquinha flanqueado entre os dois. Ha muito tempo que não te vemos e não temos noticias de ti. Acompanha-nos até a casa, e em caminho vae nos contando que diabo de vida tens levado.

— Você vae contar-nos tudo, Juquinha, tudo o que lhe tem acontecido. Eu mereço uma confidencia sua, bem franca, bem sincera porque você bem sabe quanto o estimo, não é verdade?

— Sei, murmurou por fim o rapaz, confirmando com um gesto lento de cabeça aquella amoravel certeza.

— Porque então não nos procurou mais? Isso até parece ingratidão. Sei que tem soffrido muito, muitas necessidades; pois porisso mesmo é que deveria procurar-nos, a nós, que somos os seus melhores amigos. Se você não fugisse de nós, acredite que não teria soffrido tanto.

— Pois decerto, confirmou o marido. Eu, por minha parte, não consentiria que tivesses desandado nessa miséria. Havia de guiar-te na vida, dar-te um emprego, fazer por ti qualquer coisa.

Tinham chegado a uma pequena praça arborisada. A garôa tornara-se tão densa que nem se viam os mais proximos combustores de gaz, e o halo que circumdava cada foco de luz parecia limitar a sua irradiação.

— Vocês ainda moram aqui ? indagou o rapaz, erguendo a gola do paletot, transido de frio.

— Não. A nossa casa fica no segundo quarteirão depois da praça. Vamos até lá. Quero offerecer-te uns grogs quentes.

— E emquanto caminhamos, vá nos contando a sua historia. Explique-nos primeiro que phenomeno é esse que transformou o moço elegante que você era, tão elegante e brilhante, no bohemio que é hoje. Custa-me até a crer!

— Contarei tudo, porque não? Não é segredo. Mas contarei quando chegarmos a casa e o Affonso me encorajar com uma dóse de cognac.

Em poucos minutos chegaram a casa. Era um lindo bungalow acabado de fresco. Entrava-se por um largo portão de ferro. A areia da aléa estalava sob os pés. De lado a lado extendiam-se renques de arbustos, que pareciam, envoltos no nevoeiro, tapumes alvacentos.

O bohemio não poude disfarçar o seu embaraço quando entrou na sala de jantar. Aquella illuminação excessiva, o luxo daquelle interior e a elegancia apurada dos seus amigos punham mais em evidencia a sua miséria, e a tornavam quasi theatral.

D. Laura fel-o sentar junto á mesa, foi ella mesma buscar uma garrafa de whisky e dois cálices. E despejando o liquido de alto, muita risonha:

— O cognac acabou-se. Contente-se com isso. Não conte a sua historia emquanto eu não voltar. Vou libertar-me do "manteau" e do chapéo.

Depois que ella voltou e se sentou ao lado do marido, abraçando-o pelo pescoço com seu braço nú, é que Juquinha começou a contar as suas aventuras, depois de encher novamente o cálix.

— Vocês nunca ouviram falar que a gente quando vê o diabo .nunca mais tem sorte?

— Engraçado... commentou a moça. Nunca ouvi falar nisso.

— Meu pae, continuou o bohemio, era muito lido em coisas satanicas. Sabia invocações, exorcismos, toda a thaumaturgia medieval. Fazia collecção de pentaclos de magia negra. E elle me dizia sempre que quem se encontra uma vez com o diabo será sempre infeliz. Foi o que me aconteceu...

— Ein? fez Affonso, arregalando os olhos. Viste então o diabo?

— Vi e privei com elle durante algumas horas.

Juquinha que tinha os olhos pregados nos dois amigos, desviou-os sob pretexto de apalpar as algibeiras a ver onde estavam os cigarros. Não trazia cigarros. Foi um jogo para dar tempo ao casal de trocar entre si um sorriso, que é o único commentario que merecem os disparates. Erguendo depois os olhos e fixando-os de novo nos dois:

— Vocês estão a cuidar que perdi o senso, que o soffrimento, as privações e também o álcool me avariaram o juizo. Nada disso. Intellectualmente sou o mesmo homem de outros tempos. Estou de posse de todas as minhas faculdades. Verdade é que ninguém se conhece. Se se perguntar a um bobo se elle é bobo, responderá sem pestanejar: "Bobo, nada!" Mas o meu caso é diffe-

rente. Sou dotado de um grande senso critico e de analyse e posso garantir a integridade da minha razão.

— Creio, creio, mas explica-nos lá como foi que viu o diabo.

— Foi logo depois que voeèS se casaram. O vicio do jogo me havia empolgado inteiramente. Ao cabo de alguns mezes tinha perdido tudo e só me restavam títulos de dividas. Perdido o credito, entrei a viver a custa dos meus amigos, que me forneciam, a principio de boa sombra e depois á má cara, ceias, charutos e algum dinheiro meúdo. Então, ainda era elegante, conservava alguma linha de distracção e, embora raramente, ainda apparecia na sociedade, onde, como vocês se lembram, me impunha pelo meu brilho pessoal. Uma vez, no club, cançado de farejar como mirone as mesas de jogo, cocando as grandes paradas felizes, a ver se me davam algumas fichas, o que era raro porque todo 'mundo já me olhava com desconfiança, sentei-me a uma mesa, sósinho, e comecei a divertir-me com um baralho velho. Figurei um pocker a dois, entre mim e o diabo. Coisa de travessura. Ora eu dava as cartas, ora o diabo as dava. Como me habituara a perder sempre, mesmo nesse jogo caprichava em perder. Como os namorados sem ventura, eu inventava novas angustias para augmentar o meu desconsolo. Assim, por exemplo, dadas as cinco cartas, eu olhava as do diabo para fazer as pedidas, de uma, de duas ou tres cartas, conforme a combinação que queria obter. As minhas, porém, eu não olhava. Eu jogava sempre "no escuro". Sabes o que isso quer dizer?

— Tu o dirás.

— No pocker, como em outros jogos mais, quando o parceiro "vae" sem ver as suas cartas, diz-se que "vae no escuro". E' sempre arriscado isso e é o que eu fazia. Eu comprava duas ou tres cartas sem ver as minhas, ou não comprava nenhuma e apostava sem ver. Pois, meus amigos, quando eu ia verificar o meu jogo, era certo que tinha pelo menos uma quadra e, ás vezes, combinações que só se acertam uma vez na vida. Eu estava assombrado. Numa dessas occasiões chamei um rapaz que passava para lhe contar a coisa extranha. Elie fez que não me ouviu, e seguiu adeante. Comprehendi. Era um jogador que se retirava contando os lucros...

— Como você decahiu, Juquinha! ciciou d. Laura, meneando a cabeça com lastima.

—• Muito mais do que pensa, minha amiga. Eu estava então no primieiro degráo da minha decadencia.

Disse isso de uma fôrma que poderia parecer cynismo se não fosse proposito de sinceridade.

Depois, mudando de tom:

— Continuei nas minhas experiencias. E caprichando sempre na combinação das cartas quando fazia o jogo para o diabo, e fazendo o meu ás cegas, vinham-me ás mãos os jogos mais extraordinários. Ao levantar-me para sahir, disse quasi em voz alta: "Vale a pena ter o diabo como parceiro!"

Antes de me dirigir ao vestiário para tomar o meu chapéo e sobretudo, fui até ao salão a ver se havia algum conhecido. Lá estava um individuo a ler um jornal. Era um typo extranho, exótico. Usava umas polainas de tecido espesso, que julguei a principio que fosse astrakan, e que lhe davam um aspecto de frango calçudo. Era provavelmente um nobre russo. Todo elle, afóra os pés, desapparecia envolto num sobretudo inverosímil, de desenho escossez de varias cores. Coisa de dar na vista. O perfil, de nariz proeminente e de curva em bico d'aguia, tinha uma expressão duríssima. Quando terminei o meu exame, o homem levantou-se. Era alto e magro. Altura e magreza excessivas. A cara escanhoada era de um tom violáceo na zona occupada pela barba. Encaminhou-se para o meu lado com uma lentidão que me pareceu propositada, como se quizesse dar-me tempo para examinal-o melhor.

— Cavalheiro, falou, estava aqui a espera de alguém que me conduzisse á sala de jogos. Não conheço ninguém... Quererá o senhor fazer-me companhia?

— De boa vontade! respondi com uma alegria transbordante, . com essa alegria e solicitude que revelam, no "piaba", a esperança das propinas.

— Eli não sei jogar, nunca joguei, disse. O senhor jogará por mim.

— Que jogo?

— Não sei. Qualquer. Roleta, baccarat, campista. E quanto será preciso de capital?

— Para começar bastam duzentos mil réis, informei.

— E' pouco.

E enfiando a mão nas profundidades do sobretudo, tirou uma carteira de couro.

— Aqui está um conto de réis.

Ao guial-o á sala de jogo, onde todas as mesas estavam funccionando, puz-me de espreita a ver a impressão que o meu exótico companheiro havia de causar. Ao contrario do que pensava ninguém o notou. O proprio "garçon" que passava com a bandeja e veiu offereoer-nos café, olhou-o tão naturalmente como se olhasse uma pessoa normal. Eu então para forçar-lhe a curiosidade, pisquei-lhe um olho e apontei o meu companheiro

com um soslaio significativo. O "garçon" não me comprehendeu. Sorriu apenas, por deferencia. O "chasseur" que me trouxe as fichas, os mirones ociosos, todos o olhavam sem dar mostras de extranhal-o. Isso intrigou-me.

— Vamos começar pelo baccarat? propuz.

— Como quizer.

<E mostrando, num sorriso malicioso, os dentes grandes como tremoços:

— Vae ver o senhor que vale a pena ter o diabo como parceiro.

— Que! fiz eu com espanto. Que quer dizer com isso?

— Nada, urna simples phrase.

Na verdade era uma simlples phrase que nada significava. Quanto ao ser ella a reproducção de um pensamento que eu formulara minutos antes, devia ser isso levado á conta de coincidência. Ao passarmos pela mesa de baccarat, o "croupier" annunciou um "banco" de um conto de réis.

— Faça o "banco", insinuou o meu companheiro.

Fiz. Ganhei. Recolhidas as fichas, dividi-as em dois montes sobre cada "tableau", por ordem do meu companheiro. Lá as deixei "dormindo". Quando o banqueiro se confessou vencido e deixou de bancar, tínhamos ganho precisamente dezeseis contos. Passámos á roleta. Distribui algumas fichas pelas casas da primeira dúzia. Coisa de umas centenas de mil réis. Quando, porém, a bolinha ia cahir na baia, puz á pressa uma ficha de duzentos no zero, sempre em obediencia ao homem. Deu o zero. Ganhámos sete contos. Como sempre, ia-me elle indicando os números sobre que devia jogar, e assim acertamos, sem errar uma única vez, no 4, no 11, no 36, no duplo zero, e mais tres vezes, a seguir, no zero. Eu ia diminuindo as paradas com pena do banqueiro, que, por fim, assombrado, annunciou a ultima bola. Na campista, a mesma sorte. Elie dizia-me ao- ouvido a combinação, e a combinação dava invariavelmente. Eu estava positivamente cançado de ganhar.

— Quanto ganhaste ao todo? interrompeu Affonso, a quem aquelles pormenores de jogo não interessavam.

— Cem contos, sem contar uns tres ou quatro que distribui em propinas entre os empregados do club.

Eram cinco horas da madrugada. Suspenderam-se os jogos porque eu tinha "arrebentado" todas as bancas. Já não havia quasi ninguém. Propuz ao homem trocar as fichas em dinheiro. Elle concordou com um gesto de cabeça. O empregado do cacifo entregou-me pelo guichet cem contos. Eu estava radiante e

antegosava o prazer das propinas que me es.tariam reservadas. Recebido o dinheiro, contado e recontado, voltei-me para lh'o entregar. Elie tinha desapparecido. Procurei-o por toda parte. Nada. Indaguei dos empregados. Ninguém o viu, ninguém se lembrava delle. O "garçon" que nos servira o café informou, sem muita segurança, que o vira sahir em companhia de outros. Como podia tratar-se de outra pessoa, descrevi o typo:

— Um homem muito alto, muito magro, de polainas pelludas...

O "garçon" não se lembrava de ter visto ninguém desse feitio.

Desanimado de o encontrar, sahi. A rua Quinze estava inteiramente deserta. Fui andando á espera de um bonde, mas apprehensivo com o incidente. Aquelle dinheiro incommodava-me. Ao chegar á praça da Catfiedral, senti no hombro a pressão de uma mão. Voltei-me, suprehendido. Era o meu homem. Dir-se-ia que elle surgira do chão naquelle momento.

— Onde estava o senhor? perguntei com espanto e de uma fôrma que o fez rir.

— Tinha apressado o passo para alcançal-o.

E' possivel que fosse assim, apezar de eu não ter presentido ninguém atraz de mim. Levei, pòis, o caso á conta de distracção.

— Aqui está o seu dinheiro, disse-lhe, fazendo o gesto de sacal-o do bolso.

Elie tolheu o meu gesto.

— Guarde-o para o senhor. Restitua-me apenas o capital inicial. Os lucros são seus.

— Mas...

— E' como digo. Tenho repulsão por dinheiro de jogo. E' uma questão de princípios.

A espórtula sahia-me mais gorda do que eu pensava. Murmurei um "obrigado". Nunca tive uma noção tão nitida da felicidade como naquelle momento.

— O ar está tão fresco! falou. Vamos andando a pé? Onde mora o senhor?

— Na rua Vergueiro, na ultima casa.

— Na penúltima, quer dizer...

— Não, .na ultima.

— Na ultima moro eu, affirmou num tom secco. Estou bem certo disso porque além da minha casa ha apenas um campo abandonado. Conheço a sua casa. Tenho-o visto ás vezes á janella.

A minha casa era a ultima da rua. Mas não discuti. Demais, ia ter a prova quando lá chegássemos.

— Não seria melhor irmos de taxi? propuz. Olhe que a distancia é grande!

— Não digo que não. Sem embargo, vamos andando para desemperrar as pernas. Está tão agradavel a temperatura...

Desde esse momento áquelle em que avistei a minha casa, no extremo da rua, não me lembra mais o que succedeu. Tive a impressão que todo aquelle longo trajecto foi feito em fracções de segundos. Entretanto, não poderíamos ter vencido a distancia em menos de uma hora. Durante esse espaço de tempo o meu pensamento esteve suspenso. Tratei de invocar tudo que pudesse trazer-me á realidade, a ponte, o quartel de policia, certos aspectos familiares da rua, mas tudo me passara despercebido e por tudo passei coimo se estivesse dormindo.

— Esta é a nossa casa, falei, parando deante do portão. Vamos entrar?

— Oh! não!

Acompanhei-o mais alguns passos. De facto, depois da minha casa havia outra. O meu companheiro tinha pois razão. Emtanto eu era capaz de jurar que depois da minha casa não havia mais nenhuma. E não se diga que eu não conhecia o bairro. Havia dez annos que eu morava alli.

A casa delle, que ficava logo adeante da minha e que eu via pela primeira vez, era um casarão soturno de estylo colonial. Elie tirou a chave do bolso, abriu a porta.

— Quer entrar um bocado?

— Não, fica para outra vez.

Elie extendeu-me a mão, urna mão de dedos longos e fortes.

— Devo-lhe um immenso obsequio, meu caro senhor, e ainda não sei o seu nome.

— Pedro Botelho.

Sorriu de um geito especialíssimo, quasi com uma careta de escarneo, e entrou.

Dei alguns passos e ouvi o rumor da porta que se fechou atraz de mim. Nesse instante lembrei-me de combinar com elle um ponto de encontro á noite para irmos ao club. Voltei immediatamente. Onde estava a casa? Não existia. Em logar delia, lá estava o velho muro de taipa, muito meu conhecido. Dei alguns passos para traz afim de examinar melhor o sitio. Além do muro só havia o campo. Meus cabellos arrepiaram-se. Entrei em casa e recostei-nie na cama para esperar o dia. Não ha como o sol para afugentar essas abusões. Eu estava convencido de que fora victima de uma allucinação. Mas veiu o dia e com elle todos os rumores da rua. As pessoas da casa levantaram-se. Levantei-me também. O meu primeiro cuidado foi sahir para examinar o ve-

lho muro. Lá estava elle, esboroado em parte, todo coifado de vegetação brava, tal como o via todos os dias havia dez annos. Que extranha allucinação a minha! Receei um desequilíbrio mental. Eu precisava provar a mim mesmo que tudo aquillo não passava de um sonho de allucinado. Foi quando me lembrei do dinheiro. Com um gesto súbito apalpei o bolso interior do sobretudo. Senti-lhe o volume e o peso. Expul-o á luz do dia, olhei-o bem, examinei a estampa de algumas cédulas... Não era portanto um sonho, mas realidade.

— E que fizeste dos cem contos? perguntou Affonso.

—• Duraram alguns dias. Perdi-os ao jogo.

E emborcando o cálix de whisky:

— A datar dessa aventura, tudo em minha vida é uma successão de desastres e decepções. Tudo me sae torto.

Levantara-se. D. Laura, que estava impressionada, perguntou :

— Não será um phenomeno de espiritismo, Juquinha?

— Não faço idéa. Não creio no espiritismo. Demais, fui sempre um sceptico. Nem em Deus acredito.

— Mas acredita no diabo...

— Isso é outro caso...

JULIO CESAR DA SILVA.

O TURISMO NO BRASIL

Como tantas coisas nos paizes novos, o turismo não está adiantado no Brasil. Se de um lado nos faltam aqueductos romanos, castelos medievais, ruínas prehistóricas, por outro sobejam-nos as belezas naturaes em todos os Estados.

Muitas coisas concorrem para o nosso atrazo em matéria de turismo.

Faltam-nos, antes de tudo, meios cômodos de transporte. Tirando a Central, a Inglesa e a Paulista, que já teem bons serviços de *sleeping car* e *áming-car,* as demais companhias de estradas de ferro sujeitam os passageiros a refeições apressadas em maus restaurantes do caminho, a más dormidas em apertados e sacolejados leitos em carros dormitórios sem banheiro nem outros confortos que suavizem as agruras da viagem.

Poucas agências existem que se encarreguem do transporte, para hotéis e gares, das bagagens dos viajantes. O viajante ao chegar a qualquer estação é sitiado por uma multidão de ganhadores a apregoar seus serviços, pagos a peso de ouro. E' verdade que no Rio já existem agências, em Santos também, mas a ignorância da existência delas e a pouca propaganda muitas vezes as tornam quasi inúteis. Desembarcava eu em Santos em Dezembro passado e, entre dezenas de carregadores que acenavam para o navio, apenas vi dois de uma agência, a quem confiei minhas bagagens. Indiquei para onde ia, em que hora lá estaria, fui almoçar, passeei pela cidade e, á hora aprazada, tudo o que era meu estava pranto para seguir viagem para S. Paulo sem que eu tivesse outro trabalho além de pagar a módica taxa de 2$500. Meus companheiros de viagem que entregaram suas bagagens a carregadores avulsos, tiveram aborrecimentos e ainda se sujeitaram a pagar o que êles exigiram.

As agências precisam, por meio de anúncios nos navios, trens, guias, hotéis, tornar-se mais conhecidas do público para benefício recíproco. Quem uma vez se livra da praga dos carregadores, não quer mais saber senão da agência.

No Uruguai há uma, *La Uruguaya,* que por preços muito módicos se encarrega de despachar na alfândega e levar ao ponto indicado as bagagens dos viajantes; na Argentina há duas, *La Confiansa* e o *Exprcso Villalonga,* que mandam representantes aos pontos de embarque e desembarque.

Porque não fazermos outro tanto?

Outro problema difícil: os hóteis. Bons hotéis, embora caros, há nas grandes cidades. Mas nem todos os viajantes são milionários. Em viagem é sempre bom, por causa dos imprevistos, poupar algum dinheiro; dai procurar hotéis confortáveis que não obriguem a desvaziar a bolsa e desses hotéis há falta. Pequenas comodidades, como nos aparelhos sanitários e banheiros, não dispendiosos, não fazem parte das cogitações dos hoteleiros. No hotel X o banheiro e o *watcr-closct* ficam no meio de uma área e não teem luz, o que obriga um viajante a dirigir-se àqueles compartimentos através da chuva e a tomar banho no escuro! Que custava fazer uma pequena passagem coberta e pôr uma lâmpada no banheiro? O proprietário ganha da mesma forma, por isso não se incomoda.

No hotel Y, a simples abertura de uma porta numa parede dispensaria o hóspede de, para ir ao banheiro, dar de pijama uma volta enorme por uma varanda que dá para o jardim da frente da rua. Porque não se abre essa porta?

Felizmente há excepções honrosas. Em Sant'Anna do Livramento tive uma verdadeira sorpresa quando me hospedei no hotel existente na praça principal. Um pequeno, mas asseiado *hall,* quartos bem caiados, com móveis novos, água encanada, muitos e bons banheiros, bela sala de jantar com mesas pequenas, tudo isso aliado a uma gentilcsa francesa no modo de tratar e á modicidade dos preços.

Oxalá todos os nossos pequenos hotéis se comparassem a êste!

Problema importante para quem viaja é a provisão de dinheiro em casos imprevistos de roubo, perda, excesso de despesa.

Felizmente êste problema já está em parte resolvido com as agências que o Banco do Brasil tem espalhado por toda parte. Tive há pouco oportunidade de verificar. Munido de um saque á minha ordem, com a simples apresentação dos meus papeis de identidade, levantei fácilmente um dinheiro de que inesperadamente precisei.

No Rio Grande do Sul o Banco da Província tem filiais em todas as cidades importantes, de modo que fica fácil assim levantar dinheiro por intermédio dêste banco.

Poucas cidades temos nós que representem um labirinto onde o viajante se perca, de modo que, a não ser para o Rio de Janeiro, e S. Paulo, quase não há necessidade de um guia.

Entretanto, um guia não é absolutamente desnecessário.

O guia é quem antes da viagem nos indica o que há que ver em cada cidade, poupando-nos assim tempo e trabalho.

Não temos, nem para o Rio de Janeiro, guias dignos dêste nome. Quando vemos os belos guias europeus, os Bedaecker (do qual já existe um volume para a República Argentina, o qual dá ligeiras notícias sobre o Uruguai e sóbre o Brasil), é que sentimos a falta que nos faz um bom indicador.

Retrogradámos neste particular. O sr. Valle Cabral, em 1882, publicou um guia do Rio de Janeiro que até hoje, que êle está atrasado, é o melhor que conheço. Já não falo nas magníficas descripções de monumentos, edifícios, belezas naturais, etc. A parte prática, chegada, locomoção, hospedagem, alimentação, asseio, informações, comunicações, divertimentos, programas de passeios, partida, linhas ferro-viárias e marítimas, tudo eátá tão bem explicado que valia a pena pôr em dia o trabalho de Valle Cabral.

Além dêste conhecemos os de Paula Pessoa, da Casa Moura, da *Bloile du Sud* e outros, que entretanto com êle não se comparam.

E pensar que no Centenário numerosos estrangeiros nos visitaram e não souberam como orientar-se!

Mesmo nas cidades pequenas, onde ninguém se perde, um guia com planta não é inútil. Há sempre uma casa histórica, um monumento interes-

sante, uma inscrição, etc., cujo passado não podemos adivinhar e é o guia que nos vai ensinar. Não é mais interessante contemplar a bela catedral de Curitiba sabendo que ela é cópia da de Barcelona? Não é belo contemplar a coluna da praça mais importante de Rio Grande, sabendo que ela é um dos poucos, senão o único monumento levantado no Brasil á abolição?

Além da falta dos guias lutamos com a penúria de álbuns e postais.

Como é agradável trazer fotografias de um lugar que visitámos com prazer!

Se é verdade que para o Rio de Janeiro já temos álbuns incomparáveis, para o resto do Brasil nada temos. Bati S. Paulo um dia inteiro a procura de um álbum e não achei. Com dificuldades inauditas comprei postais em Joinville e outros pontos, chegando até apanhar medonhas soalheiras em certos sitios para encontrar o único logar onde talvez houvesse uma meia dúzia de cartões.

Guias ferro-viários temos mais de um até, mensalmente publicados, mas iolo será quem se fiar inteiramente neles. Merecem apenas uma confiança relativa; não convém prescindir das informações verbais na fonte limpa, do contrário paga-se preço maior do que o que está marcado, não há refeição na estação que está indicada, a hora da partida já não é a mesma e uma série de pequenos contratempos nos amargurará a viagem de recreio.

Com todos êstes obstáculos como pode estar adiantado o turismo no Brasil?

Déssem bons trens, hotéis bons e baratos, guias bem explicativos e bem informados e o gosto pelas viagens se desenvolveria. Há muito que ver em lodos os Estados: Paulo Afonso, o Iguassú, Ouro Preto com suas ruinas, S. Paulo com seus arrabaldes, a serra de Curitiba e Paranaguá, a Veneza do Norte.

Se com viação rápida e cômoda, há no Rio de Janeiro muita gente que não conhece as três cidades de verão, Petrópolis, Teresópolis e Friburgo, como esperar que esta gente vá arriscar-se em penosas viagens por êsses Brasis afora?

A *Agência Cook* inaugurou em 1907 as excursões para o Brasil, mas êste belo movimento não teve continuação.

Existe agora, com sucursais pelos Estados, uma empresa que faz inteligente propaganda das nossas estações de aguas e praias de banho, mas parece que o grande público ainda não se interessa por estas coisas. Falta-nos ainda o hábito das férias anuais, de quinze dias que sejam, aos que labutam o ano inteiro nas diversas profissões. Quando todos tiverem anualmente dias de folga e se convenoerem de que o melhor emprego deles é viajando, conhecendo o paiz, neste dia começará promissora época para o nosso turismo.

ANTENOR NASCENTES.

FATIA DE VIDA

NÃO era homem querido, o doutor Bonifacio Torres. Não era querido pela razão ponderosa de pensar dc sua cabeça. Para ser querido, força é pensar como toda a gente.

"Toda-a-gente"!

Moloch social, cujos mandamentos havemos de seguir, cabecinha baixa, sob pena de engenhosos castigos. Um delles: inaidir em o anathema da exquisitice.

— E' um exquisitão!

Inútil dizer mais. O marcado vê-se logo posto de través e á margem, como o leproso. E' um indesejável. E' um suspeito. Haja meios, e eliminam-.no do grémio, como a corpo estranho, de malsão convivio.

Assombramo-nos hoje recordando os crimes collectivos que enchem a historia — santo-officio, guerras, matanças religiosas. Transportadas á época, vemos que os instigou "Toda-a-gente", o monstro incoercível. Como vemos ainda que progredir não passa de consolidar as victorias obtidas contra elle pelo exquisitão.

"Toda-a-gente" não tolerava duvidas sobre a fixidez da terra. Veiu um exquisitão e disse: a terra move-se em redor do sol. "Toda - a - gente", por intermédio de seus representantes legaes, agarrou o velho pelo gasnete e forçou-o a retratar-se.

—• Renega a heresia, infame, ou asso-te já na fogueira!

Galileu baixou a cabeça encanecida e abjurou. E a terra, que começara a gyrar em torno ao sol, teve que mudar de politica e immobilizar-se por muito tempo ainda. Hoje, roda livremente. O monstro deu-lhe essa liberdade...

Como se vê, apesar da guerra que "Toda-a-gente" move aos exquisítões, as idéas destes influenciam e aos poucos transformam a mentalidade do Moloch. A principio o monstro encarcera, esquarteja, empala, suffoca. Depois, repêso, medita e murmura: elle tinha razão! E adhere, cynicamente.

"Toda-a-gente" tem hoje a caridade como dogma infallivel, e por esse motivo encarou com assombro o dr. Bonifacio quando o exquisitão sorriu á phrase rochonchuda do conego Eusébio. O conego Eusébio, conspicuo representante legal do Moloch, dissera no tom solenme dos que monopolizam a verdade sobre o orbe:

— Não ha virtude miais sublime. Só ella tem forças para resolver a questão social. Aquelle movimento bellissimo durante a epidemia — que replica de escachar ao espirito que nega! Todos, á uma, governos, matronas, meninas, associações, todos empenhados em lenir os soffrimentos dos pobres, como a derramar Deus nos corações!...

Bonifacio sorrira e o padre olhara-o de revés, com saudades, quem sabe, do bem-aventurado tempo em que sorrisos taes recebiam a replica do fogo pio.

— Sorri-se, o hereje? Nega *até* a caridade?

— Não nego, respondeu o philosopho, porque não nego nem affirmo coisa nenhuma. Negam e affirmam os actores, os que se agitam no palco da vida. Eu tenho meu lugarzinho na platéa e, como não represento, observo. E como observo, sorrio — sorrio para não chorar...

— Seja mais claro.

—. Serei. Quando o reverendo se abriu em louvores á caridade, não desfiz nessa christianissima virtude. Lembrei-me apenas de certo drama a que assisti e que a ter um nome seria: *Ne, charitas..* • E sorri — sorri-me, repito, para não chorar...

Houve uma breve pausa de interrogativa expectação e o dr. Bonifacio principiou.

— Minha lavadeira...

As anecdotas tem força de iman. Vários curiosos se approximaram do contador.

— Minha lavadeira, como todas, era uma pobre mulher de incomparável heroísmo, desse que os épicos não cantam, o Estado não recompensa e ninguém, siquer, observa. Para mim, entretanto, é a forma nobre por excellencia do heroísmo, a lucta silenciosa contra a miséria.

— Que exquisitice!

— Porque é heroísmo ininterrupto, sem tregoas, sem momento de repouso, só obstado quando a valia commum dá o "basta". Alem disso, sem esperança de paga.

— Vamos ao caso!

— Viuva com quatro filhos, a heróica Izaura matava-se no trabalho incessante. Aquellas mãos vermelhas, curtidas... Aquelles braços requeimados... Que machinas! Era do movimento delles que vinha o sustento da casa. Parassem, repousassem — e a Fome, esqualida megera que ronda os bairros pobres, metter-se-ia portas a dentro.

— Deixemos isso, deixemos isso...

— Izaura, minha pontualissima lavadeira, não me appareceu, como de costume, com a sua bandeja de roupa lavada, no primeiro sabbado da grippe. Em lugar delia veiu uma visinha.

— A Izaura? perguntei-lhe.

— A's voltas com os filhos. Deu lá a hespanhola e a pobre anda numa roda viva.

— Hei de ir vel-a, coitada!

— E' caridade que o senhor faz. A pobre é bem capaz de endoidecer...

Não fui. Impediu-m'o a doença, cujos primeiros symptomas nesse mesmo dia comecei a sentir. Duas semanas passei de molho. Quando me levantei e me preparava para visital-a, eis que me reapparece a pobre mulher.

Em que estado! Envelhecera vinte annos, tinha os cabellos brancos, os olhos no fundo, ar de vencida, de esmagada pelo destino. E tossia...

— Sente-se e conte-me tudo.

Sentou-se e sem derramar uma só lagrima — ja as chorava todas — narrou-me sua tragedia.

Tinha em casa uma filha de dezoito annos, que trabalhava na costura; outra, de dezeseis, que ajudava na lavagem; um filho de quinze, entregador de roupa e mais uma netinha de seis annos, orphã.

A grippe apanhou-os a todos e a ella também. Mas a pobre creatura não soube disso, não o notou. Como perceber que estava doente se suas faculdades eram poucas para attentar nos filhos? E lá sarou, de pé, sem um remedio. E como ella sarariam os filhos todos se...

O dr. Bonifacio voltou-se para o conego.

— ... se a caridade não interviesse...

— Já sei onde quer bater, exclamou o conego. Mas cumpre notar que quando falo de caridade não me refiro á assistência publica, nem se quer á philanthropia. Falo da caridade-sentimento, da caridade virtude christã — concluiu baforando o cigarro, alegre, convencido de ter cortado as vasas ao contendor.

O dr. Bonifacio proseguiu.

— ... se a caridade-sentimento não interviesse por intermedio do coração bondoso de uma visinha. Esta visinha, compadecida daquelle angustioso transe, telephonou a um posto medico, narrando o caso e pedindo assistência. A ambulancia veiu, justamente durante a ausência da mulher, sahida a compras, e levou-os todos para o Hospital da Immigração.

Corriam boatos apavorantes a respeito deste hospital improvisado, onde — murmuravam — só se recebiam os pobres hem pobres e o tratamento era o que devia ser, porque pobre bem pobre não é bem gente. De modo que ir para lá apavorava o povinho miúdo.

Assim, ao voltar e ao saber do acontecido, Izaura estarreceu. Foi como se o proprio inferno houvesse aberto as guelas e engulido os adorados doentes. Quem zelaria por elles? Sózinhos, em meio de desconhecidos, de enfermeiros mercenários, que seria das pobres creanças?

Correu para lá, inquirindo ás tontas: "A Immigração? Onde fica a Immigração?" "E* por aqui." "Dobre a direita". "E' lá, naquella casa grande", informavam-na pelo caminho.

Chegou. Bateu, Esperou tempo enorme implorando á porta. Entravam e sahiam pessoas apressadas, médicos, ajudantes, homens de avental. "Não é commigo", diziam. "Espere." "Bata outra vez".

Afinal, uma alma caridosa...

— Ca-ri-do-sa, repetiu o conego, sorrindo.

— ... uma alma caridosa appareceu e deu-lhe a informação pedida. Os filhos estavam lá, mais a netinha. A de dezeseis annos, porem, com typho.

— "Typho?!

A alma caridosa enterrou mais fundo o punhal:

— "Sim, typho, e do bravo.

A mulher já não ouvia. De olhos esbogalhados, como fóra de si, repetia a palavra tremenda: "Typho!" Conhecia-o. Fôra o morbus terrível que lhe arrebatara o marido.

— "Quero vel-a.

— "Impossível!

Luctou, insistiu.

Inútil.

A porta ifechou-se á chave e a pobre mulher se viu despejada na rua. Andou á tôa, como ébria, sem destino. "Olha a louca!" diziam garotos.

Súbito, resolveu-se. Havia de ver os filhos. Era mãe. Com que direito lh'os roubavam assim? '"São meus, o mundo nada tem que ver com elles. Eu os tive, eu os criei, só eu os quero no mundo.

São tudo para mim. Como gentes estranhas m'as roubam e me impedem que os veja? Nem ver, ver, ver? Havia de vel-os.

Galvanizada pela resolução correu a implorar soccorro de um rico, cuja roupa lavava.

O rico deu-lhe carta. "Vá com isto que as portas se abrem".

Nova corrida ao hospital. Nova espera angustiosa. Por fim a alma caridosa...

O dr. Bonifacio entreparou, olhando para o padre. Como este silenciasse, proseguiu :

Por fim a alma caridosa reappareceu.

— "Posso dar noticias; deixar entrar, não!"

— "E a carta?"

— "Inútil. Expressamente prohibido".

—• "Pois dê-me noticias, então".

A alma caridosa entrou e a triste mãe, embrulhada em seu chalé humilde, ficou a um canto esperando. Minutos depois reappareceu a alma caridosa.

— "Olhe, sua filha morreu."

— "Mór..."

E os olhos da miseranda mãe exorbitaram, e seus dedos se crisparam...

— "M,orreu, mas qual delias,"

— "Uma delias".

— "Mas qual? qual?...

Já eram gritos lancinantes que lhe sahiam da bocca. A alma caridosa fechou a porta e sumiu-se...

Seu infinito desepero em casa, a revolver-se na.cama, a remorder o travesseiro. "Qual? Qual? Qual?"

A dor requintava-se ante a incerteza. "A Ignezinha?. A Marietinha?

E o cerebro lhe estalava na ancia de adivinhar. "Qual delias? Qual delias, meu Deus?"

São dores que a palavra não diz. Imagina-os a imaginação de cada um. Adeante!

No outro dia, a mulher surgiu lá de novo. Repete-se a scena — a ansiosa espera de sempre, os pedidos com lagrimas a debuIharem-se dos olhos. O ambiente é o mesmo, de indifferença geral. Só não ha indifferença na alma caridosa, que reapparece e pergunta :

— "Que quer?

— "Meus filhos... saber...

— "NSo estão mais aqui. Foram removidos para o Isolamento, os dois.

— "Os dois?!

— "Sim, porque a pequena morreu .

— "A minha netinha morreu ?!..."

— "Coragem, a vida é isto mesmo"

E a porta fechou-se pela ultima vez.

Os ouvintes, commovidos, ansiavam pelo final.

— E depois?

— Depois? Depois a peste declinou, a normalidade foi-se restabelecendo e os dois filhos restantes voltaram á casa materna. Em que estado ! O menino, semi-morto, cadavérico e a Ignez — só ao vel-a chegar soube Izaura qual morrera — e a Ignez, tuberculosa. E alli ficaram, destroços de horrível naufragio, aquelles três miseráveis mulambos de vida, sob a assistência da negra enfermeira — a Fome. E continuaram a viver, sem saber como, de instincto — num desvario, numa allucinação...

Da ultima vez que a vi, disse-me entre dois accessos de tosse :

— Tudo porque me levaram os filhos de casa. Se ficassem, nada teria acontecido. Os da visinha não foram e sararam todos ...

O dr. Bonifacio calou-se. O conego não teve animo de commentar. E a roda silenciosamente dissolveu-se.

MONTEIRO LOBATO.

PROBLEMAS MILITARES

A ARMA DA CAVALLARIA NO PASSADO E NO FUTURO

Este assumpto é árduo e complexo e fonte dé innumeras discussões entre as muitas levantadas pela guerra européa. O papel provável da cavallaria no futuro tem sido estudado com afinco pelos mais abalisados technicos das grandes nações militares.

Podemos dizer hoje que todos chegaram ás mesmíssimas conclusões quanto ao fundo, variando sómente os alvitres quanto á proporcionalidade a estabelecer entre esta arma e as demais. Claro é que muitos elementos têm de influir n'esta ultima consideração, como sejam a topographia, a extensão do paiz e a densidade da população, os recursos em forragem, o maior ou menor desenvolvimento das redes de transportes, etc. Dahi o não poder haver nesta questão uma regra geral e uniforme.

Não se dá o mesmo no que diz respeito ao emprego táctico da arma e da sua adaptação para a guerra moderna, em razão da potencia esmagadora do armamento automatico e semi-automatico, hoje commummente empregado no campo de batalha.

O accordo para a solução d'este problema nas suas grandes linhas é, por assim dizer, unanime.

A guerra de 1914 provou sobejamente mais uma vez que o papel da cavallaria empregada com discernimento é primordial, quer empregada como arma de choque propriamente dita, quer combatendo a pé auxiliada por suas armas automaticas e de apoio, podendo n'este caso aproveitar a velocidade das suas montadas para executar as manobras prescriptas pelo commando — como seja, por exemplo, a occupação rapida de uma posição para fins offensivos ou defensivos.

Nada nos permitte affirmar, muito pelo contrario, que, mesmo na Europa do futuro, os flancos dos adversarios se apoiarão sempre em estados neutros ou em obstáculos intransponíveis. Falhando essas premissas, a cavallaria encontrar-se-á, sem duvida, nas suas condições de emprego normal, podendo ella então operar contra os flancos, a retaguarda e mesmo as communicações do inimigo.

Como não escrevemos para technicos, apontemos agora ao leitor, de modo conciso, as missões essenciaes que incumbem á cavallaria, objectivando-as em seguida com alguns exemplos notáveis tirados das ultimas guerras.

Formar o "ridcau" protector, estabelecer e manter as *ligações,* executar serviços de *segurança* e de *obserz'ação* nos flancos e na frente, fazer *reconhecimentos c raids* de destruição e de intimidação contra as retaguardas, *intervir* no combate sobre os flancos, finalmente *perseguir* sem tréguas o inimigo, quando batido: eis, resumidamente, as variadas e múltiplas missões que competem á cavallaria e exigem d'ella não só esforços de todos os instantes, como também um preparo e um treinamento sem par, alliados a qualidades de decisão e energia, de tenacidade e iniciativa que façam delia a arma em tudo efficiente que deve ser.

Os fastos da cavallaria passada e moderna comprovam todos o que affirmamos. Folheando de relance a historia gloriosa da cavallaria contemporânea, nos deteremos primeiro na guerra da Seccessão, cujas licções em muitas cousas são ainda aproveitáveis hoje. A cavallaria confederada em particular desempenhou um papel admiravel militarmente falando, e executou operações até hoje classicas. Desde o inicio da campanha dá provas dc uma profunda comprehensão da sua missão. Conforme as situações e as circumstancias, age as vezes a pé, ás vezes a cavallo, demonstrando em todas as circumstancias um trenamento perfeito, adaptaveis a qualquer si-'uação para d'ella haurir a maior somma de vantagens para o resultado em vista. Uma cavallaria assim comprehendida e manejada, completada com as ármas de apoio, hoje indispensáveis, parece ser ainda a arma ideal para vastos campos de operações, escassamente povoados, de parcos recursos e occupados por exercitos de effectivos relativamente modestos.

Em 1861, ao iniciar-se a campanha, os regimentos do extraordinário general Stuart constituem o "rideau" que dissimula e protege os movimentos do exercito Johnston. Pouco depois executam brilhantes raids de reconhecimento e de destruição nas linhas de communicação do exercito Mc Clellan, que os tornam celebres no mundo inteiro. Pelos combates a pé travados em Crampton Gap esses regimentos dão a Lee o tempo necessário para concentrar os elementos esparsos do seu exercito e flanqueia vitoriosamente o Corpo Jackson em Frericksburg.

A série das façanhas da cavallaria de Stuart não pára abi. Continua a salientar-se durante toda a guerra sendo igualada na segunda phase da campanha pela cavallaria federal do general Sheridan.

Pouco depois, no Paraguay, chega a vez da cavallaria brasileira colher louros imperecíveis no decurso da campanha emprehendida n'aquellas longínquas regiões pelo Exercito Imperial em pról da liberdade e em desaffronta da honra nacional aggravada.

Limitar-nos-emos a recordar hoje a série de reconhecimentos offensivos executados de Agosto a princípios de Novembro de 1867, por serem estas operações typicas no genero. A primeira, dirigida pelo general D. H. Castro, é executada por uma columna de tres mil homens e tem por objectivo S. Solano e Sanga Honda. As resistências encontradas são completamente dominadas, perdendo o inimigo perto de 150 homens na refrega: a cavallaria brasileira completa o seu desenvolvimento destruindo a linha telegraphica que liga Humaytá a Assumpção. A segunda expedição em direcção a S. Solano sob o commando do general J. L. Menna Barreto tem logar pouco depois, alcançando ella seu objectivo quasi sem opposição do inimigo, que se limita a observar com numerosas patrulhas. E' a epocha em que o Uuque de Caxias executa a sua famosa marcha de flanco sobre Tuyu-Cuê para contornar Humaytá. Setembro e Outubro salientam-se por mais dois

importantíssimos reconhecimentos na barranca do Tayi. O primeiro é levado a cabo pela divisão de cavallaria Triumpho que, depois de encontrar o inimigo em Potreiro Ovelha, o desbarata proximo da villa de Pilar. Inutilisa outra vez, ao regressar, a nova linha telegraphica paraguaya. O segundo por uma columna de 4.000 homens ás ordens do general J. M. Menna Barreto que sustenta um duro combate em Potreiro Ovelha, perto de Tayi. Organisada a posição, interrompe as communicações de Potreiro Ovelha ccm Humaytá; depois de effectivamente occupado Tayi, faz o mesmo em relação ás communicações fluviaes entre aquella praça de guerra e Assumpção.

Não deixemos de mencionar, ao terminar este succinto esboço, o lendário raid de Corrêa da Camara em demanda de Cerro-Corá que poz ponto final á guerra, com a morte de Lopez.

Prestada esta devida homenagem á cavallaria brasileira, lancemos um rápido olhar para a guerra russo-japoneza antes de estudar um pouco mais meudamente, certas phases das operações de 1914 e dos annos subsequentes.

Na guerra de 1904 a única cavallaria verdadeiramente activa foi a russa. A japoneza, por seu pequeno numero e má remonta, limitou-se, cm geral, a fornecer um excellente serviço de segurança e ligação. Em princípios de Maio de 1904 assistimos a uma operação notável, uma das mas brilhantes, aliás da campanha. E' o raid do Coronel Mayritow com 500 cosacos destacados do exercito russo de Leste ou exercito Keller. Percorreu 240 milhas visando as communicações do 1." Exercito japonez, verificando que este, depois de victorioso no Jalu, adoptara uma nova linha d^ communicações partindo da foz do rio, encurtando assim a primitiva.

Posteriormente, em Junho e no decorrer do verão, os grandes reconhecimentos de exploração dos corpos cosacos de Rennenkampf causam admiração geral pelo brilho da concepção e o brilho na execução. Assim é que o raid do general Mitshenko, na retaguarda do general Oyama, determina a extensão da frente japoneza para Oeste em direcção a Hunho, logo depois da batalha do Shaho. A operação intimidou por conseguinte o inimigo ol-rigando-o a lançar mão de parte das suas reservas e alcançou assim o fim em vista.

A cavallaria russa d'aquella epocha demonstra igualmente bellas qualidades de efficiencia nos serviços de segurança e observação. Um exemplo: em Fevereiro de 1905 o exercito Nogi se acha escalonado a retaguarda do exercito Oku e inicia as marchas preparatórias, para envolver a direita russa. Os reconhecimentos e patrulhas cosacas observavam e notavam sem um desfallecimento tudo quanto succedia. No entanto, Kuropatine, preoccupado com o general Kuroki e outros, não deu a devida attenção aos avisos que lhe vinham da direita e desguarneceu-a de suas reservas normaes, para reforçar a esquerda que delias não precisava e não as utilisou, permittindo tão grande falta de discernimento a esmagadora victoria japoneza.

Em 1914, no inicio da tremenda luetà, as cavallarias das potencias belligerantes constituem logo massas de cobertura e formam os "rideaux" praticamente intransponíveis atraz dos quaes os exercitos se concentram e executam as manobras preparatórias. Levada a cabo esta primeira missão de protecção, rivalisam em coragem, procurando os emprehendimentos mais arriscados e levando-os a cabo com o maior denodo e sacrifício. Deixando de lado as importantíssimas operações de cavallaria que tiveram por theatro a Europa oriental, como sejam as manobras e combates dos russos na Prússia oriental, dos allemães na Rússia e na Rumania, nos contentaremos em traçar aqui um rápido esboço dos feitos das cavallarias alliadas e allemã no sector norte do "front" occidental. O campo é vastíssimo e por poucos que sejam os exemplos trazidos á baila, causarão, provavelmente, ;:inda assim, muitas surprezas aos curiosos de assumptos militares.

Durante a guerra de movimento, é bom insistir n'isto, desempenharam .sempre brilhantemente as missões que lhes eram confiadas, por mais ingratas que fossem. E' a cavallaria ingleza, que durante a retirada de Mons em 1914 cobre a retaguarda e protege os flancos do seu exercito. A bravura e o espirito de opportunidade, de que dão sobejas provas, difficultam em extremo os ataques renhidos da cavallaria allemã, que, orgulhosa com os successos de Mons, e Solesmes, pretende levar de roldão a infantaria britannica. Salienta-se ainda em 1917 nas operações de Cambrai. Ahi presta relevantíssimos serviços executando ataques de surpreza em apoio da infantaria, depois dos duros combates travados por cila. Em Março de 1918 ençontramol-a cobrindo a frente do V Exercito inglez, salvando a situação que parecia perdida, trasladando-se velozmente para os pontos críticos e ahi combatendo a pé, hombro a hombro, com os infantes dizimados e exhaustos. O mesmo faz o 1." C. C. francez que coopera com 5.° C. E. na região de Noyon. As façanhas da cavallaria britannica de Março a Novembro são innumeras; lembraremos somente que no dia 11 de Novembro, ao clarear o dia, duas divisões de cavallaria já estavam progredindo a Leste do Escalda, em perseguição ao inimigo batido e cm plena retirada. Occupavam, quando tiveram noticia da conclusão do armisticio, uma linha avançada situada a cerca de 20 kilometros a Leste das primeiras vanguardas do exercito inglez.

A cavallaria belga, posto que diminuta, não fica atraz e mantém também bem alto as gloriosas tradições da arma. Basta recordar o papel desempenhado pela divisão de Wiitte (lanceiros e guias) no dia 14 de Agosto de 1914 em Hoclen. Collocada em ílanco e á esquerda do exercito belga que occupa uma posição defensiva na margem norte do rio Gette, recebe ordem de defender a todo transe o mesmo rio na frente Budingen-Haelen. E' apoiada por um grupo divisionario de artilharia a cavallo. No dia 14 vê-se atacada com impetuosidade por forças bastante superiores de cavallaria inimiga. Resiste com galhardia e depois de um renhido combate, a divisão de Witte, dizimada, occupa a posição de apoio Liebrak-Vclpen, que defende com resolução inabalavel e ao preço de pesados sacrifícios. Os ataques da cavallaria inimiga, apoiada por infantaria, artilharia e cyclistas, multiplicam-se sem tréguas, porém, sem resultado.

Afinal é rendida ao terminar o dia, depois de ter occasionado pesadíssimas baixas aos aggressores por uma brigada de infantaria belga.

O exposto demonstra bem quanto o papel da cavallaria moderna differe do que muitos imaginam.

Completaremos agora a nossa rapida digressão na historia da cavallaria com um ligeiro estudo das operações levadas a effeito por dois Corpos de Cavallaria hoje celebres; o 1." C. C. francez ou Corpo Sordct, depois Conneau e o 2." C. C. allemão ou Corpo von der Marvvitz. Desde 16 de Agosto até 13 de Outubro de 1914 pode-se dizer que estes dois Corpos não deixaram de se enfrentar um só dia, tendo finalmente a cavallaria franceza, por sua magistral e prodigiosa "course à la mer" conseguido salvar o exercito alliado da manobra envolvente tentada pelos allemães ao Norte. Foi o que deu aos conhecidos encontros de cavallaria que não cessaram entre 6 e 13 de Outubro, prefaciando soberbamente a terrivel batalha do Yser.

Foi em Dinant s/Meuse, em 16 de Agosto de 1914 que se travou um (los primeiros encontros entre as cavallarias allemã e franceza no tentar aquella a passagem da Meuse com a divisão da Guarda e a 5.* D. C. apoiadas por Caçadores e grupos de metralhadoras. Contra-atacadas pela cavallaria franceza foram repellidas em desordem e perseguidas por uma brigada de Caçadores a cavallo

Bruxellas é occupada pela cavallaria allemã a 21 de Agosto, continuando as divisões que constituem os Corpos Independentes a formar o

"rideau" atraz do qual manobram as massas teutonicas para tomar o dispositivo inicial da marcha para Oeste. De 20 de Agosto em diante o 1." Exercito (V. Kluck) é flanqueado a direita pelo 2° Corpo de Cavalíaria (V. der Marwitz) ; no dia 24 á noite, recebe ordem de tomar posição ao Sul de Denain para atropelar os inglezes pela retaguarda e lhes vedar a retirada a Oeste.

Com esta manobra o exercito britannico viu-se ameaçado de ser envolvido pela esquerda, pelo C. C. Marwitz e o 2." Corpo de Exercito (V. Linsingen) em escalão avançado, caso tentasse fazer frente e agarrar-se ao terreno. Os inglezes proseguem no dia 25 na retirada a S. O. em rumo de Le Cateau, mas o general V. Marwitz os ataca, como lhe fora ordenado,, nas cercanias de Denain, determinando, assim, a mudança de direcção das columnas adversas que obliquam francamente para o S. E. E' sòmente graças a intervenção da cavalíaria britannica, como já foi dito, que esta operação arriscadíssima poude ser coroada de êxito.

Do seu lado o 1." C. C. francez (Sordet), que pouco antes executara um admiravel raid na Bélgica, chegando proximo a Liége e cobrindo de patrulhas toda a zona avançada, intervem, depois de tomar folego, nos dias 27 e 28, em soccorro dos seus alliados, conseguindo repellir parcialmente o-adversario em direcção a Cambrai.

Nos dias subsequentes as cavallarias adversas continuam empenhadas n'uma lucta sem tréguas entre a Somme e o Aisne, preenchendo sem um desfallecimento as suas missões de segurança, de flanqueamento e de ligação. Assim é que no dia 1.° de Setembro o C. C. Marwitz tenta apoderar-se de Verberie e St. Sauveur, pontos de passagem do Oise, e destroça no dia 2 uma D. C. britannica a Leste de Senlis e já proximo á floresta de Compiégne.

Poucos dias depois vários esquadrões do C. C. Sordet atravessam as-linhas inimigas e operam reconhecimentos nas proximidades de Nanteuil le Haudouin e Baron. Finalmente a 4." D. C. (von Garnier) descobre no dia 5 de Setembro movimentos insólitos de columnas francezas ao N. E. de Pariz, em direcção de Dammartin, e que eram o primeiro indicio da offenciva Maunoury.

No dia 8, ao cahir da tarde, esquadrões do 2.° C. C. francez que tinham conseguido passar o Marne proximo a Jaulgonne executam um raid de destruição contra campos de aviação allemã installados ao Sul e nas proximidades de La Ferté Milon. Por pouco teriam aprisionado todo o Estado Maior do Commandante do Exercito e o general von Kluck em pessôa, que inspeccionava o sector n'aquella occasião.

O exercito Von Kluck está cm plena retirada no dia 11 e ao C. C. Marwitz incumbe a tarefa de protegel-o á esquerda na linha Acy-Sorches, emquanto a 4." D. C. cobria o flanco direito em direcção de Compiégne. A sua missão é de se oppôr ás incursões da cavalíaria inimiga, na retaguarda e communicações do 1." Exercito.

O dispositivo adoptado tem por fim proteger a operação da passagem do Aisne, realisada no dia 12 pelo exercito Von Kluck.

Finda a batalha do Aisne e estabilisado aquelle sector, o C. C. Marwitz é dirigido de novo para o Norte. Suas columnas encetam a marcha em rumo de Chauny emquanto o C. C. Sordet avança ao Norte do Oise.

E' iniciada assim a famosa "course á la mer", coroada pela batalha do Yser, na qual os allemães arremessam dois Exércitos com um total de 15 C. E., para realisar a todo custo o seu intento de forçar uma passagem ao N. das linhas francezas.

A zona inscripta entre o rio Yser e o mar fôra a escolhida para a tentativa, sendo Dunkerque e Ypres os primeiros objectivos. O plano era con-

tornar a esquerda franceza e esmagar o inimigo por um movimento envolvente, o que permittiria fazer frente á Rússia, logo em seguida, com todas as forças reunidas.

O preludio d'este colossal esforço foi assignalado pelo embate das massas de cavallaria adversas. Pelejaram dia e noite em innumeros encontros de 6 a 13 de Outubro, estendendo pouco a pouco seu campo de acção, da região de Lille ás regiões de Lens, La Bassé, Armentières, Aires sur la Lys e Bailleul, Estaires, Hazebrouck, Béthune e de lá até o mar. Finalmente a 19 de Outubro um grupo de divisões de infantaria anglo-franceza occupa Ypres e no dia 16 a acção dos alliados já abrange a totalidade da região que se estende entre Ypres e o mar, celebre hoje sob o nome de sector do Yser.

Para não alongar em demasia o nosso esboço, limitaremos a estes os exemplos destinados a definir a acção da cavallaria na guerra moderna. São sufficientes ao nosso ver para podermos concluir.

Qual será o papel da cavallaria no futuro, quaes os seus novos aspectos no emprego táctico da arma e qual o armamento de que deverá dispor para satisfazer a sua missão?

E' evidente que n'uma guerra de estabilisação lhe incumbem os mesmíssimos papeis que a seus camaradas infantes, servindo mais de reserva movei e de elemento importante da ligação. Nesta situação, a exploração compete nauralmente á aviação. Inútil é accrescentar quanto esta hypothese de operações estabilisadas, já bem difficilmente realisavel na Europa, é inverosímil entre nós.

A guerra de movimento, única fecunda em resultados, exige da arma da cavallaria uma cooperação sem tréguas e esforços de todos os instantes, quer se traduza por operações de protècção quer por intervenções no combate sobre os flancos, ou para aproveitar uma ruptura da linha inimiga.

Os reconhecimentos para manter o contacto, assim como o serviço de segurança darão logar a innumeros encontros de patrulhas, esquadrões, e quiçá regimentos, conforme as circumstancias.

Dahi decorre que o "cavallariano" deve ser perfeitamente adextrado no emprego de suas armas especiaes, mas deve ser também um eximio tratador e ter amor á sua montada porque sem ella nada vale na guerra de movimento.

Mas a cavallaria deve também estar preparada para combater a pé.. Haja vista a^ soberba resistencia da divisão de Couraceiros nos combates do Plémont em 1918. A sua aptidão especial deve ser aproveitada para a execução de movimentos de grande envergadura de amplitude estrategica cm operações de flanco, em raids contra retaguardas e linhas de communicações, em obstar a chegada das reservas inimigas ao campo de acção, em reconhecimentos a grande distancia, em ligação intima com esquadrilhas de aviação especialisadas, etc. Em regra geral, porém, qualquer que seja a situação que determine o emprego da anua em massa, quer seja por divisão ou por grupo de divisões, a forma corrente do encontro será o combate a pé.

Do exposto podemos concluir que o "cavallariano" deve dispor do armamento apropriado a esta fôrma de peleja sem prejuizo das armas que lhe são próprias. A baioneta, as granadas de mão e de fuzil V. B., o fuzil metralhadora, assim como as metralhadoras leves e pesadas, as mascaras contra gazes asphixiantes para homens e montadas, fazem hoje parte ao mesmo titulo que a espada e a clavina do armamento da cavallaria. A consequência de tantas e tamanhas innovações é uma profunda transformação na constituição do esquadrão, cuja organisação, para ser efficiente, deve approximar-se o mais possível da que foi dada á Companhia de Infantaria — fraccionamento em grupos de combate, 1/2 secções, etc.... Essa remo—

•delação deverá fazer-se sentir igualmente nos methodos de instrucção e de treinamento, sendo indispensável que o "cavallariano", ao par da sua instrucção própria, aprenda a combater a pé com a mesma perfeição que o infante, executando progressões debaixo de fogo com bom aproveitamento aos obstáculos naturaes, reduzindo os centros de resistencia sòmente com os meios de que dispõe, pela combinação judiciosa das armas de trajectória rasa e de trajectória curva e, finalmente, organisando rapidamente uma posição pela construcção de abrigos ou parallelas apropriadas, etc.

As exigencias aqui influirão provavelmente na organisação do regimento e unidades superiores como também no armamento de apoio. Assim é que a dotação de artilharia das divisões terá de ser modificada sobretudo em relação ao calibre para corresponder ás novas necessidades: parallelamente a brigada ganhará muito em potencia se fôr reforçada com um grupo de metralhadoras pesadas a cavallo emquanto que a adopção de esquadrilhas nas divisões ou Corpos de Cavallaria, só depende de uma questão de tempo e de dinheiro.

E' incontestável que uma cavallaria assim preparada e apparelhada constitue uma arma formidável, caracterisada pelas suas qualidades fundamentaes de velocidade e de decisão. Entre nós, como, de resto, em todos os paizes de vastas extensões, a sua importancia continua primordial. Haja vista a reorganisação do exercito revolucionário russo. Cada Divisão de Infantaria é completada por um regimento de C. D. e o numero de D. C. em relação ás D. I. está na razão de 1 para 4.

As operações de cavallaria de grande envergadura não pertencem sómente ao passado. Continuarão no futuro pela força das coisas, com as modificações e adaptações que aqui ficam ligeiramente expostas.

Lembremo-nos de que a sorte da batalha de St. Quentin em Março de 1918 talvez fosse bem diversa se os allemães tivessem podido dispor então, naquelle sector, de algumas divisões montadas para arremessal-as na abertura praticada na frente do exercito Gough, entre Noyon e Montdidier; o •nesmo não se deu com os alliados, que salvaram a situação com a intervenção rapida da sua cavallaria. Os allemães foram os primeiros a reconhecer e a lamentar o erro por elles praticado.

Resta-nos, ao terminar, fazer votos para que jamais o mesmo nos succeda e que a cavallaria brasileira, tantas vezes conduzida á victoria pelos Pinto Bandeiras, Menna Barretos, Andrade Neves, Ozorios, Camara e tantos outros, não desmereça dos gloriosos exemplos que lhe foram tão generosamente prodigalisados por esses herces, que tudo sacrificavam, na hora •do perigo, pela grandeza e integridade do Brasil.

C. TORRES GUIMARAES.

ASSASSÍNIO - ASSASSINATO

Topa-se, amiúde, em jornais, em revistas e até em obras literarias o substantivo *assassinato,* homicídio perpetrado aleivosamente e com premeditação, morte cometida por um assassino. Embora de emprego bastante generalizado 110 Brasil, principalmente na imprensa, é galicismo escusado, condenado pelos mestres da portuguesa linguagem. O legitimo português, a verdadeira prata de casa, é *assassínio,* fôrma preferida por Alexandre Herculano, Castelo Branco, Rui Barbosa e outros clássicos. Escreve o erudito lexicografo F. Adolfo Coelho em seu *Diccionario Manual Etimologico:* "ASSASSINATO. Vid. *Assassínio,* que é a fôrma preferível."

Vejamos as provas:

"Turbaste essa imagem com o lodo de um *assassínio:* com a tua primeira covardia." (Herculano, *O Bobo,* pag. 286).

"Portugal converte-se em país de barbaros; o *assassínio é* um desafogo..." (Idem, *Composições Varias,* pag. 178)

"... meditava um *assassínio,* realisado poucas horas depois." (Camilo *Mistérios de Lisboa,* vol. III, pag. 44, *apud* Mario Barreto).

"Para que o duplo *assassínioj"* (Said Ali, *Dificuldades,* pag. 272.)

"E' a Esfinge, a gloria, o reino, o *assassínio* de Iaio,

E o amor sinistro..."

"No *assassínio* dos dominicanos, foram tão ferozes, que censuravam os homens de não saberem matar bem". (C. de Figueiredo, *Fisiologia da Mulher,* traduc., 3.' ed., pag. 298).

"Foi descoberto o crime e punido o *assassínio".* (João Ribeiro, *Revista de Lingua Portuguesa,* tomo III, pag. 95).

"...que outra não pôde ser senão a moral proscriptora do *assassínio".* 'Carlos de Laet, *O País* de 29 de julho de 1914, *apud.* M. Barreto).

"...no dia seguinte ao do *assassínio..."* (Basilio de Magalhães, *pela Republica Civil,* 1910, pag. 29).

"Porque *assassínios* tais e atrocidades". (Odorico Mendes, *Virgilio Brasileiro,* pag. 553).

"Acusado de mandante do *assassínio* de Francisco Cardoso..." (Fidelino de Figueiredo, *Revista de Ling. Portuguesa, vol. VIII,* pag. 66).

Conseguintemente, *assassínio* é que é a fôrma portuguesa legitima e escorreita; *assassinato* é escusado galicismo, não obstante os exemplos de jornalistas galiciparlas e sem amor á patria língua.

CONFECCIONAR.

Viro ao acaso uma folha do *Correio da Manhã* e leio: "Ao sr. Ministro oa Viação o sr. F..., director da Repartição de..., entregou seu ultimo rclatorio, referente ao exercício p. passado. E' trabalho *confeccionado* com intelligencia..." Topam-se, amiúde, nos reclamos e taboletas das alfaiatarias fiases como as seguintes: *confeccionam-se ternos sob medida; confcccionam-st sobretudos baratos,* etc. E nas repartições publicas, durante os derradeiros aias do mês, os servidores ou parasitas do Estado perguntam, de vez em quando:

E' Beltrano! Já *confeccionaram a folha}...*

Entretanto, *confeccionar,* quando empregado no sentido de *organizar, elaborar, redigir, formular, escrever,* etc. é galicismo escusado. Of. o francês *confectionner. "Confeccionar,* óu antes *confciçoar,* em bom português, é *fazer confeições,'* que são as preparações medicinais que se manipulam nas boticas; é, por analogia, certas misturas, adubos, etc., com que se temperam ou *destemperam* os vinhos", ensina Silva Túlio.

Escreve o dr. Castro Lopes: "CONFECCIONAR: E' galicismo; deve dizer-se — *fazer, fabricar, compor, preparar, formar, organizar". (Neologismos Indispensáveis e Barbarismos Dispensáveis,* 2." ed., pag. 210).

Cfr. Carlos Góis, *Diciomrio de Galicismos;* C. de Figueiredo, *Lições Fraticas da Lingua Portuguesa,* 6.' ed., pag. 264; Laudelino Freire, *Revista de Lingua Portuguesa,* vol. III, pag. 210.

Não se deve dizer, conseguintemente, *confeccionar o relatório, confeccioiuir o trabalho, confeccionar o vestido, confeccionar a folha de pagamento,* etc.; são frases vernaculas: *elaborar o relatorio, organizar o trabalho, fazer o vestido, organizar a folha de pagamento,* etc.

Confciçoar ou *confeccionar* são vocábulos de uso exclusivo dos boticários e confeiteiros.

Confeiçoam-se *pilulas, capsulas, amêndoas,* etc.; *organizam-se os relatórios, projetos, folhas de pagamento,* etc.

Bem disse algures o Filinto Elísio:

Sacudamos das falas, dos escritos,
Toda a frase estrangeira e fraudulagem
E essa tinha, que comichona afeia
O gesto airoso do idioma luso.

REPROCHAR.

Reprochar, embora pouco empregado entre nós, é vocábulo *irreprochavelmente português; significa exprobrar, lançar cm rosto, censurar.* Não é galicismo, como acreditam vários escritores da atualidade.

Tem a palavra o reverendissmo filologo frei Francisco de S. Luís:

"REPROCHAR: (*réprocher*). Quer dizer *exprobrar, improperar, lançar cm rosto* algum vicio ou defeito. È' usado por Gomes Eanes, *Cron. do Cond.* D. Pedro C. 15; e já traz Duarte Nunes. *Orig. da Ling. Portug.* c. 11 entre os vocábulos, que tomamos dos franceses, posto que Bluteau o supõe derivado da lingua castelhana Pelo que não o podemos tachar de galicismo moderno, como alguns pretendem". (J. Norberto de Soisa e Silva, *Galicismos,* 1877, pag. 371).

Ensina o illustrado professor do Ginásio Mineiro, dr. Carlos Góis:

"REPROCHAR — Galicismo suposto por força da similitude com o francês *reprocher.* E' antes castelhanismo, bem como o seu cognato *reproche,*

que ambos procedem do espanhol *reprochar* e *reproche.* (Cf. o provençal *rcpropçhar)". (Dicionário de Galicismos,* pag. 191).

Diz o erudito diretor da *Revista de Lingua Portuguesa,* dr. Laudelino Freire:

"Quanto ao verbo *reprochar* e ao substantivo *reproche,* parecem galicismos, mas não o são, e eram da predileção do corretíssimo e primoroso Machado de Assis, que tinha, dizia ele, horror a *exprobrar* e *exprobração.* O nosso Mario Barreto, que é pontifice da filologia, com indiscutida autoridade, não somente usa o verbo e o substantivo, como **o** adjectivo *irreprochavel". (Rev. de Ling. Port.,* vol. VIII, pag. 154).

Registo abaixo um exemplo do ilustrado prof. do Colégio Militar do Rio de Janeiro, Daltro Santos, outro do príncipe dos romancistas **nacionais,** Machado de Assis, um terceiro do principe dos poetas patrícios, Olavo Bilac, e alguns do principe dos filologos brasileiros, Mario Barreto:

"... o que, espero, não me *reprochareis,* magnanimos que sois". (Daltro Santos, *Rev. de Ling. Port.,* tomo II, pag. 75).

"Virgilia sacudia-me, *rcprochava-me* o silencio". (Machado de Assis, *Brás Cubas,* pag. 251).

"... a frase com que um certo avaro respondeu a alguém que lhe *reprochava* a torpeza do seu vicio". (Olavo Bilac, *Conferencias Literários,* pag. 255).

"O critico encapuzado *reprocha-mc* o emprego de inversões". (Mario Barreto, *Fatos da Lingua Portuguesa,* pag. 26).

"Veja-se nos exemplos seguintes a boa sintaxe, sã, correta, *irreprochavel".* (Id., ibid., pag. 308).

"O Camilo lá escrever, e *irreprochavelmente..." (Id., Novíssimos Estudos da Lingua Portuguesa,* pag. 325).

De hoje em diante, não *reprochemos* nunca o emprego do verbo *reprochar,* que é vocábulo *irreprochavelmente* português.

PORTUGUÊS -PORTUGUEZ

Portucale (Portus Cale), fôrma antiga, produziu *Portugale, Portugal,* pelo abrandamento normal do *c* em *g* entre vogais; *português,* porém, deriva-se de *Portucale,* com o sufixo latino *ensis,* obedecendo a seguinte declinação: *portucalensis, portucalense, portugalcnse, portugalês, portugaês, português. Português,* com *z,* é grafia errónea, que se justifica exclusivamente pela carência de sinais diacriticos nos caixotins das tipografias. *Português* é que é a fôrma correta, preferida por inúmeras autoridades, como A. Herculano, Rui Barbosa, Julio Moreira, Gonçalves Viana, Candido de Figueiredo, Mario Barreto, J. Leite de Vasconcelos, Lindolfo Gomes, Basilio de Magalhães, José Feliciano de Castilho, Melo Carvalho, Silva Ramos, Assis Cintra, etc.

No feminino *portuguesa* e no plural *portugueses* é perfeitamente dispensável o acento circunflexo.

Ensina e eminente romancista dr. José Leite de Vasconcelos:

"Ha uma regra geral de pronuncia que diz que o *e* atono final, quando está antes de *s,* se pronuncia surdo; por isso acentuo o *e* de *português.* No feminino *portuguesa* e no plural *portugueses* não é preciso acentuar o *e,* pois que não tem aqui aplicação aquela regra, nem as palavras podem pronunciar-se de outro modo: os que, escrevendo *português* com *ê,* escrevem também *portuguêsa* e *portuguêses* com *ê,* procedem por tanto menos logicamente". (*Estudos de Filologia Mirandesa,* vol. I, pag. 35).

Belo Horizonte.

JOSE' PATRÍCIO DE ASSIS.

CRÔNICA DE ARTE

OS JACARÉS INOFENSIVOS

"Si podes agir, age conforme teu poder"
Kuang-Dzu. "Tratado Das Influencias Errantes".

No momento em que escrevo (4 de Abril) vai acesa a luta entre a arte moderna e a tradicional, em S. Paulo. Curiosa esta briga pela modernidade! Passam as guerras de cem anos. Mesmo os ódios entre raças terminam. Mas a guerra do novo contra o velho, ou, principalmente do velho contra o novo perdura sempre. Creio que começou entre os filhos de Adão e o pai pecaminoso. Vejo, mais perto de nós, Confúcio, estacionário, passadista e brigão. E os egipeios, no seu deseseperado esfôrço por eternizar o passageiro. Mais nítida, ilumina-me a visão, a figura de Timóteo, conseguindo vencer nos concursos de ditirambo e afirmando altivamente: "Não canto o já cantado; o novo é preferível! Hoje reina o jovem Zeus. Antigamente Kronos era o Senhor. Longe a velha Musa! "Depois Platão, querendo eternizar as melodias rituais, no seu Estado perfeito. Lembro depois os Padres da Igreja, Santo Éfrem irritados contra os hinógrafos inovadores. Lembro... Lembro a história dos séculos e a luta que não cessa e o homem que não aprende; até que cm dias do ano de 1923 lembro esta douta falange de confúcios paulistanos em objurgatórias tremebundas contra os que mais uma vez abandonaram Kronos pelo jovem Zeus.

Cronista de arte que sou, não deixarei de comentar êste novo período da luta. Não defendo nem ataco ninguém? Sorrio apenas, dentro de meu espírito imparcial de cronista.

Nessa tarde, encontrando o mais perfeito de quantos metrificadores possui a língua portuguesa, com gesto de enfado, muito próprio de quem vive na companhia perfumosa de Scherazada e Salomé eu escuto sonhadoramente os sátiros, em ritmadas sikinnis, entoar canções gregas, disse-me êle, erguendo para os ares as unhas mais bem tratadas do país: — Estava ha pouco fazendo massagens em casa de Madame X. quando meus olhos baixaram para um jornal. E vi, sob um anúncio tratando de Pyorrhea, certo artigo contra os modernistas. Vale a pena!

Procurei o jornal. Era somente um artigo-periscópio, Anunciava apenas, tão temeroso vinha e carregado, a possante náu de guerra, ainda submersa.

Arrebentaram em seguida as bombas — interminável série de artigos, escritos por críticos ilustrados. Havia em cada artigo uma ou duas ilustrações. Tenho seguido, com a veneração e paciência que tal falange me merece, a trajectória mortífera do alude. Sinto por ela um entusiasmo, si é possível, displicente e necessário. Permitir-me-ão no entanto os nobres críticos, lhes faça algumas objecções? São estas, pálidas e humildes:

1.º Objecção: Seria este o momento asado para tal campanha? Vejamos. Os modernistas são ainda poucos na realidade. E apenas 3, em S. Paulo, militante na crítica c na discussão: os snrs. Menotti dei Picchia, Oswaldo de Andrade e Mario de Andrade. Ora o snr. Menotti dei Picchia, de alguns meses para cá deixou aquela feição exclusivista que lhe permitiria... ripostar com balaços de igual calibre aos tiros da nova polícia. Faz agora, o indiscutivelmente célebre autor de "Juca Mulato", obra inteligente de congraçamento; pois pensa, e talvez com razão, que a época dos exageros já passou. O snr. Oswaldo de Andrade acha-se em Paris, onde compartilha do ágape de Brecheret, Romains, Valery Larbaud, Vildrac, Duhamel, Picasso e Cacteau, camaradas ou já amigos. O snr. Mario de Andrade, meu aluno e muito íntimo, asseverou, por sua vez, no derradeiro número de KLAXON, não querer mais se preocupar com farautos. Por outro lado, o brilhante mensário modernista ha muito tempo que não sai, parecendo mesmo que morreu. Ora. êle é, na verdade, o único meio de defesa e resposta dêsses moços. Quer-me parecer pois que a tão bem ilustrada falange não veio em minuto propício acender a luta. Ou antes: parecerá que os valorosos sargentos escolheram propositadamente o minuto cm que os inimigos estavam enfraquecidos no número e inespertos no dormir. Assim a obra de tão util policiamento dentário a que se lançaram os valorosos policiais tomou êste brilho vidrento de covardia e egoismo literários que, embora não seja a expressão da realidade, a muitos se lhes antojará. E, num dos apitos da magistral série se confessa o vultuoso número de aspeçadas, reunidos para prender os chamados futuristas. Mon Dieu! Mas nem são êstes tantos para que escritores tamanhos e em tal cópia invistam com êles! (Permitir-me-eis usar agora estilo de revista-de-lingua-portuguesa, pois de tal espécie, mesureira e amaneirada, se me parece a luta, que a ela não imponho minha inútil pessoa, sinão com donaires de donzel e floreios de espadim). E, estais vendo? por dizer de vosso farto número, cá estão a lembrar os eruditos que me lerem aquele outro passo da literatura taoista, que está no "Livro da Puresa e da Calma Constantes", do filósofo Ko-Kiuen (4 século). Dirão os psicoanalistas que a reminiscência dêsse trecho da literatura mística chinesa, veio por associação, pois que citei no início desta crónica o admiravel Kuang-Dzu... Maldigo os psicoanalistas! Crede: unicamente por causa de vosso gordo número é que sobreveio á memória dos letrados o versículo do Shang-Tsing King: "Nada multiplicado por nada é ainda nada. Nada e nada são sempre nada".

2.º Objecção: Coisa de dois anos atrás um dos secretas da policial falange veio por um diário da tarde afirmar que se lançava então "uma pouca de terra fria" na "campa fresca do futurismo paulista". (Platea, 3 de Junho de 1921). Agora o mesmo soldado, com anunciar o novo ataque, ensina aos povos que "é propositadamente, com um acto de revelha e piedosa tradição, que se quer assinalar a descida macabra para o fundo dos sete palmos (que linda imagem!) de um corpo., etc. "Esse morto futurismo ia receber agora a "última pá de cal". (Folha da Noite, 20 de Março de 1923). Que estranha e arraigada propensão para coveiros a dêstes senhores da falange! Pois ha dois anos êsses fúnebres trabalhadores estão a lançar pás e mais pás de cal ardente sobre a cova do futurismo paulista, e êste ainda não morreu!!! Quem sabe si ésse futurismo não terá condições de vitalidade que a êles, aos necrófilos da guarda-nocturna, lhes escapará? ou ainda, quem sabe si alguma feiticeira contraditória lhes anda a mudar a cal esterilizante

— secreção difícil de espíritos sapientíssimos — em adubo mais eficiente que o Polisú? O certo é que o futurismo pompeia, viridente, como um bosque outonal cheio de frutos... maduros. Que frutos? Brecheret, cujo 'Monumento aos Bandeirantes" entusiasmou Romains, trabalha no "Grupo das Amazonas"; Anita Malfatti pinta um "Cigano" de admiravel energia; Di Cavalcanti ilustra presentemente o "Festim" de Guilherme de Almeida; ainda dêste as "Canções Gregas" sairão breve; John Gras decora varias moradias paulistanas, e nos lazares faz as ilustrações para o "Túnel" de Carlos Alberto de Araujo; Aranha tem prontos tres poemas que reunirá num livro: "Drogaria de Eter e de Sombra", "Poema Giratorio", e "Poema Pitágoras"; Oswaldo de Andrade, cujos "Condenados" vão ser traduzidos para o francês, termina o 2." livro da Trilogia do Exílio; Menotti dei Picchia escreve a "Rainha de Sabá"... E Ribeiro Couto não vai publicar breve um livio de poesias? E não vai escrever novo livro de contos? Morrer assim? num dia assim? Antes não significará tudo isto que o futurismo paulista vive de perfeita saúde e gosa a delicia da vida?...

3.* Objecção: Eis que na série de artigos contra os futuristas rasga brecha de tres metros uma catilinária contra o "Senhor Dom Torres". Geral espanto. Que vem fazer um livro caimo(escrito nas sãs orientações antigas, em meio á tresloucada messe das obras modernizantes? Espanta-se o leitor e pensa que treslê. Mas como é cioso de seu talento põe a culpa no crítico. — Este é que tresleu! diz o leitor. Dobra o jornal e não o compra mais ás terças, quintas e sábados. O autor do "Senhor Dom Torres" (obra já em segunda edição) contraria mesmo, em grandíssima parte a nova orientação; e si emprestou seu apôio á deliciosa e mais que interessante Semana de Arte Moderna, por curiosidade amiga e inteligente, não escravisou por isso sua maneira de ser e de pensar.

4.* Objecção: Segundo meu juizo frio de cronista creio inútil a nova campanha da polícia. A celebridade dos modernistas é hoje definitiva e indiscutivel. Seus nomes penetraram as aldeias do pais e as capitais europeas. São traduzidos na França e na Bélgica. Marinetti e Busi enviam-lhes livros, retratos, cartas de Itália. Da Espanha pedem-se informações sobre èles. "Fanfare", a revista inglesa, eternizou aos olhos dos saxões o nome de Guilherme de Almeida. Malfatti deixou quadros nas colecções dos Estados-Unidos e da Alemanha. Brecheret é visto pelos visitantes dum museu Holandês. Porquê insistir? E' alastrar inda mais essa notoriedade. E disso deriva a quinta objecção: Atacar os modernistas, insulta-los (pois apesar da advertência do primeiro artigo, mesmo nèste e em todos os seguintes, se multiplicam os insultos) como actualmente pratica a severa falange, não é repetir o que êsses mesmos modernistas fizeram aos mestres do passado? E êsses modernistas poderão ao menos alegar que escreveram numa época de efervecéncia e de luta franca, em que os insultos brotavam de ambas as partes. E si confessarem o desvario terão a justiça c o perdão. Os insultos de agora surgem num período de armistício. França no Rhur!... Muita gente julgará abandonado pelos futuristas, unicamente, para chamar a atenção dos leitores sobre si. Outrora, quando aparecia um ataque contra Vicente de Carvalho ou Amadeu Amaral (o autor do 1." artigo deve recordar-se disso) toda gente lia. Não por causa do atacante, mas por causa do atacado. Hoje, em se tratando dum ataque aos futuristas, toda gente lê; pois em arte, a única coisa de realmente interessante que ha no Brasil é êsse famanado futurismo. Assim parecerá que a falange walkírica (ninguém negará a necrofilia dêsses semi-deuses que vivem a catar nos campos de batalha da arte os corpos mortos) alem de roubar o processo dos proprios futuristas, ainda quer roubar uma pouca da celebridade irradiante que dêles promana.

E não faço mais objecções a que os apitos da polícia literária continuem inalteráveis por todos os séculos. Si terminarem, no entanto, é possível que

— si coisa de discussão mais propriamente crítica apareça — pela régia hospitalidade que a Revista do Brasil nos concede, eu, cronista de arte, ceda meu lugar a Mario de Andrade, futurista consciente e cretino, conforme o douto e medicalmente exacto diagnóstico do Licurgo do verso. Tão grande Licurgo, quão pequeno Hipócrates! E então o já hoje conhecidíssimo (graças unicamente aos seus adversários constantes e clángorantes) autor de "Paulicea Desvairada" responderá com sua linguagem alegre, de rua, muito humana — que é justamente o mais insuportável martírio de seus austeros e beneditinos antagonistas. E embora procure manter-se bem alto no terreno da discussão, que o simpático poeta não nos prive daquela sua blague espertíssima — êle, que a sabe manejar com tanta agilidade e fulgor.

Um dia perguntei-lhe mesmo quando começara a gostar da blague. Contou-me então a seguinte história. Em criança, passava anualmente minhas férias na fazenda dum tio. Havia lá um tanque, em quadra, minúsculo, fechado por 12 paus de cêrca de cada lado. Cada grupo de 12 paus ligava-se, de seis para seis, por uma trança de arame farpado. O último de cada série de 12 paus era ricamente colorido; correspondendo-se assim os quatro cantos, dois a dois, na cor: vermelhos e amarelos. Ora nêsse tanque estava presa uma porção de enormes jacarés, que nem se podiam mover. Explicou-me o fazendeiro que os bichos tinham vindo para ali pequeninos. Agitavam-se á vontade. Mas cresceram, e como a cerca não crescia com êles, lá estavam agora imóveis, ridículos, inofensivos. Ora eu passava meus dias com uma varinha de bambú na mão, mechendo nos bichos. Quando, mais irritado, um déles dava um bote, eu suspendia a varinha. .. E o anfibio abocanhava o espaço. Tenho ás vezes saudades de meus jacarés inofensivos!... Tenho saudades da varinha de condão 1...

MARIO DE ANDRADE.

LIMA BARRETO

AINDA ha pouco Affonso Henrique Lima Barreto desceu á terra e talvez ninguém mais fale no seu nome. Por certo, elle passou toda a sua vida sem ser comprehendido. Lima Barreto só podia ter vivido assim, elle que, com tanta clareza, com tanta sensibilidade viu a vida em todos os seus aspectos, burlesca e dolorosa, sorrindo, para consolo da miséria indizível dos homens, do immenso e monotono arrastar da vida.

Sempre em contacto com o meio dos seus typos, com elles soffrendo os mesmos embates do destino, Lima Barreto realizou uma grande obra. Porque elle não era como certos individuos que passam pela vida sem ver, sem sentir a própria vida. Era enigma indecifrável para os seus companheiros, como tinha elle tempo para escrever, para meditar, andando numa bohemia quotidiana, numa vagabundagem irremediável.

Mas Lima Barreto soube erguer dentre o tumulto da sua existencia, a própria individualidade. A agitação, os desenganos, a pobreza serviram de fonte inspiradora para a sua obra. Possuía uma alma delicada, sensível aos males alheios. Por isso é que a sua obra reçuma aquella piedade santa que confortava a si mesmo, ou fazia esquecer a própria miséria, vivendo e sentindo a miséria alheia.

Vencido, impossibilitado de bemfazer, de tudo purificar, empolgou-o uma commiseração profundíssima pelos homens, uma attitude resignada, somente entrevista no seu *"humour",* no seu sorriso,.que era um balsamo consolador.

Bergson delineou com precisão o *"humour":* o *"humorista"* vê a vida como ella é, e por saber o irremediável delia, affecta crer

que assim é que ellà deveria ser. Como Machado de Assis, Léo Vaz e Monteiro Lobato, Lima Barreto foi um dos nossos raros " *humouristas".*

O *"humour"* não é proprio do Brasil. A tristeza, a saudade, a chalaça grosseira das raças formadoras, sommaram-se no typo brasileiro. Raramente apparece um *"humourista"* verdadeiro.

Constâncio Alves lamenta nãe termos o *"humour",* "tanto quanto pôde ser um homem da nossa raça, vivendo sob este nosso céu, tão franco, tão incompatível com o luar doentio de Heine, os corvos philosophicos de Põe, a pesada névoa britannica de Sterne".

Não ha duvida que o nosso grande mestre do *"humourismo"* é Machado de Assis. Elie assimilou com admiravel intelligencia o processo de Lawrence Sterne. Nunca, porém, chegou a imital-o. E' o proprio Machado de Assis quem confessa na primeira edição das "Memorias Posthumas de Braz Cubas" que adoptou a forma livre, a dispersão de Sterne e de Xavier de Maistre. Bem diverso é Machado dos *"humouristas"* que lhe serviram de mestres. Na terceira edição das "Memorias Posthumas" elle escreveu do proprio romance: "é taça que pode ter lavores de igual escola, mas leva outro vinho."

O *"humourismo"* transplantado da fria Inglaterra para aqui, transformou-se, soffreu o influxo do novo meio. Já aqui não ha o mesmo céu sempre cinzento, sombrio, a pesar sobre as cabeças. Nem o mesmo céu, nem a mesma frieza impassível da raça. Tudo mudou. Vê-se, pois, quanto foi difficil a adaptação. Machado de Assis excepcionalmente introduziu o *"humourismo"* no Brasil. E realizou a sua obra com perfeição.

Léo Vaz, com o seu ingénuo Professor Jeremias, a conversar, desilludido, com um cachorro metaphysico, é bem um discípulo de Machado de Assis.

E Monteiro Lobato, profundo conhecedor das nossas coisas, expondo, á luz, as lazeiras que roem os sertanejos, ansiando por um futuro mais alto e mais luminoso, tem produzido paginas de verdadeiro *"humour".*

Como todo *"humourista"* sincero, Lima Barreto cobria a sua sensibilidade com um tenuissimo véu, como se receiasse parecer ridículo. Elie revoltava-se, mas não era um enraivecido, não aggredia, não esbravejava, não demolia. A sua revolta era serena, pungida de mansidão, tocada de um abandono incurável, fatal.

Lima Barreto é bem o que Alcides Maya diz do *"humourista"* : — "um forte bom, vencido, mas sobranceiro á derrota, e na attitude que assume, não de orgulho puro, e sim de altivez dolorosa, ha, annullando o despeito pessoal, uma certeza superior das contingências terrenas."

Lima Barreto chegou quase á crueldade nos "Bruzundangas", livro em que elle caricatura a nossa terra, os .nossos homens, os nossos costumes. Adivinha-se, porém, nelle, um forte desejo de corrigir, de emendar. Atrás do seu pessimismo vê-se uma tendencia para o perdão, um sentimento de ingênua bondade. Os tristes, os falhados, os infelizes acham no scepticismo innocente, na indulgência dos seus livros, um consolo para a sua desgraça, para a sua agonia.

Pereira da Silva assim diz: "o egoismo, o interesse, a vaidade, o orgulho, o vicio, que predominam nos moveis humanos, não figuram em sua obra sem as consequências a que quase sempre arrastam suas victimas. Ha, pois, uma finalidade na obra literaria de Lima Barreto."

Sobretudo, elle foi um bom. A sociedade, elle a criticava por um processo de observação, verdadeiro e doloroso. Os typos e os scenarios são sempre desenhados com justeza, com vivacidade. Apresenta-nos, commovido, mas sorrindo sempre, os seus typos — figuras animadas que dansam e cabriolam com todo o grotesco dos seus esgares. Copia com exactidão as falhas da nossa sociedadezinha pretenciosa: os ridiculos, a miséria, a dôr, e, por vezes, velando tudo com piedade, compadecido, porque, como todos os homens, também é desgraçado e soffredor.

Ha urna certa affinidade entre os typos de Lima Barreto e os de Machado de Assis. M. J. Gonzaga de Sá é uma figura bem feita de falhado. Dá o que pensar este homem esquisito, que se comprazia em passear pelas ruas solitarias, abordado a uma bengala, parando aqui e além, para ver um velho casarão, uma curiosidade qualquer, como a apanhar farrapos da vida passada. Era assim Gonzaga de Sá: — "um dia faltou á repartição para contemplar, ao sol do meio-dia, um casebre do Castello, visto cincoenta e tantes annos atrás, em hora igual, por occasião de uma *"gazeta* da aula primaria. Pobre Gonzaga! A casa tinha ido abaixo. Que dôr!"

Nunca se apressava, ia tardamente, como ensina o sábio do Ecclesiastes: — "a estrada da vida era má; areenta, aqui; enxarcada, alli; e mais alem, Íngreme e empedrouçada..."

Gonzaga de Sá sabia viver despreoccupado da monotonia da vida: seguia, com vagar, calmamente fumando; parava, a colher lembranças, a reconstituir, voluptuoso, o passado; "olhava e olhava e continuava."

Ha qualquer cousa de Brás Cubas naquelle Machado — amigo de Gonzaga de Sá — aquelle que velou, uma noite, o corpo do compadre Romualdo, fumando e philosophando, "pensando muito, — é verdade; mas sem ter concluído coisa alguma." "Só a Morte! a Morte! Era o que restava da longa meditação."

Mas, perto, estava uma moça, recostada ao espaldar da cadeira, olhando um pedacinho de céu, pela janella. Então Machado, considerando a postura da moça, o busto e "o pescoço, longo e roliço, que saía todo do corpete", "nasceram-lhe coisas obcenas; vagos e indefinidos desejos cresceram em tumulto, de roldão; borbulhavam, subiam e desciam, encontravam-se, faziam-se outros a exigir satisfações, caricias, estados enervados e deliciosos..."

E o corpo do compadre continuava, alumiado pela luz incerta dos cirios. E como se estivesse num saráu, Machado segredou-lhe:

— "A vida é cruel. Tudo acaba na Morte."

Lima Barreto tinha prazer com estes contrastes, com esta volúpia feita de Vida e Morte, flór e verme.

Possuia elle o que falta a muitos dos nossos literatos: bom senso. Tinha grande aversão pela velha Grécia, por essa Grécia tão falada, tão discutida pelos nossos homens de letras. Dizia o autor do "Triste Fim de Polycarpo Quaresma" a um seu correspondente anonymo: — "a nossa Grécia varia muito e o que nos resta delia são ossos descarnados, insufficientes, talvez, para recompôl-a como foi em vida, e totalmente incapazes para nos mostrar viva, a sua alma, as idéas que a animavam..."

Por isso foi que fugiu o autor das "Recordações do Escrivão Isaias Caminha" de falar na belleza hellenica, nessa belleza que certos maníacos citam a cada passo, inteiramente de outiva, para mostrar erudição. Porque, ha realmente quem passe a vida a sonhar com a Athenas classica, e até a se imaginar dentro delia, com os seus mármores e os seus deuses.

Nem sempre o amor serviu de thema para os seus livros, porque, como elle mesmo dizia, o amor não é motivo principal do romance. As intrigas de familia, os episodios amorosos não eram buscados por Lima Barreto. Sempre mostrou desprezo, ou ao menos indifferença por esses velhos themas, velhos e perfeitamente exgotados, tão preferidos pelas donas sentimentaes. Na sua obra não se encontra uma Sophia, ou uma Capitú, uma Maria Eduarda, ou uma Luisa, senhoras mais ou menos deshonestas, a fingirem, nas maneiras e nas physionomias, uma virtude incerta, de requintada falsidade.

Não. Lima Barreto não se occupava com os dramas Íntimos, de alcova, não se comprazia em mexer amores mascarados. Porque era integralmente sincero, causavam-lhe repugnancia certos assumptos.

Entendia o creador de M. J. Gonzaga de Sá que a literatura de agora não deve animar velhas concepções, themas batidos, "Não mais a tal belleza perfeita da fallecida Grécia, que já foi realizada, não mais a exaltação do amor que nunca esteve a pere-

cer, mas a communhão dos homens de todas as raças e classes, fazendo que todos se compreendam sob o açoite da vida, para maior gloria e perfeição da humanidade."

Apezar do seu pessimismo, vê-se bem no fundo da sua alma sombria, "o ideal, fonte de justiça, de amôr, de sympathia."

Entre Machado de Assis e Lima Barreto ha uma grande difíerença. O mestre de "Brás Cubas" caíra em abstrações continuas, ficava quieto, a espiar, com curiosidade infantil, para dentro de si mesmo, na intenção de ver o mecanismo do cerebro. Por isso que, vivendo interiormente para si, não lhe ficou tempo sobejo para olhar a natureza. A paizagem não mereceu a attenção e o carinho do mestre.

Ante um scenario qualquer da nossa natureza, Machado de Assis ficava impassível, indifferente, meditando no absurdo da vida.

Para Lima Barreto a paizagem não é um *estado de alma,* como o é para Coelho Netto. Mas, aqui e alli, elle nos pinta pequenas telas, de côres claras, com muita luz, traços largos, expontâneos, que dão mais vigor á sua obra.

Lima Barreto diz no seu livro "Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá" que: "para se compreender bem um homem não se procure saber como officialmente viveu. E' saber como elle morreu; como elle teve o doce prazer de abraçar a Morte e como Ella o abraçou."

Não investiguemos, portanto, como o autor das "Historias e Sonhos" officialmente viveu. Não importa que elle tivesse tido uma vida desregrada, de bohemio inveterado; nem que andasse pelos bairros pobres a observar a miséria; muito menos que tivesse sido funccionario publico e engenheiro geographo.

O que vale assignalar é que, ao morrer, pobre como viveu, deixou uma obra honesta, de vulto, sentida com verdadeira emoção.

Lima Barreto fez uma obra humana, onde os desgraçados vão encontrar sempre repouso para os seus tormentos, consôlo para os seus infortúnios.

Recife, 23 — I — 1923.

SYLVIO RABELLO.

Da Universidade Nacional do México recebemos nove volumes da collecção de autores clássicos por ella editados, Dante, Platão, Homero, Eurípedes e Eschilo. Edições primorosas, tanto na parte material como no apuro com que as obras foram trasladadas para castelhano, vem ellas revelar ao mundo a solidez dos fundamentos em que o México está baseando a sua cultura. Poucos, talvez nenhum outro paiz da America Latina pôde orgulhar-se de ler os autores clássicos cm edições nacionaes. Nós, aqui no Brasil, por exemplo, vivemos ainda na dependencia dos editores europeus, francezes na maioria e um ou outro portuguez. Nenhum dos autores acima nomeados foi traduzido e editado no Brasil!

Dá-nos, pois, o México mais esta licção. Mais esta, visto como nos tem dado toda uma serie. O seu pavilhão na Exposição Nacional foi a ultima, e dc altíssimo alcance, pois vale pela mais esplendida affirmação de personalidade, cousa de que havemos mister e de que não temos a minima coragem.

Gastão Cruls — AO EMBALO DA REDE — Annuario do Brasil — Rio 1923.

O autor de *Coivaras* habituou-nos a ver em seus contos não simples phantasias de hábil arranjo, mas solidas composições com base no real. Em regra apanha os contos já feitos pela vida, a grande mestra, e os ordena e os veste de seu estylo apurado onde não raro se trahe o medico amigo de casos curiosos. Assim é que o publico intelligente já tem como marca de primeira qualidade o nome de Gastão Cruls e avidamente lê tudo quanto esse nome assigna. Nesta ultima collecção é do Norte, onde esteve em viagem dc estudos, que o autor traz os novos themas, desenvolvidos com a proficiência habitual. E — cousa digna de nota — o Norte, sob todos os seus aspectos, o ethnico, o mental, o geographico, revela-se-nos com muito maior nitidez quando tratado por uma visão do sul, do que quando visto por olhos de lá. O autor, por exemplo, prima por seguríssimo critério de escolha, tanto na paisagem como na psychologia ou nos costumes e dess'arte consegue fixar o essencial, que é o caracter peculiaríssimo das creaturas e das cousas. Isso torna sua literatura preciosa, como reflexo exacto do ambiente e estudo no qual a sciencia em todo o rigor de suas observações disfarça seus processos expositivos sob as roupagens seduetoras da arte. Recommendamos, pois, vivamente, aos nossos leitores, este e os outros livros de Gastão Cruls como fazendo parte da *literatura que a todos e indispensável ler.*

COMO SE APRENDE A LÍNGUA, curso elementar, 3." *edição,* ' *A. dc Sampaio Doria. Obra approvada pela Directoria Geral*

de Instrucção Publica de S. Paulo. Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1923.

O êxito desta obra, cuja primeira edição veiu á luz ha muito pouco tempo, foi tal, que os editores, no interesse de satisfazer aos numerosos pedidos que lhes eram de toda parte dirigidos, resolveram tirar segunda edição, que se exgottou em seguida, a despeito da avultada tiragem, e agora offerecem ao publico esta terceira edição, elegantemente cartonada e constante de trezentas paginas nitidamente impressas. E' que a obra do sr. Sampaio Doria, cuja autoridade, como mestre da lingua, é coisa sobejamente conhecida, corresponde a uma necessidade, pela maneira por que estão expostas as questões, e, sobretudo, pelo methodo, que é o que nos parece o melhor e mais ao alcance da intelligencia dos jovens estudantes. "Como se aprende a lingua" é uma obra inteiramente differente das que se conhecem no mesmo genero, as quaes, por complicadas e fastidiosas, são pouco acceitas dos estudantes, que geralmente as repellem ou apenas por obrigação é que se lhes submettem; esta é uma obra muito acceitavel a qualquer intelligencia, escripta com o proposito de vulgarisar o aprendizado da lingua, e em que o seu autor revela excepcionaes qualidades de didacta.

Era de esperar, pois, o seu êxito. Esta edição alcança até o decimo segundo milheiro.

TROVAS DE HESPANHA, por Affonso Celso. Nova edição.

Em Hespanha, raro é o amador de poesias que não possua em sua estante os "Cantares Populares y Literários", colleccionados por D. Melchor Paláu. E' uma farta collecção de poesias populares, muitas delias anonymas, que andam de bocca em bocca. Como é de ver, em se tratando de genero popular, o colleccionador, para não tirar ás composições o seu sabor ingênuo, não se deu ao trabalho de lhes apurar a fôrma, transcrevendo-as taes como são, corrigindo apenas as imperfeições muito grosseiras. E' um livro encantador.

As "Trovas de Hespanha", do sr. Affonso Celso, que os editores Monteiro Lobato & Comp. offereceram ao publico em edição elegantíssima, é uma versão, para o portuguez, de grande parte da anthologia hespanhola. Não é precisamente versão, mas paraphrase. E nem podia deixar de ser assim, porque não havendo em portuguez rimas toantes, como em castelhano, e não sendo admittido em portuguez o verso solto, isto é, sem rima, o sr. Affonso Celso, no esforço de engastar rimas onde não as havia, foi obrigado a recorrer á paraphrase. E desempenhou-se dessa tarefa galhardamente.

O sr. Affonso Celso é também poeta, e dos nossos bons poetas, e ao pôr em portuguez as trovas hespanholas, fel-o com esse carinho affectuoso que sempre mostrou quando se põe a poetar.

Vejam que encanto que ha nestas quadrinhas:

Maldito amor que tem sido
Do meu viver dura lei!
Havendo eu livre nascido,
Por elle me captivei.

O crime com a pimenta
Bem se pôde comparar:
Pouquinho, o sabor augmenta;
Muito, queima e faz chorar.

Meu coração imprudente,
Quem é que tinha razão?
Eu te dizendo: "Ella mente!"
Ou tu contestando: "Não!"

Maldito o triste tributo
Desse teu negro vestido!
Sinto que estejas de luto
Sem que eu haja succumbido!

Em "Trovas de Hespanha" não ha o que escolher, porque tudo é leve,, gracioso, cheio de enlevo e encantador.

PEDRAS DE ARMAS, contos de Pedro Calmon. — Monteiro Lobato & Comp., editores. — S. Paulo, 1923.

E' um livro de estréa este. Mas ninguém o diria, porque o seu autor revela nelle qualidades que só podem ser adquiridas ao longo de um velho tirocinio. O autor é um apaixonado dos estudos historicos, e foi na Historia, sobretudo na edade média, que mergulhou para buscar assumptos para os seus contos. Ao narrar um episodio de tragedia ou de farça, cuja acção se desenvolve ha alguns séculos passados, tem elle a habilidade de transportar o leitor para essa época, evocando-a por meio dos recursos da cor local e da linguagem apropriada. E consegue os seus effeitos sem pedantismo c sem eruditismo supérfluo, mas naturalmente, como se a narração não lhe custasse outro esforço mais que recorrer ora á imaginação, ora á memoria. São deliciosos porisso os feeus contos. Movimento, vivacidade, surprezas, nada falta aos seus contos para prender a attenção dos leitores e leval-a por deante. Junta-se a isto o estylo, que é claro, fluente e de bom gosto.

"Pedras de armas" é um livro que está destinado a ter grande êxito e a grangear para o seu autor uma reputação em nossas letras.

O REINO DE KIATO (No pais da verdade), novella de Rodolpho Thcophilo. Monteiro Lobato c Comp., editores — S. Paulo, 1922.

Tudo, nesta novella, concorre para attrahir a curiosidade dos ledores debons livros: o titulo, o nome do autor e a edição, que é elegante e bem cuidada. Rodolpho Theophilo, um dos fundadores da "Padaria Espiritual" do Ceará, única egremiação literaria séria que se tentou em nosso paiz e da qual estavam excluidas as mediocridades, é um novellista de brilhante imaginação, e o seu nome já pertence, desde muitos annos, á galeria dos nossos melhores escriptores. "O reino de Kiato" é um reino imaginario, ou melhor, é um reino que ainda não existe, mas que logicamente ha de existir mais tarde, d'aqui a um século ou mais, quando a humanidade tiver conquistado mais alguns progressos moraes e se tiverem tornado realidade algumas utopias que occupam hoje o espirito dos pensadores e theoricos. O autor, dando o salto de alguns séculos para o futuro ,transporta-se ao "paiz da verdade", e lá observa mil coisas interessantes, que, hoje, ainda são do dominio do sonho. E' uma novella empolgante, cheia de originalidades imprevistas, de surprezas, e que se lê quasi de um folego, com prazer c enlevo.

DANÇA DOS PYRILAMPOS, versos por Oswaldo Orico. — Monteiro Lobato & Comp., editores — Paulo, 1923.

Está muito em voga, na hora corrente, o verso livre de rythmo livre. Esses versos, como é de ver, são de mais fácil manejo, porque não escravisairu

o poeta a um mesmo metro, á symetria das rimas, ás cesuras e ás estrophes. Quasi que se pôde dizer que esse genero não custa ao poeta esforço mais que pôr cm prosa as suas idéas, e, depois disto, dividir os períodos em linhas de diversa extensão, dar-lhes um certo rythmo e collocar as rimas ao acaso, pouco importando a riqueza ou banalidade delias e as homophonias occorrentes. Como se vê, é o que ha de mais fácil; entretanto, a despeito disso, o artista de gênio logra fazer prodígios com o verso livre.

Esse genero, que é o mesmo, parece, adoptado pelos futuristas, só exige uma coisa: que o poeta não faça "enjambement", que nunca procure esse recurso. Isso é lei immutavel, só desobedecida pelos que a ignoram. De facto, se o verso é livre, se o rythmo é livre, se as rimas são facultativas, se tudo, nesse genero, é liberdade, porque buscar recurso no "enjambement"? E' o que faz a cada passo o poeta da "Dansa dos pyrilampos". Mas o critico é obrigado a perdoar-lhe essa fraqueza, essa e outras mais, porque ao lado delias sobresaem qualidades e virtudes. Ha poesias muito lindas no livro, inspiradas e expressas com calor.

A edição, feita a duas cores, é uma das mais elegantes e caprichosas que têm sahido dos prelos nacionaes, e superiormente recommenda o fino gosto dos editores.

VINHA RBSEQUIDA, versos de Djalma Andrade. — Monteiro Lobato & Comp., editores. — S. Paulo, 1922.

O verso, no Brasil, é uma arte corrente, ao alcance de todos. A sua fôrma, a sua technica, os seus segredos vulgarisaram-se de tal maneira, que os poetas mais minguados de talento e os mais detestáveis versificam, não raro, com inteira correcção. Já lá se vae o tempo em que se dizia que o conselheiro Octaviano e o grande Castro Alves não conheciam o "segredo'" da sexta syllaba do alexandrino. Esse segredo como outros mais são hoje coisas soalheiras. Os tempos mudaram. O que é extranhavel é que, no bons tempos d'antanho, quando os melhores poetas incorriam a cada passo em erros de construcção e de syntaxe e mal sabiam versificar, havia mais talento que hoje, e os poetas de hoje, com excepção de pouquíssimos, não fazem outra coisa mais que rimar bem, com rigorosa syntaxe e fôrma apurada, logares communs sem elevação ou desvarios sem nexo.

O sr. Djalma **Andrade,** pelas imperfeições da língua **e** da fôrma, pertence á pleiade antiga, mas avantaja-se aos modernos por uma certa finura, por uma graça que se torna cada vez mais rara. No dia cm que apurar a fôrma do seu verso e tratar a syntaxe com mais cuidado, será um poeta digno de hombrear com os nossos melhores. Porque o que lhe falta é exactamente o que pôde adquirir.

Encontram-se em "Vinha resequida" decassyllabos imperfeitos, como este do soneto "Cabellos brancos":

"Hontcm, querida, hontem arrancaste";

ou como este, do soneto "Fumando":

"Este cigarro, que, abstracto, fumo",

ou ainda como este, do soneto "Vai":

"Contra o absurdo das desuniões".

Imperfeições desta natureza, e outras, como homophonias, má construcção das estrophes, encontram-se com abundancia. Ha incorrecções deste jaez:

"Que o meu orgulho torne-se humildade"

Entretanto, a despeito de tudo isso, quanta graça, quanta originalidade, quanta fagulha ha na "Vinha resequida" l A parte intitulada "Anacreonticos" é a melhor. Della extrahimos este soneto que offerecemos ao paladar dos sensualistas e em que ha, sem duvida, algo novo:

"Encho a taça de vinho espumejante,
E a taça levo aos lábios com deleite:
Mandam todos que o vinho estonteante
E a taça e tudo, para longe, eu deite.

O' taça, minha irmã, justo é que eu cante
O vinho e taes conselhos não acceite:
Agua régia da Dor l inebriante
Vinho I tu és o meu segundo leite.

Quando minha alma é um temporal desfeito,
E quando a dor a sua garra adunca
Vem enterrar nas fibras do meu peito,

Taça, tu és o meu seguro arnez.
Os meus momentos de ventura nunca
Duraram mais que a minha embriaguez".

VISCONDE DE TAUNAY, paginas escolhidas dos melhores escriptorcs, por Alberto de Oliveira e Jorge Jubim. Livraria Garnier, Rio, **1922.**

Um livro precioso este. Mesmo para os que conhecem o visconde de Taunay, o artista de "Innocencia", é elle precioso porque nelle estão enfeixados os melhores contos e os trechos mais interessantes dos romances deste escriptor. No prefacio traça Jorge Jubim, com um grande senso critico, a figura moral e intellectual de Taunay, que tanta influencia exerceu em nossas letras e que ainda hoje é avidamente lido, o que bem evidencia esse cunho de perpetuidade que ha cm suas obras.

O trabalho dos colleccionadores é um trabalho consciencioso, feito com muito escrupulo e rigor de critica. Os que não conhecem Taunay poderão conhecel-o perfeitamente atravez dessa collectanea, que, além do valor que representa como obra d'arte, é uma digna homenagem tributada ao grande escriptor.

AS OPINIÕES E AS CREANÇAS, pelo Dr. Gustavo Le Bon. — Livraria Garnier, Rio.

Bem avisada andou esta casa editora em offerecer ao nosso publico, em portuguez, e o que mais é, em portuguez claro e correcto, esta popular obra de Le bon. Le Bon é um grande philosopho, é um dos espiritos mais esclarecidos e mais observadores da moderna corrente franceza do pensamento, e, além disso, é um notabilissimo artista que consegue tornar-se interessante a qualquer leitor c mesmo quando trata dos assumptos mais áridos. As theses desenvolvidas neste volume, origens irracionaes das crenças, os elementos da personalidade, a vontade inconsciente, os conflictos das lógicas affectiva, mystica, collectiva e racional e outras mais, são de uma grande opportunidade, e têm a virtude de abrir novos horizontes á imaginação, mesmo áquelles a quem sejam familiares estes assumptos.

HISTORIA DA INDEPENDENCIA DO BRASIL, por Carlos Maul, nova edição, Gubáo & Cia., editores. — Rio, 1922.

O sr. Carlos Maul tem explorado todos os generos literários. A sua obra já alcançou uma vintena de volumes. O verso, o conto, o romance, a critica d'arte, o theatro, tudo isto são coisas que trata com egual prazer e sobre que escreve com abundancia sempre e não raro com brilho. A "Historia da Indcpendencia do Brasil" não é um trabalho em que elle revela todas as suas qualidades, como em outros trabalhos de ficção; mas é um trabalho util, indispensável aos estudiosos da nossa Hitoria e aos que se interessam pelos grandes vultos do nosso passado. A nossa Historia, apezar de ser curta porque as suas origens são de hontem, está muito mesclada de phantasia, e só ultimamente é que têm surgido os contraditores, que se impuzeram a tarefa de perquirir a verdade. O sr. Carlos Maul não pertence a esta classe. Elie concebeu o seu trabalho e levou-o a cabo sem outra directriz que a de guiar-se pela documentação e pelos factos que se têm como verídicos, e realisou o seu proposito integralmente. Sobre a maior parte das obras cscriptas sobre este assumpto, a do sr. Maul leva, além de tudo, a vantaqem do estylo, que é elegante, e da linguagem, que é clara e correcta. Um bom livro, em summa.

RECEBEMOS MAIS:

Uma interessante e farta collecção de publicações de indole economico-social, editadas pela Associação do Trabalho, com séde em Buenos Aires.

Dentre os primeiros volumes publicados ha alguns firmados pelo dr. Dell'Oro Maini, que, na Republica Argentina, gosa de um justo prestigio pelo valor que representa, e são 03 seguintes:

Conferencia Internacional de Génova (sobre el Trabajo Marítimo), por Atílio Dell'Oro Maini;

Memoria y balance de la Asociación dei Trabajo, correspondiente el ejercicio de 1920-21;

Memoria y balance de la Asociación dei Trabajo, correspondiente al ejercicio de 1921-22;

Organisación Internacional de los Patronos Industriales,, por Atílio Dell'Oro Maini;

Memoria r *balance de la Asociación dei Trabajo,* correspondiente al ejercicio de 1919-1920;

La Oficialisación de los trabajos portuários;

Consejos industriales mixtos;

La immigracion en la Republica Argentina y la situacion social dei agricultor, pelo dr. Atilio Dell'Oro Maini;

Organisación Internacional dei Comercio, por Atilio Dell'Oro Maini;

Normas de acción;

Boletin de servido de la Asociación dei Trabajo.

Boletim da Agricultura, Commercio e Industria, da Secretaria da Agricultura, Industria, Commercio, Viação e Obras Publicas do Estado da Bahia. Números 10 a 12, referentes a Outubro e Dezembro de 1921.

Revista de la Pacultad de Derccho y Ciências sociales, magnifica publicação trimestral dirigida por Clodomiro Zavalia. Buenos Aires, 1923.

A REACÇAO MODERNA

Depois, do delírio do espirito, em que se procurou construir a realidade segundo os variaveis pendores de cada temperamento exaltado, haviamos de ter a reacção, que cresce e se agiganta em uma tortura insana pela fôrma, tentando cada artista aos mais ingentes sacrifícios. A época contemporânea, o minuto trágico em que vivemos, se caracteriza, por esse esforço doloroso, ancia desejo, o conflicto de cada alma para se revelar, dominando a matéria. A descrença lyrica dos românticos findou no realismo que, na philosophia, na arte e na sciencia, teve a solução materialista e grosseira, que só ajuntou á vida um pouco mais de melancolia. Tudo decepção para os que negavam! Nem aquelles que buscaram o precioso, nem a medida formal, nem o vago abstracto encontraram a chave para a existencia dos inquietos filhos do século, construído sobre a chimera de Rousseau e o scepticismo de Kant. A negação volvia e repontava em cada doutrina nova. No fim, permaneciam a illusão insatisfeita e o tédio aniquillante.

Aos herdeiros desta melancolia, foi preciso uma vontade inflexível para se não perderem em uma onda de desengano e desconsolo. A reacção violenta e forte, multiplicando energias vibrantes e heróicas, surgiu, e a palavra fé brotou de novo nas boccas incrédulas e vasias. Um frêmito exaltou o espirito contemporâneo, retemperado na grande fornalha da guerra, e por toda parte o esforço para nova obra se affirn\ou victorioso. Emquanto, o espiritualismo abria ás almas essa fonte de crença, sem a qual fenecem as creações feitas sobre a terra ingrata; emquanto a sciencia certifica seus postulados absolutos e pretenciosos, na arte principiou a tortura pela expressão, fóra das repetições constantes e gastas. O artista sentiu que o segredo de seu estro não mais podia ser transmittido segundo as regras inflexíveis e consagradas, e buscou, quebrando os moldes, uma fôrma maravilhosa inédita, que correspondesse ao seu exacto poder emotivo.

O espectáculo admiravel dessa luta por um rythmo novo é a tragedia deste mo* mento de arte. Por toda parte, essa inquietação se communica aos espíritos, como uma scentelha magica, que os inflamma no mesmo fervor e no mesmo enthusiasmo. Fôrmas, múltiplas surgem e passam, ha excessos e desvarios, uma loucura collectiva pelo desejo ardente e superexcitado. marcando o surto moderno que se affirma. Futuristas, dadaistas, cubistas, expressionistas e tantos outros procuram encontrar esse premio encantado e inattingivel, que será o resultado do tumulto contemporâneo, quando o gênio individual ou collectivo plasmar nesse material a obra prima. Mas, então, o gosto humano já variou tanto que outros desejos o moverão a novas conquistas. Afinal, as coisas voltam sempre e nós vamos acreditando em mudal-as...

A ancia da arte moderna não pôde ser observada ainda senão pelo aspecto de cada artista, e nunca pelas escolas.

onde o preconceito tira a originalidade imprescindível a essa fascinante e infinita procura. Cada qual se esforça por uma trilha nova, e os que acompanham as pegádas alheias são destituídos de interesse nesse movimento, em que o pormenor ainda é desprezível. Portanto, o artista deve ser uma personalidade empolgante. O seu *eu* deve surgir inconfundível, regendo a sua obra e sendo delia a mais exacta medida. Este é o caso do Sr. Mario de Andrade. Antes de tudo, devo dizer que, no autor da *Paulicéa Desvairada,* o que mais me interessa é a sua intelligencia. Foi ella que lhe despertou essa ancia por uma expressão nova e pessoal e fel-o abandonar os *versos metrificados,* bem feitos, bem arredondados e bem polidos, como publicam tantos outros e elle mesmo os rimou. A historia de seu espirito está nessa reacção intelligente, de um homem que se procura, persiste e vence. A sua descoberta não foi um feliz acaso, por desvio das correntes, mas a solução de um problema que propoz e resolveu. Sua poesia é uma esthetica differente, que foi buscar e encontrou. Portanto, o Sr. Mario de Andrade representa entre nós, a tortura de um homem que se recusou sentar em um banquete onde muitos já tinham comido, e foi tirar de uma arvore estranha um fruto novo, de sabor acre e differente. "Por muitos annos procurei a mim mesmo. Achei. Agora não me digam que ando á procura da originalidade, porque já descobri onde ella estava, pertence-me, é minha"

Na sua intelligencia, o aspecto critico é talvez o mais impressionante. *Paulicéa Devairada* é uma satyra violenta e audaciosa contra o convencionalismo infecundo e prosaico, as affectações e os preciosismos, que atropelam as letras e os costumes. Gritando ou rindo, com uma perversidade escandalosa, o Sr. Mario de Andrade nos transmitte, através de uma zombaria constante, que envolve até suas predilecções, emoção da vida, com um frescor e possivelmente uma barbaridade imprevistos. Neste imprevisto está outra maravilha de sua arte. No *Prefacio Interessantíssimo* explica, em uma feliz comparação com a musica, como nossa poética realização pela justaposição de palavras soltas, mas com uma suggestão clara, o que a harmonia musical expressa pela combinação de sons simultâneos. D'ahi o inédito constante, que á primeira vista choca, mas depois nos permitte esse prazer infinito de sentir além da fôrma o vago mysterioso, onde o espirito constroe inteiramente livre. Estes versos como exemplo:

Mornamente em gazolinas.. Trinta e [cinco contos I
Tens dez mil réis? vamos ao corso—
E filar cigarros a quinzena inteira...
Ir ao côrso é lei. Viste Marilia?
E Fílis? Que vestido: pelle só !
Automoveis fechados... Figuras im- [moveis...
O bocejo do luxo... Enterro.
E também as famílias dominícas por [atacado,
Entre os convenientes perenemente...
—Futilidade, civilização.

A emoção, se reveste uma expressão diversa, personalíssima e através de intelligencia subtil, é de um poder intenso e de uma fantasia rara. Que admiravel aquelle *Nocturno,* ou as *Paisagens,* ou ainda aquella *Religião* commovente e profunda, com este princípio de exaltação e força:

Deus! creio em Til Creio na tua Bíblia!
Não me a explicasse eu mesmo,
porque a recebi das mãos dos que viveram [as illuminações.

A sua satyra não é filha de um sentimentalismo gasto e fino, mas golpeada cruamente por um espirito que sente o dever irremissível de destruir inutilidades para abrir horizontes, para construir, para crear. Se, por vezes, aponta somente o ridículo das coisas, rindo delias com displicência, como na *Ode ao Burguês* ou no *Rebanho,* em geral a sua violência e o seu odio são de um cavalleiro intrépido, radiante de sua crença, pródigo de sua força. *As Enfibraturas do Ipiranga,* ao mesmo tempo de uma grande revolta, de uma violência fortíssima, têm uma suave poesia, de ternura e de esperança, a tranquillidade de uma fé que se levanta contra a bulha dos medíocres e dos r^e^" trogrados, mas ao fim chora o "arrepen-

dimento do transvario". O Sr. Mario de Andrade é um caso singular na nossa poesia, em que no combate não se some a personalidade, antes avulta e se engrandece, pelo prestigio do proprio ideal.

Na renovação moderna, que atravessamos, acompanhando todo o mundo, o Sr. Mario de Andrade permanece isolado. Combatendo a mesma batalha de um grupo admiravel, que o Sr. Graça Aranha, na *Semana de Arte Moderna,* apresentou como transformador da nossa arte e da nossa cultura, o autor de *Paulicêa Desvairada* é único, de si proprio mestre, guia e senhor. As influencias que soffreu soube dinamizal-as de sorte qüe completam e não deformam sua physionomia de poeta. Para percebel-o é preciso sentir a vida tumultuosa, e não igualzinha, compassada, regulada. Nada no universo é descontinuo, desigual, differente. Tudo é energia, é força, é movimento. O subjectivismo, através das apparencias triviaes ou sublimes, exige do artista moderno esse poder de synthese e de elevação, que muitas vezes parece extravagancia aos olhares communs. E, na poesia do Sr. Mario de Andrade, a essencia paira acima do verso e se revela ao contacto com a emoção que a presente, na magica evolução da fôrma. Pôde haver, ás vezes, excesso de subtilezas, mas o espirito vislumbra o que a fantasia obscureceu. No fim, será a libertação pela arte, o momento de vida mais intenso e mais integral.

"Não se escrevem versos para a leitura de olhos mudos", escreveu o poeta, E' preciso viver toda a vida para ler nos versos muito mais do que nelles está escripto, tudo o que sugerem, tudo que despertam, tudo que delles se evola para o vago. O mysterio é o thema derradeiro da Arte.

Renato Almeida.

('"O Paiz")

RECORDAÇÕES DO BARAO DE COTEGIPE

Este artigo não é meu. Inspirou-m'o o meu fallecido amigo dr. João Ferreira de Araujo Pinho. E\ cumpre dizel-o, extraído de uma entrevista que elle deu a "A Tarde", da Bahia, e foi publicada na sua edição de 13 de fevereiro de 1914. E ninguém podia falar melhor do barão de Cotegipe do que o dr. Araujo Pinho, seu genro, seu amigo, com quem intimamente conviveu muitos annos.

Conheci o barão de Cotegipe. Adversário, embora, de meu pae — um era liberal, o outro chefe conservador —, entre os dois houve sempre as melhores relações. Ambos baliianos e ambos senadores pela província em que nasceram, a politica nunca deu ensejo a que se quebrasse a estima entre os dois. Mas isso era commum no Império, maxímé no Senado. Recordando que do voltarete ou manilha da casa de Cotegipe era indefectível parceiro o senador Silveira da Motta, radical até nos dias em que "mais activo se mostrava na campanha contra o ministério de que fazia parte Cotegipe", dá o dr. Araujo Pinho a esse caso uma expressão característica e accrescenta: "A linha observada em suas relações reciprocas pelos estadistas do Senado — viveiro de organizadores de ministérios — assignalava precisamente os campos de acção politica; mas, em geral, o calor dos debates e a exaltação na defesa dos seus postos não impelliam os adversarios a ultrapassar as conveniências ou intringir o mutuo respeito. A opulenta collecção de cartas dos mais egregios políticos, amigos e adversarios, dirigidas ao barão, no longo decurso de sua vida accidentada, demonstra a cordialidade que elle sabia manter nas suas relações particulares."

Outro caso é lembrado pelo dr. Araujo Pinho, que dá egualmente idéa não só da nobreza de sentimentos de Cotegipe, como da consideração que reciprocamente se prestaram os grandes políticos do Império. Era uma quinta-feira, dia das recepções de Cotegipe, em que affluiam á sua casa muitos amigos e simples visitantes. "Em dado momento, o barão, polidamente, lhes observou que a recepção se restringiria a simples palestra, sem nenhum caracter festivo, porque se achava enlutado o lar do seu collega senador Saraiva, cuja virtuosa esposa tinha fallecido. Eram, aliás, ha muitos annos de mero e cerimonioso cumprimento as suas relações com aquelle eminente estadista."

Recordo-me da amenidade graciosa do trato do barão de Cotegipe. As relações entre mim, muito moço, que elle tinha conhecido menino, e elle, digno de todo o meu respeito, não podiam ser de intimidade. Mas, era natural a sua delicadeza, "repassada, — a phrase é do dr. Araujo Pinho — nuns longes aristocráticos". Demais, tinha o barão, como íbem assignalou o conselheiro Coelho Rodrigues, citado pelo dr. Araujo Pinho, "o segredo de interessar na sua conversação todos aquelles que o ouviím, desde o menino até o ancião, desde c sertanejo até o diplomata, desde o politico até o aspirante até o argentario analphabeto, desde as senhoras mais distinctas até as donzellas mais ingênuas".

Ouvi-o na tribuna do Senado, onde brilhava entre os primeiros parlamentares naquelle tempo em que entre nós esteve em plena florescência a eloquencia parlamentar. Ouvil-o era um encanto. Improvisador incomparável, a sua palavra de clareza crystalina, sempre muito espirituosa, ás vezes calorosa, corria facilmente; elevava o debate, que elle sabia no entanto suavizar, mesmo nos assumptos mais áridos. Reunia a graça á força, a variedade á elegancia no dizer. Outros mostravam mais leitura, citavam mais, ao passo que elle elucidava com as próprias luzes. A ouvir seus rivaes, que eram uma pleiade illustre, não tínhamos na política homem mais intelligente. Todos lhe davam a palma, e, se faziam restricções, era quanto ao estudo. "Se estudasse mais...." diziam todos. E, talvez, os críticos ainda estudassem menos.

Esse homem, que diziam não ser estudioso, a quem arguiam de perder muito tempo com diversões, foi, entretanto, inexcedivel entre os nossos grandes ministros trabalhadores e mais prompto na solução dos negocios submettidos ao seu exame. Na sua mesa não se amontoavam papeis. Disse-me Balduíno Coelho, que foi seu principal auxiliar de gabinete quando ministro do Império — e nesse momento o barão geria duas pastas, essa e a de Estrangeiros — que, dos muitos ministros com que servira, nenhum se comparava com Cotegipe na facilidade de apprehender as questões e dar-lhes prompta e justa solução. E despachava todos os dias.

Mas, quem era Balduíno Coelho, cujo testemunho invoco? O mais completo dos nossos altos funccionarios públicos. Não seria eu que teria agora de dizel-o, mas, se ainda vivessem, os differentes ministros do Império, que o tiveram a seu lado, a que prestou serviços inestimáveis. Além disso, era primorosa sua cultura literaria. Era muito mais que um simples burocrata. Tenho delle a maior saudade, e apraz-me confessar que, no trato com elle, na sua conversa interessantissima, na troca de idéas e impressões de leitura, muito aprendi.

Accumulava Cotegipe as funcções de ministro com as de Provedor da Santa Casa de Misericórdia, onde prestou serviços consideráveis. E isto ainda com as Camaras abertas, quando aquelles trabalhos accresciam os parlamentares. Deu-se o mesmo com outros dos nossos estadistas da monarchia, como Zacarias, cujo nome me acóde á memoria. Recebia Cotegipe todos os dias as pessoas que tinham negocios na Santa Casa. Ouvia-as attenciosamente, comquanto, segundo o dr. Araujo Pinho, "obstando cortezmente ás exposições impertinentes". Também, diariamente, ao anoitecer, despachava o expediente da Santa Casa, e nesse serviço, que chamava serviço de Deus, o ajudava uma de suas distinetissimas filhas, a mais moça. Esta, de pé, ia tirando da respectiva pasta os papeis, apresentando-os succèssivãmente á assignatura, que fazia seccar com areia metalica.

Com todo esse trabalho, exactíssimo no cumprimento dos deveres de cortezia e boa educação, entretinha-se também com jogos de sociedade, que dizia salutares a um cerebro sobrecarregado, e ainda lhe restava tempo para ler. Lia os jornaes da terra — era a sua primeira occupação, pela manhã — lia jornaes estrangeiros e revistas, gostava de Memorias, livros de historia, de romances e novellas. Foi quem primeiro me recommendou a leitura do "L'abbé Constantin", do Halevy, quando saiu na "Revue des Deux Mondes". Foi numa palestra com que me honrou na salinha do café do Senado, que eu costumava frequentar, e onde José Bonifa-

cio sc comprazia, deleitando-me, em recitar-me sonetos seus e outras poesias.

Meditando é que Cotegipe se preparava para as discussões parlamentares. Depois do almoço, fumando um forte havana, que accendia cuidadosamente, porque dizia que disso dependia o bom charuto; passeando ao longo de uma sala, é que coordenava idéas, fixava factos, para suas occupações diarias e, portanto, para aquellas discussões. Confiava na sua memoria, "tão tenaz — affirma o dr. Araujo Pinho — que o guiava nas respostas, ponto por ponto, aos discursos mais extensos e complexos, sem tomar uma nota. Estudado o assumpto, formava-lhe o schema e confiava o êxito á espontaneidade e lucidez de seu espirito, ás impressões do momento, aos embates da tribuna, soccorrendo-se dos elementos de antemão dispostos no seu conjuncto. Gostava das replicas immediatas onde ostentava o seu vigor e a inesgotável fecundidade de seus recursos. Vexava-o ter de espaçar a resposta, porque o intervallo, dizia elle, lhe esfriava os nervos".

Cotegipe era madrugador. Desde muito cedo se entregava aos seus múltiplos affazeres. Após a leitura das folhas do dia, cuidava de sua correspondência assiduamente sustentada. "Nas cartas de somenos importancia, traçava a lápis, pelas entrelinhas, com letra fina e firme, as forças para a resposta, ás vezes tão comprehensivas — é sempre o dr. Araujo Pinho que fala — que só restava aos seus auxiliares o trabalho material da cópia. Antepunha aos nomes dos signatarios, para evitar omissões no endereço, os títulos honoríficos, scientificos ou patentes que elles possuíam. Respondia de seu proprio punho a outras cartas. Não as rascunhava e de poucas fazia extrahir cópias."

Cotegipe, se não cortejava a popularidade, e foi sempre inimigo da popularidade, também nunca foi áulico. "Não sou monarchista de coração — disse 'um dia ao dr. Araujo Pinho — e nada devo aos representantes mais graduados do regimen. Sou sim, monarchista de cabeça. Penso que seria funesta e irrisoriamente prematura uma republica que se implantasse num paiz em formação, como o nosso, onde quasi nove décimos da população se compõem de analphabetos, esparsa em núcleos distanciados por uma extensão territorial enorme, sem communicação rapida... Não estamos de vez para a republica, mas, monarchistas é que estão, com reformas radicaes, despercebidamente servindo os interesses da anarchia e simploriamente concorrendo para a sua victoria final. Eu, como piloto experimentado, zeloso da vida e dos interesses alheios, chamo a postos a tripulação, advertindo-a da imminencia do perigo. Não o querem enxergar, nem os mais directamente ameaçados; e ainda em cima incriminam os meus conselhos de velho e desnaturam os meus sentimentos pessoaes. Não tenho olhado a sacrifícios no cumprimento do meu dever de patriota, como eu o entendo em minha consciência. Deus permitta que um proximo futuro não me justifique."

Refere o dr. Araujo Pinho que á primeira vez, depois de 13 de maio, que a Princcza Isabel encontrou o barão de Cotegipe, lhe disse em allusão accintosa ao seu prophetico discurso proferido no Senado: — "Então, sr. Cotegipe, a abolição se fez com festas e flores. Ganhei ou não a partida?" Cotegipe, fitando-a, replicou: — "E' verdade, Vossa Alteza ganhou a partida, mas perdeu o throno."

Eis ahi, em breves traços, recoiúj.-ções da vida de João Mauricio Wanderley, barão de Cotegipe. São mais da vida intima que da publica. A sua vida publica presta-se para uma grande obra, que está promettida por seu neto, o dr. José Wanderley de Araujo Pinho. Além de inspiral-o o justo orgulho da ascendência, que lhe é honrosa, é um trabalho patriotico, a que se consagra meu illustre patrício. Em quasi meio século de vida publica, que se dilatou por quasi todo o segundo império, o barão de Cotegipe distínguiu-se como político, chefe de opposição e chefe de governo, como administrador e como diplomata. Nesta ultima qualidade foi o nosso plenipotenciário da paz, terminada a guerra do Paraguay, e brilhantemente, com felicidade, defendeu os interesses brasileiros em luta com os de seus alliados. A vida do barão de Cotegipe, que será também a historia do partido conservador^ de que

elle foi, longos annos, cardeal e pontífice máximo, nos últimos annos da monarchia, será uma preciosidade para a nossa tão pobre literatura politica. Venha á estampa a obra do illustre neto, da qual muito proveito terão que tirar os contemporâneos. Farta será a messe de lições e exemplos.

Gil Vidal.

("Correio da Manhã").

BRODIOS

Creio na salvação da patria, apezar das repetidas fatalidades culinárias que perseguem a pratica das instituições nella estabelecidas pelo Exercito e pela Armada em nome da Nação. Confio nos grandiosos destinos do Brasil embora, a datar de 15 de Novembro de 1889, indefectível e invariavel appareça no programma de todas as suas solemnidades politicas, ccmo numero importante, o cardapio dum banquete.

O porque explicativo desse opiparo, copioso, e, sobretudo, caríssimo phenomeno, ainda ninguém o designou com visos de certeza, de que, todavia, seja elle relativamente novo ha não só testemunhos de vista e de queixo, mas lúcidos argumentos oriundos dos nossos respeitáveis archivos. Nem nas refeições collectivas, bastante contestadas, aliás, do indígena sul-americano ao longo do nosso littoral, • nem na nossa vasta documentação administrativa, edosa de quatro séculos, é possível encontrar raízes geradoras e determinantes de tão evidente appetite.

Mudos são os annaes lusitanos a respeito de brodios com que houvessem Yanes Pinzon e Alvares Cabral, em Janeiro e Abril de 1500, festejado os respectivos desembarques nas praias da Pindorama. Isso nos primordios de nossa historia.

Correram e decorreram tempos e tempos, veiu a nossa phase economica, e quer da imprensa, quer da tradição, não constam ceias, jantares e almoços a pretexto do famoso brado do Ypiranga, sendo até generalizada a crença de que, em 1822, havia no Brasil muito mais sêde de liberdade que de vinho do Porto. E para atalhar enganos que attribuam a embaraços monetários tanta temperança, cumpre assignalar que, na época, os apuros financeiros, menores que os esperados e livres da fiscalisadora espionagem de credores externos, quasi se limitaram a emprestimo interno de tres mil contos, a juro baixo, para custeio da Independencia, sendo tal quantia, dezoito mezes depois, empilhada em caixa, para liquidação do debito por ministro que nunca foi banqueteado.

Noutro marco significativo de nossa evolução, a Maioridade, attingindo o cambio o par a despeito das agitações que embaraçaram o grave acontecimento, nem um patriota, na tribuna, na imprensa, mesmo nos conciliábulos, se lembrou de inaugurar o segundo reinado com o espectáculo de comesainas publicas. Dos 222 ministros que entraram para os 59 gabinetes do antigo regimen, nem um, ao receber o decreto de nomeação, foi por isso banqueteado; naturalmente porque, durante os nossos primeiros 67 annos de povo livre, mastigar em commum não entrava na lista dos deveres partidarios.

Que differença, agora! Mal se transforma em realidade a suspeita de que um fulano seja mais ou menos ministro, irrequietam-se em importunas subscripções as suas amizades parasitarias, e eil-o victima de um banquete. Eil-o condemnado a perder tres dias de vida; um para decorar o discurso do commovido agradecimento; outro para, de casaca e sitiado pela própria admiração, recital-o em replica ao offertante official e ouvir as treplicas de vários oradores extranumerarios que, abrindo a bocca, não a fecham facilmente; c ainda um terceiro dia para a leitura e exame das noticias da festa e rubrica dos pagamentos lateraes. Só isso? Mais: perde também a Secretaria do homenageado com a nova demora do já accumulado expediente. Vantagem para o paiz? Zero.

Por que não combinam os chefes da politica nacional extirpar dos nossos hábitos, e da risota das legações estrangeiras, esse de comes e bebes a proposito de insignificantes incidentes administrativos? Somos um povo essencialmente

abolicionista. Tivemos a abolição do domínio portuguez, a abolição dos escravos, a do systema monarchico constitucional, a do voto livre e a da prestação de contas: por que não havemos de ter, também, a abolição dos banquetes governamentaes? Uma propaganda nesse sentido seria de utilíssimos effeitos.

Que "o Brasil se acha ás bordas do abysmo" é lemma com aspirações a axioma; mas alguém já viu banquete entupir abysmos?

Que os nossos orçamentos crescem na despeza e o credito nacional cresce no descredito, attestam, numa monotonia atroz, todas as commissÕes e todas as arengas parlamentares; e alguém já viu banquete diminuir despezas e augmentar receitas?

Mas para que tanta comida, se o dinheiro é tão pouco! Muita comida desafia a gula, peccado que conduz em linha recta á moléstia de dyspepsia, menos incommoda ao enfermo do que aos amigos que o aturam. Quando o brodio é governamental esses amigos chamam-se contribuintes, e, se obtém convites para a mesa do orçamento, tão mal servidos se julgam que nem um se retira satisfeito, tratando todos de voltar com intenção de comer mais.

De resto, é de praxe que as grandes funcçÕes terminem mal. O festim de Balthasar, uma orgia, a orgia classica por excellencia, acabou em desastre como todas as orgias grandes. Interrompeu-a, interessada na cobrança dos gastos, a policia internacional, então representada pela poderosa Pérsia, que, como a Inglaterra no moderno Egypto, prendeu os festeiros, despediu os fâmulos e arrecadou os talheres.

O banquete de Platão, e dos Lapithas de Luciano e o das Bodas de Gamacho, esses, lidos e não comidos, existindo apenas no papel ou no pergaminho successor do papyro, podem e devem ser tolerados pelo povo, que nunca os surprehendeu penetrando os mysteriös da verba secreta. Deixem-nos, pois, empoeirados, nas estantes em que se acham; delles jámais partiu ou partirá ensinamento culinário, ou conselho devorador, aos regalados directores dos destinos nacionaes.

Não, não foi nesses profundos e pensadores modelos que os nossos estadistas aprenderam as paparichosas solemnidades que a meudo os reúne. Donde lhes chegou a lição, sei eu: que, porém, lhes não aproveita ella para desculpas, melhor do que eu sabem elles.

Na patranha "ultimo banquete dos Girondinos", que James Westfall arrazou em citadissimo estudo, foram os successivos próceres do nosso amado Brasil receber idéa e consultar fórmulas dessa mania banqueteadora que fornecedores e fornecidos, enthusiasmados por duplicata, gostam de consolidar com o auxilio do Exercito e da Armada em nome da Nação. Producto imaginoso de Charles Narien, anda essa peta, ha já longo prazo, despida dos fósenseta ás legendas de Guilherme Tell e de Pedro Eremita. Só a toma a sério quem não é serio.

Errado, pois, na sua origem o furor alimentício que actualmente agita a alta administração do paíz, só um excesso de boa fé lhe vaticinará consequências agradaveis. Não a tenho. Não a tem, na particularidade do temperado assumpto, a opinião que lhe teme a persistência e já começa a duvidar duma patria onde clero, nobreza e povo, num delírio festeiro, adoptaram a norma de celebrar os homens públicos, não pelo que fizeram, mas pelo que poderão fazer.

A' duvida popular, porém, opponho minhas duvidas. Ò Brasil não é incurável; seu brodio-abcesso é resolúvel. Dum bem dosado tratamento indirecto, creio,, confio, resultará a sua convalescença. Duma injecção de pudor, por exemplo. Deem-lh'a assim:

— Emquanto não houver saldo de verdade nas arcas do Thesouro Nacional, o ministro sómente poderá ser banqueteado em sua residencia, á sua própria custa, por sua mulher e seus filhos.

S. Paulo, 1923.

Martim Francisco.

("Jornal do Brasil").

ESPLENDIDO ISOLAMENTO

Poderá parecer um paradoxo ou ura desafio o titulo que encima estas linhas,.

tias vésperas de um Congresso Pan-Americano. Não é uma coisa, nem outra.

Sempre fui um partidario ardente da politica de approximação de todas as nações do nosso continente. E nesse meu pensar entravam tanto as minhas tendências individuaes quanto a essencia do caracter nacional brasileiro. Creio que não erro — porque, alem da minha observação pessoal, me firmo em testemunhos estrangeiros, não só europeus, como mesmo americanos — dizendo que somos uma das nações mais sociáveis e hospitaleiras da America. As desgraças de nossos irmãos americanos sempre nos commoveram, suas alegrias sempre nos encantaram.

Houve mesmo época em que fóra e dentro do paiz se procurou pôr em ridículo nossa actuação internacional, classificando-a de quixotesca.

A nossa attitude por occasião do bombardeio de Valparaiso, a nossa guerra a Rosas, a nossa paz com o Paraguay depois de uma traiçoeira, longa e cruentissima guerra, em que acabamos marcando com as nossas baionetas os mesmos limites que sempre havíamos reclamado com as nossas pennas, em uma época em que da Europa e da própria America nos ensinavam a cobrar as despezas de guerra e as vidas perdidas em terra do vencido; as nossas contemporizações com o Uruguay, depois das longas e gravíssimas offensas á nossa bandeira e á nossa gente pelo governo de Aguirre; e muitos outros episodios menores da nossa historia diplomática quasi que nos mereceram realmente a classificação de quixotesca, dada á nossa actuação internacional no tempo do império.

Mais tarde, em Haya, a nossa opção pela defesa dos pequenos, com todos os seus precalços, em vez de nos collocarmos ao lado dos fortes, com todos os proveitos, veiu patentear ainda que nem mesmo a idade nos havia empanado os idéaes.

Certo periodo houve hiesmo em que os nossos gestos gentis para com americanos illustres, argentinos, chilenos, uruguayos, etc., que passavam por nosso porto, valeram ao Itamaraty o zombeteiro titulo de restaurante sul-americano. ..

No tempo do , império um dos estribilhos da propaganda republicana era a necessidade de integrar o Brasil nas democracias americanas, para acabar com as eternas desconfianças dos nossos vizinhos contra a corôa.

Nas questões internacionaes as mais vitaes — as de limites — nunca nos valemos para resolvel-as da nossa indiscutível superioridade de força no momento; e sempre que as não conseguimos resolver por accordo directo, appellámos leal e nobremente para o arbitramento.

Na questão do Acre a nossa fraternidade continental levou:nos a comprar por milhares de libras um territorio que só os fuzis dos acreanos favorecidos pela situação geographica teriam sido sufficientes para collocar definitivamente debaixo da bandeira brasileira.

Na celebre questão do telegramma numero 9, o nosso immortal chanceller, para bem da paz americana, teve aquelle grande gesto, único na historia diplomatica, de atirar sobre o tapete da discussão a própria cifra de sua legação!

Não ha muito o mundo inteiro foi surprehendido com aquelle outro gesto ainda mais bello de Rio Branco, reformando espontaneamente um antigo tratado com o Uruguay, para ceder cavalheirescamente áquelle nobre paiz vantagens de que legalmente estavamos de posse havia muitos lustros.

Ainda hontem bastou que a nota leal, cristalina, fraternal do nosso convite para a conferencia preliminar de Valparaiso brilhasse á luz do dia, por cima dos gazes asphixiantes das interpretações tendenciosas de um documento occulto, bastou, dizia eu, que essa nota fosse estampada na imprensa da America para que a tempestade que procuraram soprar serenasse milagrosamente.

E, entretanto, o Brasil continua sempre suspeitado. . . Como Christo diante dos judeus, todo esse passado inteiriço de garantir a pureza de suas intenções, exige-se sempre uma prova nova...

Sim, não bastou termos voltado de Monte Caseros sem um proveito em relação com os sacrifícios feitos e os perigos corridos; do Paraguay sem um millimetro de territorio accrescido, sem um

vintém da divida cobrado; do Uruguay sem os limites naturaes que para bem de ambas as nações deveriam ter sido então traçados; não bastou que tivessemos banido um grande monarcha; não bastou que tivessemos tido sempre a mesma linguagem internacional, quer quando fortes, como hontem, quer quando fracos, como hoje; sim, não bastou tudo isso para convencer nossos irmãos americanos de que o critério único da nossa politica internacional é a paz americana dentro do direito.

Não somos, pois, nós , que queremos uma politica de isolamento. As nossas iniciativas são mal recebidas; as nossas attitudes mal interpretadas nossos convites recusados e recusados até descortezmente; que manda a dignidade nacional que se faça em tal emergencia? Que nos isolemos.

Ei' o que penso que devemos fazer depois do Congresso de Santiago.

Felizmente possuímos um territorio onde todos os climas nos podem fornecer todos os productos. E, se algum desses productos necessitarem algum tempo para que appareçam em quantidade sufficiente, são livres os mares que teremos de sulcar para ir buscar o que nos faltar.

Devemos, sim, ir á reunião de Santiago, mas para aproveitar a occasião para fazer uma despedida collectiva de uma sociedade, que não nos quer.

Devemos, sim, lá ir também para dizer bem alto o que ao Brasil cumpre fazer em matéria de armamentos, sem se importar com vetos nem applausos alheios, porquanto o seu critério, é, *exclusivamente,* o de sua *defesa* dentro de seus recursos e de suas necessidades.

Sou um antigo pacifista, mas um pacifista que quer o desarmamento geral, e não um desses utopistas, que prégam o desarmamento de uma nação ou de um grupo de nações no meio de vizinhos armados. Ou desarmemo-nos conjunctamente todos, ou se desarmem isoladamente os loucos.

Quando, em princípios de 1915, acreditei, como muita gente, que o phantasmi guerreiro do mundo ia ser sem demora esmagado entre o peito de bronze do soldado francez e o colossal *roleau* russo, já então em movimento, pensei chegada a hora do desarmamento geral.

Os annos que se seguiram de guerra á allemã e de paz á turca, vieram convencer-me, porém, que emquanto houver ferro, coke e homens na Allemanha haverá canhões na terra. . .

Foi, até certo ponto, vantajoso que succumbísse durante a gestão a conferencia preliminar de Valparaiso. Não é gratuito imaginar-se que não haveria accordo possível entre os pontos de vista brasileiro e argentino.

O Brasil acha que homens e portos devem ser os elementos principaes para fixar as proporções das forças navaes. A Argentina entende que essa proporção deve ser determinada pelo numero dos pesos e dos bois. Parece-nos, pois, que em tal terreno toda discussão seria inútil se não prejudicial.

E' minha opinião que o Brasil deve cuidar, mesmo com sacrifícios, de suas forças armadas, mas sem se desviar do critério sinceramente defensivo. Dada a nossa situação geographica, essa orientação, fielmente seguida, não poderia produzir desconfianças.

O Brasil não terá um só soldado mais do que o exercito da Argentina, nem uma só tonelada mais de poder naval offensivo do que a sua esquadra, mas, quanto a elementos navaes de poder essencialmente defensivo, como fortes, minas e torpedeiros, hydro-aviões e submarinos de curto raio, o Brasil os terá tantos, escalados nos portos do seu longo litoral, quantos julgar necessários para sua melhor defesa, seja contra quem for.

Mencionado a Argentina para base dos cálculos do nosso poder militar, não o faço absolutamente por achar que haja assumptos ou interesse que possa lançarnos em conflicto com ella mais facilmente do que com qualquer outra nação. Estou perfeitamente seguro que a phrase lapidar e totalmente verdadeira do graride Saenz Pena, no momento opportuno echoará sempre aos ouvidos dos eminentes estadistas e verdadeiros jornalistas das margens do Prata e da Guanabara. Se menciono a Argentina como padrão para nosso poder militar é porque o Brasil, por sua população, por sua extensão e por sua

importancia, tem para comsigo mesmo o *dever inilludivel* de estar tão bem armado como o mais bem armado dos seus vizinhos.

Cumpramos, pois, com esse dever, e fiquemos serenamente em nossa casa.

Já ha um outro grande isolado na America; no nosso isolamento não ficamos, pois, em má. . . companhia.

DARIO GALVAO.

("O Paiz").

MAGIA NEGRA

Os erros, muitas vezes, escondem verdades que deviam ser conhecidas, para assim nos livrarmos de muitos perigos e males.

O que nos afigura um erro, um sortilégio, dê-se-lhe o nome que quizer é como já disse muitas vezes, uma verdade que já foi reconhecida e praticada com êxito.

A feitiçaria, que, no fim de contas, é a própria magia negra, encerra muita cousa que se devia estudar, porque é preciso que o saibam, muitas das moléstias que perseguem a humanidade, não têm outra causa. Assim, uma perseguição, feita com critério a essas casas, onde se a pratica, era um relevante serviço prestado á população do Rio.

Não estou de accôrdo em que se persiga a torto e a direito para se satisfazerem vinganças, evitando, d'esta arte que certos interesses de classes poderosas, sejam compromettidos, uma vez demonstrados por homens, apparentemente ignaros certos erros palmares por ellas praticados.

A força da magia reside no elemento mesmo que a produz. Os meios de que ella se serve, são os mesmos de que se servem todos os homens, quer no agitar a scentelha de gênio para fins literários ou artísticos, quer para dominar intervenções insólitas no terreno da medicina.

Ha correlações, dependencias, subalternidades que não podem ser alcançadas pelos nossos processos communs de observação e experiencia. A vastidão ihcommensuravel da dynamica universal, a sua complexidade crescente, pelo grande numero de phenomenos que se nos vão apresentando, á medida que subimos na hierarchia dos mundos, impedenos de observar certos contactos, de derivar para effeitos conhecidos certas abstracções, oriundas de um meio condicional a manifestações de uma ordem, em que a magia encontra a sua explicação, senão a sua justificação.

Não ha nada mais tôlo do que achar que os manipanços, as caveiras, as hervas, os animaes resequidos pelo tempo, as oraçõeõs, os punhaes e outros artefactos são produetos de cerebros desorganizados ou de superstições grosseiras.

Não ha razão. Cada uma destas até certo ponto, macabras e estúpidas manifestações, nas quaes se aprazem os feiticeiros, é uma coordenação empyrica de um phenomeno consciente, realizado por provocação directa do symbolo.

Que é o symbolo senão a degradação dc um estado que se fixará em um ponto, visado pela intelligencia humana, para o fim de trazer ao circulo traçado pelo symbolico certos phenomenos, sem os quaes não seria possível obter o que se deseja." O symbolo é, pois, uma força de attracção; um traço de giz, posto no assoalho pela mão perita de um caboclo ou de um africano, é um perigo. Ail daquelle que assentar os pés nelle... Conforme a força do elemento, alli contido, assim, a natureza do mal. Eni poucos dias pôde ser um cadaver, um louco ou um paralytico.

Para se comprehender bem o meu pensamento, vejamos como se opera a assistência fatídica e perversa que nos destroe.

Ha um mundo para onde vamos, depois que desapparecemos. E devia ser tanto logico e verdadeiro para os catolicos, a transladação, quanto é certo que vemos diariamente convites para missas do sétimo e do trigésimo dias. Se a Egreja romana instituiu as missas, foi naturalmente considerando a salvação das almas. Portanto, a concepção da alma, inserta no convite, suppÕe alguma cousa mais que um simples fluido, uma simples névoa a desfazer-se ao menor sopro.

Salvar uma alma é o mesmo que salvar um homem. Rezar por ella, é levar a Deus a supplica que, de alguma fôrma, attenuará os seus peccados. O ponto de vista sectarista do romanismo religioso, é, de todo ponto, verdadeiro, porque revela a apprehensão nitida de um principio eterno.

Só o que destoa das boas regras do raciocínio é julgar que basta rezar em commum, sem a compuncção e o recolhimento necessários para que a prece produza os seus maravilhosos effeitos. O pensamento quasi sempre não attinge o alvo: Deus não ouve a supplica. Quando não vem do coração, não tem valor a prece.

Seja como fôr, porém, vê-se que o intuito dos que vão assistir á missa é promover os meios de tornar leve a vida de quem partiu.

Logo, trata-se de um homem, portanto, de um organismo, em tudo egual ao nosso, pois não é possível que se tenha reunido tanta gente para pedir a Deus que receba na sua santa gloria uma nuvem, um pouco de fumaça, ou cousa equivalente.

Os homens não são eguaes: ha bons e ha máos.

Pretender, com algumas missas, ou, mesmo com préces, feitas, como Jesus quer que se faça, se modifica um organismo corrompido pelas paixões, pelos odios e pelos vícios, é querer um absurdo, contra o qual deve revoltar-se a própria razão dos que vão ás Egrejas para esse fim.

Os bons chegam bons ao outro mundo e os máos, também não mudam. Bondade, como maldade, são substancias. Estas, attráem outras, mais corrompidas, até que as primeiras, que eram puras, se sujam, ao contacto com as mais recentes. Ao fim de algum tempo, as que vieram pela hereditariedade, augmentadas pelas adquiridas, transformam os homens, fazendo delles vehiculos do mal.

E' precisamente, nesse mal que sé encontra o instrumento manejado pelos feiticeiros ou por todos os individuos que se dedicam á profissão de perturbar os lares dos seus irmãos, os seus negocios, a sua vida, em summa.

De sorte que esses individuos são o que se poderia chamar, o élo de communicação com os que a maldade tornava emissários do pricipio eterno de destruição geral.

Se as missas são verdadeiras invocações aos que se ausentaram e, tanto, assim, que muitos assistem a solemnidade, porque não hão de, também, os feiticeiros pôr-se na corrente de outras invocações congéneres, embora para fins differentes? Por que razão conservam elles aquelles bonecos horrorosos, sapos, serpentes, hervas, etc.? E' que estas cousas têm uma representação symbolica. Servem de nexo entre o elemento invisível e o visível.

Cada espírito, que se presta a trabalhar com um desses empreiteiros de malefícios, senão viveu do mesmo officio quando na terra, foi perito na arte de fazer o bem ou o mal, conforme o seu interesse. Ora, existindo, (porque a vida de alem tumulo é um facto, e' é, por isso, que se dizem missas para defuntos) não perdem o que sabiam, nem os seus hábitos, e, uma vez invocados, põem em pratica os seus processos, acompanhados de dansas, cantos, etc., etc.

E' um ritual como outro qualquer. Tome-se a obra de um ethnologista (a Sociologia de Spencer, por exemplo) e ahi encontrareis farto manancial que nos explicará como os índios, os africanos, etc., procedem, sempre que tem de invocar os manes de seus antepassados.

Tudo se faz por meio de dansas, e cânticos, expressões de sentimentos e idéas, rudimentares, que importa, mas que estão de accordo com o gráo ou estado dos individuos invocados. Portanto, desde que se tiver de fazer uma referencia a esse ritual ou processo invocativo, nunca se deve attribuir á loucura, ou á alguma influencia que inculque desequilíbrio mental.

E' um erro: ha, de facto, um motivo occulto nessa manifestação bastarda da verdade.

Todos aquelles trejeitos ou formas de invocação assignalam a presença do élo invisível, a que me referi, e que serve de surto ao médium, nos momentos em que deve pôr-se em contacto com o meio distante, onde vae desenrolar-se a scena depredatoría de nossa segurança e da nossa integridade physica e moral.

A symbolica é uma manifestação superior do saber. O symbolo? a concretisação de factos que precisam de se tornar

patentes, para serem conhecidos. De outro modo, como verifical-os, coordenal-os e applical-os? São idéas que se agitam em outras espheras e que trazemos, por meio de formas, mais ou menos adequadas, ao plano dos effeitos, que é a terra. Ora, querer attribuir á loucura a affirmação de uma lei que, de facto, exprime uma ordem de phenomenos intimamente ligados á nossa existencia, é ser mais louco do que os que são taxados como taes.

Julgamos, em geral, que o dedicar-se a esses estudos implica a confissão de fraqueza mental; quando, ao contrario, os que procuram distinguir no cháos em que vivemos, dedicando-se a taes pesquizas, revelam um grande bom senso, pois ninguém viu ainda um feiticeiro, louco, embora em contacto com camadas humanas, de todo ponto infensas ao bem. O veso de se os chamar charlatães, também não é razoavel. Ha verdade naquellas praticas e, em geral, conseguem o que querem.

O que pôde haver, muitas vezes, é a pratica de um acto reprovável, a que a acção policial devia pôr cobro. Não recorrem, porém, a outros meios, que só revelem a maldade humana, a qual, prejudicada nos seus interesses, lança mão de meios reprováveis para acautelal-os.

O que deviam fazer era estudar esses phenomenos, procurar desvial-os ou, pelo menos, attenual-os, para que taes usanças não se accommodassem mais ao nosso espirito, melhormente orientado por outros processos mentaes proprios de gente culta. Agora, que os feiticeiros curam, não ha a menor duvida: que elles transformam a vida de uma pessoa, e, mesmo de um lar, também é verdade. Debalde têm querido tapar o sol com a peneira. A perseguição vem de muito longe, de muitos séculos. Os annaes da psychologia histórica estão cheios de exemplos, a infundirem terror aos mais fortes. Emtanto, nunca os submetteram. A magia negra foi sempre irreductivel e insubmissa. Foi, é, e será, porque não é perseguindo que se consegue extirpar o mal, mas oppondo-se-lhe o bem, esclarecendo os homens, tornando-lhes a vida mais calma e mais feliz.

Luis Mural.

("Jornal do Brasil")

O FUTURISMO

São Paulo e seus homens de letras

A tentativa de "futurismo" em São-Paulo, depois da ruidosa pateada que lhe serviu de introito, quando foi da "semana carnavalesca", vae receber agora a ultima pá de cal. E', propositadamente, com um acto de revelha e piedosa tradição que se quer assignalar a descida macabra, para o fundo dos sete palmos, de um corpo que, a jactar-se de muito novo, apparecêra entre nós a morrer de senilidade. .. E)ra um maltrapilho do bom-senso e da lingua, que menos por isso no» irritava, que pela insania da pretensão, que pelo desrespeito das coisas sérias, que pelo cynismo das affirmaçoes, que pela insinceridade dos argumentos, que pela desfaçatez dos ataques, que pelo vazio dos arrazoados, que pela inconsciência das arremettidas, que pela ousadia dos reiterados furtos literários.

Para os que, em nosso meio, se elegeram a si mesmos corypheus da nova cruzada, a literatura do futuro (ou a do presente, lá delles), como ao depois verãc os leitores pormenorisadamente, não mais devia ser, como nos tempos de antanho, ou entre a gente equilibrada do momento, um producto da cultura, do esforço e do talento. Porque o no que a habilidade devia requintar-se era, para elles, na gymnastica da copia, no disfarce do plagio, no descaramento da imitação, na insistência dos assumptos já safados pela exploração de todos em todos os tempos, no agrupamento das nullidades, no elogio mais ridículo aos gallinaceos, e nos opodos mais revoltantes aos luminares da intelligencia de todos os períodos; ou, fora disto, na abertura do mais vasto dique das asneiras ideologicas e grammaticaes. Não faltou plumitivo de azas de bacurau, ou fedelho ainda tresandante do liquido excrementicio das fraldas que viesse, em columnas de chronica, ou de pseudo-critica literaria, a defecar matéria não digerida, ou digerida por outrem, e a encher de baldões os mais respeitáveis vultos das nossas letras.

Com effeito, o cabotinismo, a petulância, a insipiência, a rapina literaria, e os insulto contra os depositários da nossai

cultura, contra os nomes mais representativos dos nossos valores, eram as cores da sua bandeira. Como é natural, ha sempre nos centros mais illustrados certo numero de rapazolas, e até de adultos impotentes, que, na anciã de apparecerem, de verem seus nomes citados como significação de alguma coisa, qualquer que seja essa coisa, procuram o grupelho que lhes possa fazer á mediocridade dos nomes a zumbaia de que os intellectuaes conscientes se pejariam. Desses mesmos, porém, raros são os que, nas suas primeiras etapas, não constituiram, em relação aos nossos maiores, o papel de moscas perseguidoras... Deixaram-n'os, um dia, por falta de alimento á sua vaidade. Tentaram, em tal período, todos os generos sérios da literatura; e, porque os não houvessem favorecido nem as musas, nem os deuses, lembraram-se da blague e da descompostura contra os que, sem nenhuma intenção de mal, já haviam triumphado, e continuavam ou continuam a triumphar.

Muita coisa gaiata e triste se pôde, então, observar: a petulancia ignara a medir e a pesar merecimentos; nomes até hoje desconhecidos das rodas literarias e do publico arrolados como grandes cultores da palavra escripta; timoneiros da intelligencia, da cultura, da graça e do gosto reduzidos a meros emporcalhadores da literatura universal; estreantes mais ou menos esperançados e esperançosos, que na vespera entoavam hymnos ao equilibrio mental dos nossos homens de letras, a classificar de gênios os "clowns" da nova especie; escrevinhadores retardatarios, mascarados em quarta-feira de cinzas, românticos chapados, que da mofada escola não conseguiram nunca partir o cordão umbelical, pavonearem-se de sequazes do futurismo, e em cujo mister só deram e continuam a dar mostras impressas da mais sediça, da mais rançosa poesia; criticos, acorbardados uns, ignorantes outros, na supposição infantil de que a força intellectual da mocidade paulista estivesse desgraçadamente com aquelle dispauterio da "batata assada ao forno", a baterem as palmas a esses "dominós", desenxabidos do "carnaval futurista. .."

Como vêem, muita coisa gaiata e muita coisa triste!

Mas, chegou o momento dos moços de São Paulo, dos mais sabedores e dos de maior talento, tratarem, não do "futurismo", tolice que já não preoccupa ningnem, mas das obrinhas desses que vivem diariamente, num cio insaciavel, a atirar doestos ás figuras mais proeminentes do nosso microcosmo literário.

Não é por bajulação que o vão fazer; não é por impotência intellectual, como "os assadores de batata", que elles vão esgrimir a penna; não é por despeito, nem á cata de quem os elogie, que vão agora terçar as armas: é, simplesmente, por que se não pense lá fóra que a capacidade intellectiva dos nossos moços se resume na sua criação e no destempero literário, a que meia dúzia de indivíduos, ousadamente ridículos, em vão forcejam por nos habituar.

Era já tempo, não de se discutir o tal pendor de arte nova, coisa que nunca existiu em São Paulo, nem mesmo por intelligente e espirituosa macaqueação; mas, sim, de se analysarem os trabalhinhos chloroticos, enfezados, sem aquelle vislumbre sequer de originalidade, que é a tortura característica de todo artista, desde o começo do mundo; livros, muito ao contrario, plasmados em alheias e conhecidas obras. Era tempo já de se perguntar aos criticos-fedelhos que é o que já produziram até hoje, que bagagem é a sua nos domínios da espiritualidade, que mostra já deram do seu saber, ou das suas possibilidades criadoras, para, da noite para o dia, se empoleirarem como uns garnizés risíveis, na tentativa única, como signal de vida, de enxovalhar num marouço de asneiras, a expressão mais legitima da nossa cultura e da nossa raça. Era tempo.

Desse trabalho vão incumbir-se agora outros moços, ciosos de bom nome intellectual de São Paulo. Não imitarão, no insulto, os de que vão examinar os "feitos". A discussão, pela imprensa, será na esphera exclusiva das letras; o que não importa, todavia, dizer que estejam elles no bom humor de supportar quanto, do opposto campo, porventura escape da boa ethica jornalistica. Mas, como quer que venha a ser, pela imprensa, nem sequer gesticularão. . .

10' um movimento digno e opportuno. Por isso mesmo, a plêiade brilhante está de molde a receber parabéns.

Por emquanto, é só.

Os ventos estão resolutamente semeados. A tempestade ha-de florescer a seara. . . .

Aristeo Seixas.

("Folha da Noite", S. Paulo).

SARAH BERNHARDT

(1886)

"Em Sarah Bernhardt a vida da mulher travou um duelo de celebridade com a vcarreira da artista. Nos seus mais esplendidos triumphos ella não terá tido muitas vezes sinão a sensação do vácuo. Realizando na celebridade o typo de Don Juan no amor, ella sonhou todas as glorias, conquistou-as todas, mas sòmente para sentir sempre a decepção da posse depois da loucura do desejo. O conjuncto da sua existencia formaria um "pendant" feminino á vida de Nero, como a fantasiou Renan, mas de um Nero, com o gênio de mais e o crime de menos, obrigado a ganhar, pelo seu talento, os meios de realizar a idéa neroniana. Para que tal existencia guardasse no quinto acto proporção com as emoções das outras scenas, ella deveria, como Theodora, encontrar um Justiniano e dar leis a um Império.

Nós, porém, nada temos com esse •drama do século XIX, intitulado "Sarah Bernhardt", que se ha de representar perante as platéas de século XX, como hoje se representa o "Kean". A viagem ao redor da America, que a grande actriz agora vae emprehender, que se deve prolongar por mais de um anno, ha de ser para ella • um longo intervallo de calma e de repouso em sua vida intima, da qual se pôde dizer que a cabeça esteve sempre em febre, e o coração sempre em delirio. Nada, com effeito, pôde dispor tanto á volta gradual á serenidade, — que deve ser para ella uma recordação longínqua da infancia, — como a longa ausência de Pariz, a peregrinação americana, durante a qual o Velho Mundo vae suppol-a uma desterrada <la civilisação entre os índios, uma Mlle. Clairon em vesperas de tornar-se uma Átala.

Sarah Bernhardt na sua carreira dramatica, — em qual as scenas intimas de sua vida são como que intervallos representados perante o mesmo publico que a applaude, — terá gastado mais força nervosa do que talvez fosse preciso a Bonaparte para tornar-se Napoleão.

Esse desperdiçar continuo e incessante da sorte, esse atirar ao fundo do abysmo, sem uma lembrança sequer, emoções de que se fariam milhares de existencias felizes, envolve um gasto immenso da própria pessoa. Semelhante carreira daria vertigem mesmo aos homens que conquistaram o mundo. Póde-se dizer que ella não tem em Paris uma hora de vida privada, e que antes de apparecer em scena, a noite, a actriz já se extenuou de dia nos dramas reaes que viveu. Agora, porém, essa dualidade de representação vae cessar por algum tempo, e o publico será beneficiado, tanto como ella, pela economia de forças a que a viagem a ha de obrigar. Paris está a poucas horas de communicação comnosco pelo telegrapho, e os Correios são muito frequentes. Mas o telegrapho não transmitte a vibração da vida parisiense, e as malas, por mais carregadas que venham, têm intervallos certos. Tudo conspira para fechar a eminente artista nas quatro paredes do seu contrato. O que todos dévemos esperar é que ella não ache insupportavel a sua prisão dourada deste lado do Oceano.

Um critico francez lembrou-lhe que ella partia para paizes "de pouca arte e litteratura", onde a platéa aprecia o gênio conforme o preço das cadeiras, e conjurou-a, em outras palavras, a que ao voltar a Paris não deixasse nada de si entre esses barbaros. Os adoradores do gênio francez admiram-no bastante para perdoar essa fraqueza de alguns escriptores de acreditarem que Paris é toda a matéria pensante do mundo. Não é pouco ter recebido em partilha o dom que teve a França de embellezar tudo o que toca. Não é indispensável á sua gloria a crença do que só ella estima devidamente os seus proprios talentos. As nações, como os indivíduos, só são amaveis quando sabem fazer-se perdoar a sua superioridade, e fazer a França menos amavel é

diminuil-a. No Brasil a grande artista não encontrará por certo os críticos das suas "premiéres", mas encontrará ainda a especie de publico que faz os grandes actores: o publico que os comprehende. Durante a sua viagem ella verá nas piatéas de Buenos Aires mais riqueza, nas de Santiago mais aristocracia, nas de Havana mais imitação parisiense; em parte alguma, porém, encontrará, ao lado de um auditorio tão apaixonado pelo theatro, uma minoria que tenha tanto do génio francez. Ella pôde assim estrear-se, certa de que neste paiz está ainda em territorio intellectual de sua patria. Em nenhum outro ella verificará melhor a exactidão do verso que tantas vezes ouviu em scena: — "Tout homme a deux pays: le sien et puis la France".

Como eu disse em começo, ella chega precedida de uma fama que não é outra cousa senão a gloria do nosso século. No livro de sua vida não ha nome illustre no theatro contemporâneo que não tenha escripto uma pagina de ouro. Em Paris, Londres, S. Petersburgo, New York, todas as grandes capitaes procuraram vencer uma a outra na admiração que lhe mostravam. Ella tem sido a interprete, a collaboradora, a creadora, ás vezes, das maiores obras dramaticas do nosso tempo. A pleiade dos novos dramaturgos francezes, cujas peças, reproduzidas, plagiadas, refundidas, imitadas, alimentam a literatura theatral dos dous mundos, está para ella na posição de súbditos literários. Só um nome elevou-se acima do seu: o de Victor Hugo, a quem Dotia Sol fez esquecer em uma hora um exilio de vinte annos... Mas ao lado mesmo desse nome, o delia não pareceu pequeno, porque eram ambos nomes únicos. Essa é distinctamente a especie de gloria que ella possue: a de ser única, assim como Hugo, Lesseps, Renan. Tudo o que a admiração dos maiores espíritos, a adulação dos mais altos personagens, o delirio das platéas, a gloria de Paris pôde dar a uma artista, lhe foi prodigalizado. Como Rachel, ella elevou-se a uma posição solitaria. Como a Ristori, recebeu as chaves de ouro da sua língua. O manto da poesia cahiu-lhe sobre os hombros e foram os seus lábios que recolheram a alma de Musset. Da fama ella passará para as artes, e pelas artes para a tradição.

Com uma vida tão intensa que é um feixe de vidas distinctas, ella pôde se ter cansado da admiração do mundo, mas a admiração é o elemento dessas naturezas. Dentro delle podem sentir o tédio da existencia: fóra nem siquer respirar. No Brasil, como em toda a parte, Sarah Bernhardt encontrará a monotonia da sua celebridade. A natureza mudou; ao sol amortecido do norte succedeu o sol ardente dos trópicos, mas o meridiano da gloria está sempre sobre a sua cabeça, a estrada que ella pisa é a mesma no Rio de Janeiro que em Moscow. E' a estrada triumphal que as realezas artísticas do nosso século encontram em qualquer paiz onde a fantasia as leve, bordada da eterna multidão humana, que parece outra, mas é sempre a mesma.

Nós, entretanto, a acclamaremos duas vezes: porque ella nos vem como Sarah Bernhardt, e nos vem como a França. Pela primeira vez em nossa historia, temos a honra de receber em nosso paiz a gloria franceza. A actriz que continúa a tradição de Mlle. Lecouvreur, de Mlle. Clairon e de Mlle. Rachel, é no mais elevado caracter a embaixadora do espirito francez. Ella representa o ponto culminante do theatro da nação que, única em nossos dias, tem um theatro, e que foi a única a ter no theatro uma tradição, uma escola, uma educação. Como na arte de escrever, assim também na arte de representar, só a França attingiu essa perfeição nas medidas sonoras e visuaes da expressão, a que se pôde chamar o estylo. Sarah Bernhardt nos traz assim uma fôrma desconhecida do bello, a fôrma de todas a mais precaria, como traz uma lingua que ainda não foi ouvida em nosso scenario.

As bellas artes, no pensar de muitos, não chegam até ao palco; entretanto, que é mais artista do que o actor? A matéria plastica a que ella imprime a sua concepção, o seu sentimento creador, não é menos digno do que o mármore, por ser o conjunto das expressões humanas. Elie transforma-se cada minuto em uma obra d'arte, como o esculptor transforma

o mármore. Quanto ao proprio texto do drama, esse não é mais do que o cinzel com que elle trabalha a sua matéria prima, que é elle mesmo. Shakespeare escreveu um só "Hamlet", mas quantos não têm sahido, conforme o sentimento e as idéas de cada época, do gênio creador dor seus interpretes? E' essa a arte de que Sarah Bernhardt nos vem apresentar o mais perfeito" modelo: e temos para com ella uma divida de gratidão, por assim nos deixar ver o original das grandes creaçÕes francezas de que *s&* tínhamos visto cópias palliflas. Neste momento, o primeiro dos theatros francezes não é a Casa de Molière, é o theatro S. Pedro de Alcantara.

A' eminente actriz que nos dá a occasião única de escrever essa phrase não hão de faltar provas da admiração que os brasileiros sentem por ella e por seu paiz. Os theatros em que ella representar hão de ser tão pequenos em toda a Americ$_a$ para os que anceiam por ouvil-a, como ainda ha pouco o eram os theatros de Londres. Nem acredite ella que o desejo de vel-a nos dramas emocionantes dos últimos annos seja maior do que o de escutar a musica indefinível da sua voz nos versos de Racine e de Hugo. Não nos faça ver incompleto o seu gênio artístico. Não sacrifique á paixão a poesia, e deixe de vez em quando a musa acalmar as platéas que a tragica tiver assombrado e a mulher trouxer revoltas.

Quanto a nós, também temos o que lhe dar em troca das nossas emoções; temos que lhe offerecer, a ella, que nos traz uma nova fôrma de arte, o que para uma natureza como a sua, tantas vezes artística, ha de ser também uma revelação: o deslumbrante espectáculo que presentiu ao approximar-se de nossas montanhas, a magnificência do incomparável 6cenario que a cerca por todos os lados. Em sua curta visita é de esperar que ella leve da nossa natureza, como nos ha de deixar do gênio da França, uma impressão única. Neste momento só temos a dizer-lhe que ella não se enganará medindo o logar que vae occupar entre nós pelo vazio que deixou cm Paris. O que a França tem de grande nas artes e nas letras está com os olhos voltados para a portadora de suas credenciaes artísticas. Os nossos pplausos desde hoje dirão ao mundo como foi recebida por nós a emissaria da grande nação, de cuja gloria fomos sempre um satellite distante".

Joaquim Nabuco.

---

(1) A' chegada de Sarah Bernhardt ao Rio de Janeiro em 1886; artigo publicado no "O Paiz".

("Jornal do Brasil", Rio).

AS DUAS VALORISAÇÕES

A transplantação da seringa das florestas amazônicas para s possessões inglezas no Oriente e o seu enorme desenvolvimento dentro de um período relativamente curto, é um dos factos mais assombrosos da historia das industrias, revelando mais uma vez o quanto valem a tenacidade e gênio pratico e emprehendedor do povo que tentou e levou a cabo esse notável commettimento. Desvanecidos os inglezes com o triumpho, a seringa começou a ser uma obsecação, um fetiche, a attrahir capitaes e a dar origem á organização de numerosas emprezas de tal modo que, dentro em breve, a producção asiática superou a amazônica, calculando-se, agora mesmo, a colheita das plantações do Oriente em mais de 35.000 toneladas.

O Brasil que tinha o monopolio da industria, vencido pela concurrencia brutal de producção tamanha, cruzou os braços diante da crise, depois de ter traçado um plano magnifico para a defesa do norte, abandonado logo em principio de execução, emquanto a Amazônia se arrastava, durante annos e annos na penosa posição de quem, só vivendo da exploração de determinada industria, perde, de momento, todas as vantagens que ella lhe proporcionava. O mal, todavia, que feriu a Amazônia, a superproducção em face do consumo que, apezar de crescer muito, não cresceu na mesma proporção, afectou, como era fatal, os paizes que a tinham originado, e, embora disponham de braços a preço Ínfimo e explorem seringaes dispostos á fácil colheita pelo alinhado das arvores, os plantadores do Oriente começaram também a experimentar os effeitos da crise que se generalizou.

Dispondo, porém, de uma producção avaliada em 270.000 toneladas, não sendo superior a 60.000 a dos domínios da Hollanda, computada a do Brasil em 25.000, contam os inglezes com mais de dous terços da producção do mundo, borracha bem preparada e de excellente aspecto, e estão assim habilitados a influir poderosamente nos mercados de consumo, pelo decrescimo da producção, restringindo as colheitas, pelo menos durante certo tempo, emquanto os demais concurrentes, como a Amazônia, não augmentam as suas, o que naturalmente se dará havendo preços compensadores.

A situação dos plantadores de borracha do Oriente em face dos mercados de consumo é a mesma dos nossos plantadores de café; ali elles produzem mais de dous terços da borracha que se colhe em todo o mundo; aqui nós apanhamos café em quantidade que representa egualmente dous terços das safras de todos os demais paizes produetores. E' dessa superioridade ante os demais concurrentes que os inglezes se aproveitam para melhorar os preços ínfimos por que se cotava, ultimamente, a borracha, mantendo-a em posição que permitta pôr termo aos prejuízos que já pesavam sobre muitas companhias, que exploram as grandes plantações.

O plano, agora approvado, é mais ou menos o que tinha sido proposto em 1921 pela "Rubber Growrs Association" e, embora de iniciativa particular, obteve o apoio do governo inglez e está sendo por elle prestigiado. Como consequência desse plano já se notou pronunciado movimento de alta nas cotações do produeto, o que poz cm susto a industria manufactureira nos Estados Unidos, que teme se elevem muito os preços da borracha importada nos mercados americanos, pois, não produzindo esse artigo, o importa da Inglaterra e do Brasil; do nosso paiz são os Estados Unidos os maiores importadores. Das 17.070 toneladas que exportamos em 1921, 10.125 couberam aos mercados da America do Norte.

Consiste o plano em não permittir que se exporte, durante o anno, dos domínios inglezes, mais de 60 0|0 da produção total mediante o imposto de um penny por libra, taxa minima. Se qualquer produetor quizer exportar 65 010 em vez de 60 0|0, os direitos de exportação serão arbitrados em 4 pence por libra sobre a exportação, mesmo a prévia; e mais 1 penny por libra de direitos de exportação, para cada 5 010 alem dos 65 0|0 até o máximo de 1 shiling sobre cada uma para a exportação de 100 0|0. Se o preço da borracha subir no mercado de Lon'res a um Shilling e tres pence e se ma.-íiver na média desse preço, durante tres mezes consecutivos, será permittida a exportação de 66 010 a taxa minima de um penny por libra. Se a media das cotações em Londres for elevada e mantida em um Shilling e seis pence, por egual período, o limite da exportação será automaticamente elevado a 70 0|0, mediante a taxa minima de direitos de exportação.

Comparando-se este plano de verdadeira e hábil valorização com o que o Brasil tem officialmente posto em pratica, verifica-se desde logo a differença que vae de um a outro. No caso da borracha são os plantadores que se reúnem e concordam no processo que o Governo patrocina, decretando as medidas relativas ao imposto, que é a arma única de que se lança mão para o bom êxito das combinações. Valoriza-se o produeto, ou melhor, consegue-se mantel-o em cotações razoavelmente compensadoras, limitando-se a producção pelo freio que se impõe á exportação; não podendo exportar mais dc 60 010 da sua producção, porque só assim pagarão imposto modico, as campanhias restringem as suas colheitas.

O excesso da produção, que não fôr exportado, se houver, e não é provável que haja, desde que. as companhias restringem as suas colheitas, não pôde originar o accumulo de grandes *stocks* a pesarem sobre a futura safra, sendo que aquelle mesmo excesso, no caso de se verificar, poderá ser exportado, dada a elevação dos preços da borracha, em Londres, durante tres mezes seguidos. A intervenção do Governo é discreta em todo o curso do plano, não se pedindo que desça aos mercados para comprar e vender, nem empate grossos capitaes nessas operações. O bom resultado depende, em grande parte, dos proprios interessados e estes, convencidos de que a causa da baixa das cotações é a superproducção, serão os

primeiros a concorrer para restringil-a.

Os plantadores inglezes têm, de facto, restringido a producção e esse decrescimo cada vez mais se accentua com as novas medidas postas em pratica; limitada a exportação de 60 o|o da borracha produzida em 1923, limite que está garantido pela taxa pesadíssima que terão de pagar os que tentarem ultrapassal-o, aquelle resultado está fatalmente assegurado. Essa restricção, todavia, não irá além de um justo termo, ou melhor, o decrescimo da producção não irá a tal ponto que occasione exaggero dos preços, como se está temendo nos Estados Unidos, porque isso mesmo foi previsto nas differentes modalidades do plano; quando as cotações, em Londres, se mantiverem, durante tres mezes, numa media de um shilling e tres pence por libra, pôde crescer a exportação; subindo ainda mais as cotações, esse facto determina ainda maiores sahidas do producto.

Ha, portanto, no manter-se limitada a exportação o máximo de 60 o|o da producção e no elevar-se esse limite até o total de toda a colheita do anno corrente, segundo o plano que analysamos, uma acção, automatica, determinada por factores precisamente determinados, conhecidos e seguros é ahi que está a sabedoria e acerto do convênio que, sem demandar sacrifícios do Governo e a sua intervenção directa nos mercados de compra e venda, já produz os mais beneficos resultados em prol da producção do Oriente.

A valorização do café foi vasada em outros moldes, obedece á outra orientação e vive exclusivamente amparada pelo elemento official. O Governo contrae vultuoso emprestimo no exterior, compra e vende café, mas compra caro para não exportar e compra mais do que vende, o que origina o accumulo de grandes *stocks;* comprando muito, anima os mercados internos e faz, cada vez mais, subir as cotações que já se elevam a 32$000 a arroba, transformados, assim, os grãos de café em grãos de ouro. Essa elevação de preços a tão alto nivel acoroçoa os plantadores que vêm na acção do Governo, não um conselho a restringirem as plantações e colheitas, mas ao contrario, um estimulo a desenvolvel-as e augmental-as.

Nas possessões inglezas paralysam as plantações da borracha e as colheitas diminuem; no Brasil, fundam-se cm toda a parte novas plantações, restauram-se as antigas e a preoccupação única de todos é embarcar café para o Rio e para Santos, onde, acabado o cobre do empréstimo contrahido para a valorisação, ainda se apella para as emissões do Banco do Brasil, até que o governo comprehenda os perigos a que o arrasta esse plano de accumular stocks de que não pôde lançar mão sem abalar pelos fundamentos esse verdadeiro Castello de cartas.

Pelo plano da valorização da borracha do Oriente não se interrompem as correntes normaes de exportação, que ficam apenas contidas num limite que se eleva conforme as condições dos mercados, e a subida dos preços, occasionada por essa medida, não representa, nem pôde representar, augmentos exaggerados, porque a exportação cresce também se se elevam os preços na praça de Londres. No Brasil, diminuímos consideravelmente e sem medida prevista as exportações do café para os mercados de consumo, onde vamos sendo substituídos pelos nossos concurrentes; accumulamos no paiz stocks vultuosos, adquiridos com o dinheiro do Thesouro e, por esse processo que não dá direito a alviçaras pela intervenção, fazemos subir internamente os preços desse producto a extremos que nos espantam.

Comparados os dous planos não é difficil concluir pela excellencia do plano indígena, pelo menos. . . emquanto o Braz é thesoureiro.

Affonso Costa.

("Jornal do Brasil," Rio).

HOSPITAES

Muita gente pensa, ainda hoje, que os hospitaes nasceram da caridade. Puro engano. Elles são filhos justamente da falta de caridade. Surgiram com o egoísmo moderno. Emquanto houve caridade os doentes foram tratados em casa. Em cada casa havia uma enfermaria, á "valetudinaria", onde eram tratadas as pessoas de serviço.

Comprehende-se que nesses tempos os hospitaes eram inúteis. E ainda mais in-

úteis o seriam nos primeiros tempos da fé christã: bellos tempos! Quando os homens, de facto, se julgavam irmãos! Km caso de doença a assistência fraternal surgia espontanea de todos os lados. Chegava a haver verdadeiros concursos de carinho. Cada qual queria exceder o outro em dedicação e sacrificio. Este mundo era um valle de lagrimas e os homens na terra estavam de passagem!

Os hospitaes são pois o producto de duas decadencias: da Fé e da Familia — das grandes famílias.

* # *

Os hospitaes começaram a apparecer no fim do VI século. Com SOO annos de vida a "nova Fé" tinha se tornado velha. Os homens, em tantos annos, já se haviam cançado dos seus "irmãos em Christo". E os pobres viajantes ao chegarem a uma cidade não tinham mais a acolhida fraternal em casa, a hospedagem. Iam para a hospedaria publica, a "xenodochía", que foi a verdadeira mãe dos actuaes hospitaes.

Esses estabelecimentos no inicio não albergavam senão viajantes, e só accidentalmente recebiam doentes. Doentes em transito.

Mas a existencia de um tecto mercenário suggeriu aos homens a idéa infame de expulsarem os doentes de casa e tornarem-se, por pouco dinheiro "humanitários e "bemfeitores", construindo e mantendo hospitaes. Era mais commodo pagar do que aturar doentes em casa!

Eis de que feios paes nasceu a Beneficencia! e a Beneficencia, filha do Egoísmo e da Vaidade, tornou-se por sua vez, mãe da Esmola — o maior estimulo de degradação social!

A sociedade moderna não deve mais admittir a esmola. O povo deve ter direito á assistência. Deve ter á hospitalização por direito e não por esmola! Mas prosigamos.

Nos primeiros tempos a Humanidade ainda não era tão ruim. Ainda tolerava os gritos e as lamentações dos doentes patrícios. A repugnancia era só para com os forasteiros.

Com o andar do tempo, porém, a alma humana foi peiorando cada vez mais, e as "Xenodochias" augmentaram extraordinariamente, ao passo que nas casas de familia diminuíram, na mesma proporção, as generosas "Valetudinarias"!

Chegou o dia em que nenhum serviçal, nenhum empregado era tratado mais na casa onde trabalhava. Nesse dia appareceu o hospital. A "Xenodochia", muito cheia, desdobrou-se em "Hospedaria" e "Hospital".

Como se vé, não só o Hospital, mas também o Hotel, seu irmão, é producto da degeneração da alma humana. Tectos públicos, ambos foram feitos para servirem de para-raios aos tectos particulares, para livral-os de aborrecimentos.

Infelizmente a marcha para o abysmo da Alma não parou. Hontem se mandavam para o Hospital os trabalhadores. Hoje, ainda é peor: já são os proprios parentes, os entes mais queridos, que se mandam para... a "Casa de Saúde"!

Portanto, "Xenodochia", "Hotel", '.Hospital" e "Casa de Saúde" são os nomes das diversas estações do Egoismo.

Dirão que são os medicos que mandam os doentes para a Casa de Saúde. E' pueril... Se os medicos mandam é porque ellas existem. E se existem é porque são necessarias... Quando não se querem os doentes em casa para algum outro logar devem ir!

* * *

Attribue-se a construcção do primeiro hospital a uma dama romana, Fabíola. Depois outras damas estabelecidas na Palestina, imitando-lhe o: nobre exemplio, abriram outros estabelecimentos similares, confiando a sua direcção a S. Jeronymo. A primeira grande cidade que teve hospitaes-modelos foi Constantinopla.

De onde se conclue que, como a Civilização e as Religiões, o Egoísmo também veiu do Oriente. Para que a velha Byzancio fosse a primeira cidade a possuir hospitaes modelares, devia albergar entre seus muros muita gente que estava afflicta, á espera da creação desses "pios" estabelecimentos para jogar lá dentro todos os doentes que tinha em casa e cujos lamentos havia muito que a incommodavam, a ponto de uma parte tel-os já atirado á rua, mesmo antes da creação dos hospitaes. E' o que diz S. Jeronymo, tes-

temunha de valor, pois foi o director, póde-se dizer, das primeiras casas de caridade que recolhiam doentes. "Nesse tempo os enfermos já estavam estendidos na praça publica — á chuva e ao vento."

Roma só teve hospitaes muito mais tarde. No século VIII tinha, apenas, cinco desses estabelecimentos.

A França teve o seu primeiro hospital no anno de 542. E não foi em Paris, como se pôde imaginar. Foi em Lyon. E-o que é mais admiravel, é que ainda hoje existe. E' o "Hotel Dieu" (muitas vezes reformado) daquella cidade.

Tendo tido, conforme acabamos de ver, uma origem tão má, os hospitaes tiveram uma vida também má. Foram sempre, victimas do mal hereditário: o egoismo.

A generosidade de uns os dotava de riqueza, ao passo que a velhacaria de outros os roubava de tudo, deixando-os na miséria. Foi sempre assim.

Houve concilios que destinavam á manutenção dos Hospitaes um quarto das rendas da Egreja. E chegou mesmo a mais. Houve "ordenações" que mandavam dar a essas instituições de caridade até os dois terços da renda da Egreja! Que bom!

Mas tanto as conclusões dos Concilios como as "ordenações" — nunca foram cvmpridas!

Outros "avançavam" no dinheiro destinado aos hospitaes.

Felizmente, porém, também para elles é verdadeiro o dictado: "Sem nada, — nada se faz". E os hospitaes só começaram a prosperar quando elles também começaram a fazer alguma coisa e a terem um papel menos passivo na sociedade. Foi quando a medicina já adulta, comprehendeu que precisava do hospital para seus trabalhos.

Chegamos assim ao hospital moderno, ás grandes installações, aos "Hospitaes-modelo". De modo que os doentes recolhidos nesses estabelecimentos desfruetam uma estadia em locaes hygienicos e bem apparelhados, para assim melhor servirem aos interesses da Medicina (que nem sempre são os delles) e não porque a Humanidade de hoje os ame mais do que a de hontem.

Não se lembram da carta que o illustre professor de cirurgia da Faculdade de Medicina, dr. Paulino, mandou de Caxambu, afim de rectificar uma noticia de jornal a respeito da Santa Casa? — "Eu não falei mal da Santa Casa, como hospital. Disse que não prestava como serviço de clinica da Faculdade. Mas que como *Hospital de Misericórdia* (Misericórdia! — o grypho é nosso) elle podia continuar a prestar os seus bons serviços."

Essas poucas palavras, para quem sabe ler, são a synthese de quanto se tem dito e escripto sobre reclamações hospitalares. Essas palavras e, todo o resumo histórico que acabamos de fazer, só apontam aos operários um caminho: a renuncia ao Hospital de favor.

A hospitalização gratuita é esmola. A esmola é uma degradação social que os tempos não comportam mais. As reivindicações proletarias não a devem admittir. Quem trabalha deve ter assistência medica por direito e não por esmola. Uma estatística, bem feita, demonstraria que 80 % dos internados na Santa Casa são gente que trabalha.

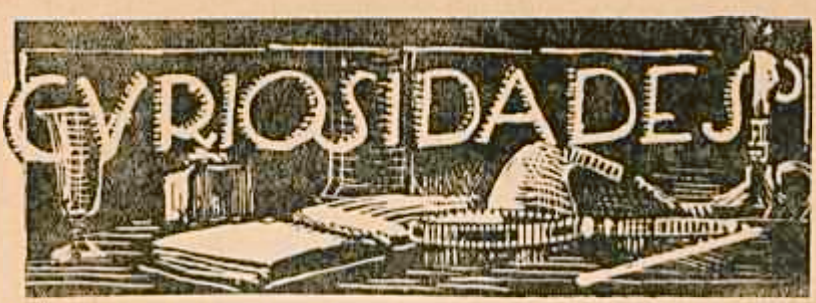
Nos paizes onde as organizações das classes trabalhadoras estão mais adeantadas, já estão apparecendo os hospitaes mantidos pelas aggremiações operarias: os hospitaes de classe. E era isso que havia nos séculos XII, XIII e que a politica dos príncipes acabou, porque não lhes convinha a associação de classes: enfraquecia-lhes o poder.

Mas hoje podem reapparecer, tranquillamente, o "Hospital dos Tecelões", o "Hospital dos Sapateiros", o "Hospital dos Alfaiates", etc., por que os príncipes de hoje, coitados! não lhes fazem mais guerra. . .

Tendo hospitaes proprios 80 % da clientela dos hospitaes de hoje, só a 20 % devia providenciar a Municipalidade. Um dia, porém, esse resto também havia de desapparecer. De onde saem esses 20 %? E' um invalido do trabalho que vive de esmola, é um filho de sapateiro, que nasceu cégo, etc. Devem ter direito á assistência da classe a que pertencem. Como se vê, a vida moderna não admitte mendigos!

Dr. Nicoláo Ciancio.

(•'Correio da Manhã", Rio).



UMA COMPANHIA POR DEZ DOLtARS

(Da Associated Press — New York)

Está apparecendo actualmente nos jornaes desta cidade o seguinte annuncio:

"Se sois forasteiro e quereis gosar uma bôa companhia e passar uma temporada agradavel, poderemos apresentar-vos a uma joven intelligente e bonita, bem educada e de agrddavel aspecto pessoal. Indicae o typo e a edade que preferis. Somente serão attendidos os homens bem educados e de bòa moral. Preço, dez dolilars".

Não se trata, como poderia pensar um leitor mal intencionado, nem de uma exploração nem de um negocio immoral. O que ha é unicamente um novo genero de transacção typicamente americana, destinada a alliviar a solidão dos forasteiros que não tenham relações em Nova York, mediante — desde logo — uma pequena contribuição, que será aproveitada em beneficio da benévola acompanhante e do, neste caso limpo e moral, intermediário.

Se o leitor, por exemplo, se sentisse solitário uma noite em Nova York e desejasse estar em companhia de alguma joven de bôa apparencia, a quem ver e com quem falar — não, tocari — poderia approximar-se da séde do Serviço Social, que tal c o nome da philantropica instituição, e "pedir" uma rapariga. No escriptorio, uma secretaria attenciosa lhe perguntará qual o typo de sua preferencia: loura? morena? joven? madura? — e dez minutos depois, mediante o pagamento adeantailo dos dez dollars, lhe entregará o exemplar pedido para seu uso durante tantas horas. Ao terminar o prazo combimdo, a moça deverá ser "restituída" ao esjii • torio(nada de acompanhamentos até em casa), e "restituida" sã e salva...

Não creia o leitor que as que se prestam a esse negocio sejam vulgares, de condição social inferior ou de máos inatinctos. Ao contrario, para serem tomadas ao serviço da instituição, necessitam apresentar quatro recommendações, duas sociaes e duas commerciaes, attestando a sua bôa conducta. Além disto, deverão assignar um contracto pelo qual se compromettem a conduzir-se moralmente, a não tomar bebidas alcoolicas com os visitantes a quem tenham de acompanhar, a não permittir que estes a acompanhem ás suas casas e a informar de qualquer descortezia de que sejam objectp Como resultado dessas medidas de previsão, o escriptorio está em condições de offerecer ao puhlico o trato social de um grande numero de raparigas decentes e interessantes, de todos os typos e eda-

des. Ha na lista do Serviço Social duas de quarenta annos, para aquelles varões que procurem o repouso e a cordura mental que começa a dominar as mulheres nessa edade. Ha também na lista muitas senhoras casadas, inscriptas com o consentimento dos respectivos maridos.

Insitimos em dizer que não se trata de nada immoral, o que, aliás, a policia não permittiria, desde logo, e do mesmo modo insistimos também em que, para o critério americano, a idéa é pratica, natural e até philantropica. Trata-se apenas de uma applicação do valor monetário áquellas fôrmas do trato humano que o "ridículo" preconceito ou a "archaica" tradição (adjectivemos forte. ..) limitavam a certas relações de conhecimento social, da amizade e do amor. Pouco a pouco, tudo vae sendo possível adquirir-se por dinheiro, e estamos a caminho de adoptar o dollar como o commum dominador humano. Por que não se poderia comprar a companhia por um preço razoavei? — pergunta-se a si proprio um americano. E talvez não tenha mais illusões sobre a differença entre a companhia espiritual, que se costumava chamar comprehensão, e simplesmente a companhia de uma pessoa que soe estar ao lado de uma pessoa. A primeira é illusoria; somente a segunda é possível e real. Por que não acceitar o facto franca e decididamente? Por que não lhe dar um preço?

"Vende-se a companhia por dez dollars". Não é isto admiravel, simples e pratico? Se não fosse tão caro para os jornalistas. . .

PHOTOGRAPHIA RADIO-TELEPHONICA

Sons estranhos, mas regulares, que se repetiam todos os dias durante o mez passado, intrigavam fortemente o pessoal das estações radio-telegraphicas de Washington, até que ha poucos dias foi descoberto o mysterio, quando se soube que a Estação Naval Aerea S O F, em Anacostia, estava fazendo curiosas experiencias, mandando para o laboratorio do Sr. C. Francis Connicut photographias radio-telegraphicas.

Retratos do presidente Harding, do secretario da marinha, Sr. Derby, e de innumeras senhoras, assim como mensagens impressas têm sido enviados pelo ar atravéz do apparelho Jenkins.

O methodo é relativamente fácil e brevemente, segundo as experiencias estão provando, dará resultados práticos. A transmissão de photographias, desenhos a preto e branco, caricaturas ou escriptos poderão ser feitos d'aqui a pouco pelo radio e pelos fios telegraphicos.

O Departamento Naval está ajudando o sr. Jenkins nas primeiras experiencias praticas dos seus methodos permittindo-lhe usar a alta potencia do seu radio-telephone. Até agora photographias e desenhos têm sido transmittidos através das cidades em uma distancia de cinco milhas, mas demonstrações feitas de Washington para cidades mais distantes terão logar brevemente, segundo os planos do Sr. Jenkins.

O apparelho de Jenkins tem a propriedade de dividir a imagem do negativo photographico, sendo ella enviada por meio de linhas horizontaes muito unidas.

Estas linhas são convertidas em variações de intensidade electrica diversas, por um processo analogo, em certos pontos, ao do transmissor telephonico que converte o som em impulso electrico. Essas variações representando o photographo, são enviadas como uma conversa ou discurso pelo radio-telephone e ao serem recebidas são transformadas novamente em ligeiras variações, que se transformam por sua vez, linha por linha, na photographia desejada.

A novidade que apresenta o apparelho Jenkins são umas lentes circulares cortadas em uma faceta de pequenos prismas, que transmittem a photographia em raios luminosos de maior ou menor intensidade, que ao serem interceptados, imprimem com a mesma intensidade com que receberam da fonte

geradora onde está collocado o objecto a ser photographado para a transmissão a distancia.

O apparelho transmissor consiste em um projector stereoptico commum e um disco prismático. Estes imprimem a photographia ponto por ponto sobre uma substancia que tem o poder de transformar as variações de luz em variações de electricidade. Essa corrente é ampliada e transformada e depois enviada.

No apparelho receptor, as correntes fazem mover um pequeno espelho; a amplitude desses movimentos é controlada pela própria corrente, conforme ella representa um logar claro ou preto da photographia transmittida. Um raio de luz, quebrado pela sombra de um cabelío, é reflectido por este espelho, de maneira a passar por uma fenda e ser impressa sobre a chapa photographica pelos discos prismáticos. Quando preto é enviado a sombra reflectida do Cabello exclue completamente a luz da placa, mas quando uma parte clara da photographia é remettida, o espelho vibra e deixa passar a luz necessaria para a reproducção da côr do original enviado.

O Sr. Jenkins proclama que o seu methodo é o primeiro que satisfaz todos as condições, tanto no sombreado como nos detalhes; as photographias recebidas pela radio-telephonia são quasi perfeitas e até artísticas.

OS "CAVALHEIROS DO IMPÉRIO INVISÍVEL"

Quem não se terá interrogado sobre essa estranha e mysteriosa associação, cuja vitalidade de vez em quando se manifesta lynchando ou queimando alguns pretos? E' uma associação cercada da aureola do mysterio, da mesma fôrma que a maçonaria e o carbonarismo, que nasceu nos Estados Unidos em 1870, em seguida ao triumpho de Lincoln libertando a população de côr do jugo da escravidão. No seu começo era mais uma associação de caracter pilhérico que outra coisa. Aproveitando a ignorancia e a humildade do negro, os seus filiados impunham a este o respeito ao branco, usando grotescos e extravagantes disfarces. O uniforme regulamentar, porém, foi sempre o mesmo: uma túnica branca, de capucho com dois pequenos buracos á altura dos olhos para que, de um modo uniforme, se pudessem ver os irmãos da "Santa Inquisição" ou da "Boa Morte".

As partidas por elles pregadas, de um modo gorai, eram inoffenslivas. Por exemplo: com uma mascara de papelão, como a dos carnavalescos, superposta, apresentava-se um v dos seus membros a um preto rebelde. Tirava então essa mascara, offerecendo-a com estas palavras:

— Entrego-lh'a porque desde que morri no campo de batalha não funccionava bem. . .

De outras vezes, com a mesma caricata mascara, batiam á porta de uma choupana em busca de um balde d'agua que sorviam de um só trago, deixando o negrk) alarmado. Essa agua, é claro, não ia para o estomago. Caia em uma bolsa de couro occulta sob a túnica.

Mas hoje em dia a *Ku-Klux-Klan* ê uma associação terrível pelas vinganças que leva a cabo. Constituiu-se em uma especie de policia e de juiz social, cujas sentenças são inappellaveis. Nas suas fileiras militam millionarios, reis da industria, juizes, altos prelados, politicos, representantes, emfim, de todos os ramos da actividade, sendo o seu fim apparente sustentar, a todo transe, a luta com a gente de côr, erguendo-se uma barreira intransponível entre o negro e o branco, finalidade que desde muito tempo vem sendo buscada pelos norte-americanos.

Procuram, assim, impedir a influencia do negro, cujo nível intellectual e moral se elevou consideravelmente desde os tempos em que Stone escreveu a *Cabana do tio Tom* e Washington Bookart lançou solidos alicerces para a sua educação. A respeitável associação, com o concurso de tão prestigiosos elementos, conseguiu o seu logar na sociedade, tendo a sustental-a sobretudo o segredo de juramentos, despidos de todo o sentimento humanitario.

De como procede essa seita para conseguir os seus fins dá uma idéa approximada a seguinte relação de victimas suas:

li. J. Hobbs, branco, advogado de Honston, raspado e obrigado a abandonar a cidade, por acceitar clientes negros;

R. H. Lenert Brenham, branco, medico do Texas, submettido a chicotadas por tratar de pretos e falar o allemão;

James Collins, negro, absolvido pelo jury da accusação de castigar mulheres brancas, chicoteado e ferreteado a fogo na testa;

E. H. Peters, branco, negociante, por vender mercadorias a pretos, chicoteado e •obrigado a pagar uma multa de duzentos dollars;

Rodolf Williams, branco, conductor de vehiculos, chicoteado e amarrado a uma arvore, onde permaneceu dois dias sem sentidos. Foi suppliciado desta fôrma por ter conduzido um preto no seu vehiculo;

Henry Waertner, commerciante, foi submettido ao que elles chamam a "pena dos espinhos", que consiste em fazer a infeliz victima caminhar sobre um estrado de aço com pontas de pregos de cinco centímetros. Foi-lhe applicado este castigo apenas por supeitas de ter realizado negocios em que intervieram pretos;

Jack Halt, branco, empregado de Banco; teve a mão esquerda amputada por usar no dedo um anel comprado a um •preto;

Patrick Svitor, branco, pedreiro; teve os cabellos e os bigodes raspados, pois a *Ku-Klux-Klan* apurou que elle mantinha relações amorosas com uma preta;

Charles Booker, branco, cavallariço; espancado a páo e marcado a fogo na fronte direita por ter vendido fumo a dois homens de côr;

Bir Tom, preto, agricultor, teve um dos olhos vasado por ter pedido em casamento uma mulher branca.

A lista de factos desta natureza é interminável e deixa em nivel inferior as atrocidades commetidas na Edade-Média. Os supplicios a que esta seita submette as suas victimas escapam á imaginação, desconhecendo-se muitas das victimas que escondem os castigos por que passaram receiando a vingança, fatalmente mais deshumana.

A *Ku-Klux-Klan* defende-se declarando-se innocente e sustentando ser-lhe impossível evitar que criminosos vistam a túnica da associação para com mais segurança praticarem os seus crimes. A sua missão, diz, é apenas velar pela hygiene social, evitar o contrabando de bebidas alcoolicas e impedir o alastramento do bolchevismo. . . Sem embargo, os factos registrados diariamente não deixam margem a duvidas.

Actualmente dirige a macabra associação o coronel Simmons, um. antigo sacerdote presbiteriano e professor de historia da Universidade de Atlanta — um fanatico intrasigente, que durante quinze annos poz a sua ferrea vontade (não confundir com a energia) e actividade ao serviço da resurreição desta seita.

Obedece a associação ao mando do Grande Mago, o Mago Imperial, chefe supremo dos "Cavalheiros do Império Invisível". Para ser membro delia é preciso ter nascido em terra norte-americana, que sejam americanos os ascendentes immediatamente anteriores, não ter vínculos, nem mesmo de pura amizade, com instituições politicas, seitas, indivíduos ou governos estrangeiros.

Cada estado é um Reino, denominando-se Grande Dragão o seu chefe; um departamento é um Domínio, governando-o um Grande Titan; um territorio grande é uma província, tendo por chefe o Grande Gigante, e um territorio pequeno um Campo ou Caverna, sob o poder de um Grande Cyclope.

O Grande Mago, não residindo em Nova York, traslada-se para essa grande cidade, afim de dirigir dali a associação espalhada por toda a vasta immensidão do territorio norte-americano. A sua proclamação não deixa de ser interessante. Eil-a:

"Cuidado! Cuidado, povos da terral Só existe uma e única *Ku--Klux-Klan* e esta esmagará, como a uma serpente venenosa, qualquer outra associação que adopte um nome parecido. Fiquem prevenidos! Cuidado!"

Se é uma verdade que a competição é a alma do commercio, não será estranho que surjam outros grandes magos e tenhamos a multiplicação de *Ku-Klux* para desassocego dos pretos, ou que estes organizem uma associação nos mesmos moldes com legítimos fins de represalia".

("Correio da Manhã")

O CASO DE TAMAKI MIURA

Como a gentil "prima donna" japoneza, madame Miura, de fama mundial, despertou as iras do seu illustre e hon-Tado esposo, conseguindo satisfazer seu capricho, é uma historia que poderia servir a qualquer autor de argumentos para fazer uma verdadeira película, pois tem todos os elementos necessários a provocar o effeito de um film pouco commum.

Contra a vontade do marido e das próprias autoridades japonezas, rompendo com todos os preconceitos da raça, madame foi a Nova York em companhia de seu indispensável e joven pianista italiano; seguindo dahi numa tornée .pelo mundo em fóra, a cantar com a sua esquisita voz a genial creação de "Butter-•fly" o que lhe valeu universaes applausos, em que se contam os do Rio de Janeiro que a ouviu nó Municipal, ha uns <lois annos.

Terminada a tournée, voltou para o Japão e participou ao marido que estava disposta a uma outra. Elie negou-lhe licença, e madame Miura, a gentil japonezinha, acostumada como todas as grandes artistas a não ser contrariada na mais pequenina coisa, indagou do marido os motivos da recusa.

— E' que estás esquecendo o teu paiz e o teu marido como se vinculo algum tivesse a .prender-te a elles. Demais, não me parece muito proprio que te exhibas por todo o mundo com esse italiano. . .

T- E' um absurdo! protestou ella, porque Franchetti é meu director, meu acompanhante e meu empresário. Agora, então, tenho até todo interesse em conserval-o commigo, pois está escrevendo uma opera de que eu serei protagonista.

A resposta não produziu effeito nas determinações do dr. Miura que, além do prestigio de que, como medico, gosa em Tokio, é pessoa socialmente relacionadissima. Tratava, portanto, de evitar um escandalo que pudesse tornar .tristemente celebre o seu lar. Entretanto, constatava com surpresa que a esposa, a despeito da sua prohibição, continuava nos preparativos da tournée. Correu, por isso, á Repartição de Passaportes, para declarar que não auctorizava a saida de sua esposa do paiz. Perguntaram-lhe os motivos e elle respondeu que o inconveniente da viagem era a camaradagem da esposa com Franchetti.

Os empregados dos passaportes recusaram humilhar a celebre cantora, e não accederam ao pedido do medico, que appellou para a Justiça afim de obter uma ordem contra a esposa, de prisão, até, se não pudesse ser por menos. O juiz quiz também, como é natural, saber do que se tratava, e depois de interessante audiência declarou que não encontrava nas leis do paiz nenhuma disposição que auctorizasse sentença que pudesse satisfazer os desejos do conhecidíssimo dr. Miura.

Este, porém, não esmoreceu. Abandonando seus clientes para tratar apenas do seu caso pessoal, foi ao extremo, convocou um conselho de família a que compareceu o pae da artista. Ouvido o casal, o velho sentenciou:

— Se ella tem de ir para cumprir contractos assignados e *"o* maestro italiano", como ella lhe chama, tem de ir também, que vão. Podemos, porém, mandar com ella uma dama de companhia para fazer guardar as devidas distancias.

— Acceito! exclamou o dr. Miura.

— Acceito! repetiu a cantora, cheia de apparente submissão.

No momento da partida, porém, o dr. Miura, quando o vapor levantou ferros, teve, sem saber por quê, o presentimento de que perdia para sempre a esposa e de Nova York, mais tarde, recebeu a noticia de que a dama de companhia vigiara bem a actriz durante a viagem, mas, na grande cidade, um patrício tocou-lhe as cordas do amor. . . e a aia casara.

Ficou, assim, com esse enlace, em plena liberdade a famosa interprete de "Madame Butterfly", para entender-se com o italiano Franchetti que ella conservará com os titulos que nomeou ao marido em Tokio e possivelmente algum mais de que então se não lembrára. . .

A PRINCEZA YOLANDA

Ricardo — coração de leão_____costumava dizer que o coração das mulheres

era mysterioso, o das princezas ainda mais mysterioso.

Affigurava-se-lhe demasiada disciplina sentimental o instineto aristocrático que dictava as escolhas nupciaes.

E' por isso que os irmãos Griffini, sábios na arte de construir bondosas lendas, pensaram até certo ponto com razão, que a hierarchia sacrificava atrozmente o pequenino coração das fidalgas. E, para suavisar esse doloroso sacrifício, architectavam elles piedosas historias destinadas a commover a infancia de todos os tempos. Nessas historias de reinos longínquos e quasi imponderáveis, as princezas tinham, em geral, parte eminentemente sympathica.

Desprezavam os amores poderosos dos gentishomens das côrtes, a riqueza dos invencíveis senhores feudaes, o luxo de reluzentes moncirchas, a ostentação de venerados rajahs. E quasi sempre iam ficando pallidas. Iam ficando como essas flores isoladas que não sentem a caricia das abelhas, até que a flauta de um poeta lyrico ou a avena de um zagal lhes tirasse o amargo desencanto.

Então voltavam á alegria que lhes tinha fugido um dia. . .

Confesso que sempre amei essas ingênuas e maravilhosas narrativas. Apreciei-as na infancia com o mesmo carinho com que agora assisto ao exemplo de clara poesia, que nos vem da Italia, coroada e risonha, atravez das próximas núpcias da Princeza Yolanda, filha de Victor Manuel III, com um joven official da cavallaria do Reino.

As côrtes européas nos tem dado, nos últimos tempos, factos de uma bella e democrática transigência. Ainda não ha muito, das salas veneráveis e ricas do Palacio de Buckinghan sahia para as ogivas solemnes da Abbadia de Westminster, o préstito nupcial que acompanhava o noivado de uma loira dymnasta da Britannia com um grisalho baronete, em cujo sangue havia apenas uma vaga tintura daquelle azul puríssimo que é, no caso, o índice dos aristocratas genuínos.

Por muito feliz deu-se, aliás, a filha de Jorge V.

A figura do noivo, cujo retrato, diga-se a verdade, não era lá para encantar o coração de uma aldeã, quanto mais o de uma princeza, foi glosada, foi coberta de pequeninos e ácidos remoques, mas nem assim desmereceu da sympathia com que o amor da real senhora o attrahira e a enlevara.

Hoje, no severo Castello em que se reuniram os dous personagens da nobreza, devem os Viscondes de Lascellas evocar até, nas horas em que a névoa convida á evocação e á poesia, a historia daquella mendiga que se verificou era nada mais nada menos do que uma rainha authentica, por ser o seu corpo tão sensível, que sentira, atravez de tres colchões, um imperceptível grão de ervilha que ficara esquecido no leito.

Recusando a mediação solicita das chancellarias, que com um grande desvelo pela sua fortuna cuidavam de associal-a á fortuna de um príncipe das casas reinantes da Inglaterra e Bélgica, a filha de Victor Manuel, a candida Alteza Yolanda, realizou agora, atravez de uma louvável attitude sentimental, aquillo que nos acostumaramos todos a ler nos contos de fadas.

Os príncipes vão sendo agora uma cousa commurn.

O advento de novos regímens de governo vae banindo pouco a pouco essa classe de tão fulgurantes tradições na historia da humanidade, e os vae substituindo por fidalgos meramente adventícios, cuja corôa pôde soffrer a oscillação cambial do petroleo, do ferro e do carvão, e cujo sceptro não é mais do que um thermometro a registrar as alternativas da Bolsa. Ainda assim os príncipes authenticos não desmerefcerfrim. Elles causara sempre uma fina e grata emoção, quando apparecem aos nossos olhos, mesmo á distancia, nas fitas do cinema.

Yolanda, a graciosa princezinha da Italia, deve ser elegantemente romântica e caprichosamente democratica.

Quantas outras não amariam, até mesmo sem coração, o herdeiro do throno belga, throno dignificado pela sabedoria de Leopoldo e valorisado por Alberto, o soberano de tão saudaveis recordações na historia indígena dos banhos de mar em Copacabana e dos pratos brasileiros nos convescotes do Corcovado!. . .

Quantas outras não invejariam nas salas decorativas em que os espelhos fina-,

mente emoldurados, reflectiam, por tantos annos a ephemera vaidade da Rainha Victoria, assistindo as geadas e brumas atravez das vidraças do grande Castello de grades doiradas!. . .

A filha de Victor Manuel tudo recusou. Preferiu simplesmente continuar a viver sob o harmonioso céo do paiz natal, vendo as mesmas paysagens, sentindo os mesmos effeitos de luz mediterrânea, tão expressivos nos reflexos da agua intranquilla dos rios. . .

Ella não procurou um daquelles melancólicos pastores de que faliam as rondas simplórias dos troveiros e as canções dos menestreis enamorados. O seu ideal parou nas rutilas dragonas de um militar sem nobreza de linhagem nem escudos e sinetas nos cartões de visitas.

Não a seduziram os galões da farda irreprehensivel, tão caracteristicos nos herdeiros da coroa ingleza.

As suas núpcias com um capitão de cavallaria, annunciadas para breve, exprimem uma doce vontade que se realiza.

Vivendo num palacio de reis, ella prefere ficar como súbdita e habitar o Castello de um cortezão.

Mysterioso coração de princeza!

A linhagem, para ella, é uma cousa vã.

Deante das ambições da vida, ella quer apenas um pouco de amor. . .

OSWAI/DO ORICO.

QUAIv A MULHER DE ESPADUAS MAIS BELLAS?

A grave e sisuda Inglaterra perdeu agora, pela primeira vez, a sua tradicional equanimidade.

De um extremo a outro, a nação de Jorge V encontra-se deveras perturbada com o problema das espaduas — espaduas femininas, já se vê. . .

Tal commoção, que tão profundamente tem abalado os alicerces da severidade britanica, teve origem numas palavras de Maurice Descartes, famoso artista parisiense.

E' o caso que, estando certa occasião, no theatro Picadilly, Descartes quiz visitar, em seu camarim, a elegante actriz Kyrle Bellew. Entre outras phrases de galanteria, inspiradas pela figura da actriz ingleza, disse Descartes:

— Miss Bellew é a mulher mais formosa da Grã-Bretanha, porque possúe as espaduas mais lindas da nebulosa Albion.

Ao tornar-se publico o juizo favoravel do artista francez sobre as espaduas de miss Bellew, como as mais perfeitas entre todas as espaduas nacionaes inglezas, em todo o paiz surgiram as opiniões mais controvertidas sobre esse assumpto.

Cada pintor, por exemplo, teria o seu modelo favorito. Cada esculptor teria já a sua eleita. E não houve um só caso em que as opiniões, de pintor e de esculptor, estivessem de accordo.

Mas houve mais. Afóra esses especialistas em bellezas femininas, diversos directores de fitas cinematographicas, professores de dansas, etc., prescindindo das "partes" interessadas directamente no assumpto, apresentaram suas candidatas, afim de discutir o typo da nova Vénus, nome dado a miss Bellew, com os louros que lhe emprestou o atticismo de Descartes.

Entretanto, todos os que desejavam esclarecer essa questão desaccordavam em que fossem as espaduas de miss Bellew as mais formosas da Inglaterra. A quintessência da perfeição estaria noutra...

Miss Bellew, que na vida privada é apenas mrs. Arthur Bouchier, occupa logar proeminente entre as bellezas contemporâneas.

Seu nome theatral é o do fallecido Kyrle Bellew, parente seu, creador dos papeis de "Raffles" e de "Amateur Cracksman". A ultima obra cm que tomou parte, "Duelo de amor", serviu a miss Bellew para mostrar ao" publico, maravilhado durante noites seguidas, os encantos de suas formas divinas.

Foi numa dessas occasiões que a viu Descartes, dando a conhecer que "as espaduas de miss Bellew eram as mais formosas da Inglaterra".

— Qual! Qual! — disse em tom de protesto um distincto artista. Isso é falar por falar. Viu, porventura, o sr. Descartes os hombros de I,ucy I.orraine?

Assim, desde logo, a idéa que se teve

foi de que Lucy Lorraine seria talvez o modelo mais admirado de toda Londres, e, entre os seus muitos encantos, destacavam-se as suas espaduas, como as mais perfeitas. São espaduas do typo finamente curvo, característico da mulher franceza, em opposição ao modelo da mulher italiana, ou o grego-classico, cujas espaduas são tão amplas quanto as cadeiras.

Os americanos, como succede quasi sempre, não vacillaram em apresentar suas candidatas ao concurso das "espaduas mais bellas".

Foi escolhida uma linda joven de Chicago, Dorothy Dickson, que havia triumphado nos theatros londrinos, no papel de "Sally".

Mais espertos, os americanos lançaram aos quatro ventos que as espaduas de Dorothy eram as mais lindas não só da Inglaterra, mas também de todo o mundo.

Immediatamente, Londres inteira se abalou para ir ao theatro onde Dorothy trabalhava, afim de verificar o objecto de tantos elogios.

Por sua vez, a França não podia, de fôrma alguma, permittir que sómente a Inglaterra e os Estados Unidos disputassem o concurso.

Assim, Paris apresentou sua candidata. Tal escolha recaiu sobre Polaire, a celebre bailarina da "Ville Lumière", que se encontrava em Londres, numa companhia de revistas.

Disse ella, então:

— Eu poderei ser mas é a mulher mais mal parecida no mundo. . .

Um dos seus admiradores logo accrescentou que não haveria quem lhe ganhasse na graça de seus movimentos.

Os francezes unanimemente manifestaram desejos de comparar praticamente as espaduas de Polaire com as de Dorothy Dickson, de Bellew, da actriz viennense Deiblcr, poetizada pela critica em razão dos seus hombros magníficos e de qualquer outra belleza de fama internacional.

Comtudo, não se havia calado ainda a sensação produzida pela apparição, no scenario da controvérsia, das espaduas triumphantes de Polaire, quando o publico foi convidado a tomar em consideração as espaduas de Maria Castellani, de Milão, dansarina num dos clubs elegantes da capital britannica.

E o certamen está animadíssimo.

Os inglezes, ante a reiterada apresentação de formidáveis concorrentes, estão vendo vacilar as suas illusões acerca de Kyrle Bellew.

O certamen vae adquirindo caracteres transcendentes.

O torneio das "espaduas perfeitas" verifica-se nos "studios" dos artistas. Ali, acódem os apaixonados pela belleza feminina, para julgal-as com seus proprios olhos.

E' esse o verdadeiro campo de batalha da singular contenda onde comparecerão, em muda e ardorosa luta, as espaduas de Bellew, filha da estóica Inglaterra, com as de Dorothy, filha da livre America; Polaire, representante da França heróica; Deibler, filha de um grão senhor austro-hungaro e Maria Castellani, vivida encarnação da ardorosa Italia.

Os artistas e as "bellezas" que participam de tal competencia consideram o assumpto com a mesma seriedade e o mesmo interesse com que o governo de Sua Majestade Britannica estudaria um dos árduos problemas que agitam a nação ingleza.

("Correio da Manhã", Rio)

A RESTAURAÇAO DAS FLORESTAS NOS ESTADOS UNIDOS

A replantação de um milbão de arvores, neste paiz, no anno que acaba de entrar, é o programma da sociedade cujo titulo encima estas linhas. (1) A' frente delia acha-se Mr. Charles Lathrop Pack, presidente ha muitos annos da "American Forestry Association".

A associação convida todos os habitantes deste paiz a plantar, ao menos, uma arvore por anno, nos seus terrenos urbanos, suburbanos e ruraes, offerecendo como premio de emulação o titulo de socio benemérito da mesma associação, sem o dispêndio de um real.

O Sr. Pack está muito desvanecido com o passo que deu, visto achar-se na posse de qualquer pessoa auxilial-o, sem o me-

(1) — "American Tree Association".

nor esforço, tudo dependendo de um pouco de boa vontade.

Já recebeu elle o apoio unanime de todos os negociantes de madeira, que, até aqui, só cuidavam em devastar suas florestas, fazendo de suas terras, outr'óra ferieis, hoje completamente estereis.

O Sr. Pack tomou esta deliberação porque verificou, aliás, com muito critério que os technicos em matéria nunca chegavam a um accordo quanto ao meio pratico 'de desenvolver essa industria, de tanto proveito á communidade em geral. Só de Ivouisville, cidade importante do E)stado de Kentucky, já recebeu elle 3.000 nomes das pessoas mais respeitáveis daquella cidade, hypothecando o seu apoio em favor de tão grandioso emprehendimento. Ainda mais, animar" as cidades vizinhas a imital-as.

Eis uma idéa fácil de ser aceita em todo o Brasil que, em pouco menos de seis annos converteu suas grandes florestas em saoezaes, deixando suas terras completamente esterilizadas pela diminuição das chuvas. Basta que cinco milhões de pessoas, nos diversos Estados da Federação, plantem, por anno, uma simples arvore para que no fim de algum tempo esteja restabelecida a formula regular de nossas estações. Porque regularizar as chuvas é facilitar a entrada de metal sonante no paiz. Manná que nos cae grátis do firmamento.

Cumpre, agora, a todos os governos estadoaes, a exemplo do Estado de São Paulo, crear hortos botânicos dentro de suas respectivas circumscripções, para a distribuição de mudas e sementes quando lhes forem requisitadas pelos interessados. Para isso não ha necessidade de medida alguma legislativa, cada um, no seu canto, cumprindo o seu dever de bom cidadão, e no seu proprio interesse.

Devemos convergir todos os nossos esforços na replantação de madeiras do paiz e daquellas que, como o eucalyptus, se acham já acclimatadas no paiz. Enriqueçamos nossos campos, hoje esterilizados, com perobas, caviunas, cedros, cabriuvas, etc., ainda que levem, annos para sua formação. E assim nos exprimindo, somos sugestionados pelo sábio octogenário Dr. I,uiz Pereira Barreto, o maior propagandista do reflorestamento do nosso paiz.

Dirão aquelles que só se lembram do dia de hoje, e não do de amanhã: Para que plantar arvores seculares, quaes as* lembradas acima, que não aproveitarão á actual geração? E a resposta que o leitor pôde dar-lhe é que elles, como nós, não passamos de meteoros fugaces, de méros incidentes na vida, que o nosso Brasil é tudo.

Que seria de nós se taes idéaes egoisticas prevalecessem no espirito de nossos avós? Que não fizeram elles pela integração territorial de nossa grande Patria, que hoje occupa duas quintas partes da America meridional, com uma população de 30 milhões de habitantes, completamente homogenea pelo idioma e raça? Assim, pois, pelo mesmo principio, devemos fazer o mesmo em beneficio da geração vindoura.

Os homens que se desvelam pelo futuro de seus filhos jámais ficam no olvido. Não falando da nossa historia colonial, ha, porventura, quem não se lembre com gratidão, não citando nomes, de todos que, abnegadamente, contribuiram para a grandeza e honra de nossa Patria?

Assim, pois, cuidemos, d'aqui em diante, do reflorestamento de nosso paiz, com o mesmo interesse com que cultivamos o café e outros generos de grande exportação. Um terreno reflorestado e um activo que ganha de valor todos os dias. Sempre haverá procura para madeiras de toda a qualidade. Terão sempre preço e valor relativo. Imitem, portanto, todos os Estados irmãos, o de São Paulo.

A Companhia Paulista de Vias Ferreas e Fluviaes não esperou a approvação do Codigo Florestal para iniciar as suas lindas plantações de eucalyptus á beira de sua linha. Habilmente, apenas, aproveitou-se dos favores de uma lei concedendo premio ás emprezas que fizessem plantações de madeiras em beneficio publico. E ao viajarmos pela lyinha Sorocabana, no Estado de São Paulo, tivemos o prazer de ver também lindos campos cobertos de pinheiros e eucalyptus, ha bem pouco tempo safaros e imprestáveis, verdadeiro esconderijo de cobras e de insectos os mais venenosos.

Para mostrar ao leitor que em São Paulo o fazendeiro está tomando a serio o reflorestamento da terra, ouvimos de um delles a seguinte observação:

— Quando não estou muito apertado«

110 serviço, planto uma arvore, aqui, ali, para, no fim de algum tempo, meus filhos terem dormentes em penca para a venda ás estradas de ferro.

Estradas de ferro estão sendo construídas todos os dias e ninguém pôde affirmar que se tenha encontrado, até aqui, uma base firme para o movimento flexível de um trem de ferro como o dormente de madeira. Fala, portanto, com muita visão esse caipira com quem, por acaso, nos encontrámos lá pelos lados de Bacaetava e Boituva, na mesma Estrada Sorocabana. Derrubar uma arvore e não substituil-a, no momento, por outra é o maior dos crimes. E' querer impedir a reproducção. E se ella pudesse falar...

Nova York, janeiro de 1923.

("O Paiz", Rio).

José Custodio Alves de Lima.

FESTAS SACRÍLEGAS NOS TEMPLOS RUSSOS

O dia 7 de janeiro, o Natal russo, segundo o velho calendario e a data escolhida pelos jovens communistas russos para as grotescas demonstrações anti-religiosas em todo o paiz, está destinado a entrar para os almanaks da Rússia como um feriado permanente com a denominação de "Dia da deposição dos deuses". Além da grande procissão dos estudantes communistas, este anno, noticias das províncias deixam perceber que praticamente em todas as cidades e aldeias da Rússia a massa de jovens atheus realizou festas sacrílegas dentro dos templos ou demonstrações populares anti-christãs nas ruas. Todavia, seus esforços parece que tiveram muito pouco resultado sobre a maioria da população, que considera essa reproducção da "Carmignole" da revolução franceza uma creançada de estudantes.

O governo que, de diversas maneiras, exerceu a maior opressão contra as egrejas desde o inicio da revolução bolchevista, até ao presente momento não deu um passo no sentido de ordenar o fechamento dos templos. Entretanto, ao que se diz, as pequenas capellas espalhadas nas ruas de Moscou e deante das quaes os fieis se liaviam habituado a curvar-se e benzer-se ao passar, vão ser agora fechadas por ordem das autoridades.

Os operários da cidade de Briansk já approvaram um projecto de expulsão e deportação de todo o clero local e a imprensa offioial, principalmente os pequenos jornaes, impressos para circular entre os operários, contêm agora diariamente os mais terríveis ataques contra as religiões em geral. Um desses orgãos começou a fazer justamente agora tremenda campanha contra o baptismo, insistindo no protesto contra a pratica que determina a immersão de corpinhos frágeis na agua fria, que elles consideram grandemente prejudicial 'á saúde infantil.

Antes do regimen communista, cada anno, em janeiro, era costume abrir cruzes no gelo dos principaes rios, em todas as grandes cidades, e, então varias pessoas eram ahi baptizadas em agua frigidissima. Um pequeníssimo grupo de crentes seguiu esta pratica ainda este anno, não tendo havido, porém, nenhuma intervenção da parte dos anti-religiosos.

Grande parte dos jovens communistas que dirigiam a campanha contra a religião, declaram que são atheus sinceros, embora muitos delles tenham parentes entre os camponezes que se persignam deante de qualquer imagem e que, mesmo agora, consideram seus filhos anti-christãos, destinados ao inferno e á condemnação se se não baptizarem.

A proposito dessa terrível campanha anti-religiosa, conta-se, porém, um episodio interessante, occorrido em Moscou. Um desses jovens estudantes, tendo zombado de Deus na vespera, dirigiu-se na manhã immediata a uma das egrejas da capital da Sovietia, afim de se confessar perante Deus e pedir absolvição do seu feio peccado. . . Isto feito, o "anti-religioso" acceitou commovido a penitencia que lhe foi dada.

("Correio da Manhã").

A CULTURA PHYSICA DOS POVOS

Vivemos em um paiz cujos governos manifestam um desconcertante desinteresse pelos sports, possivelmente ignorantes do que elles representam como factor da grandeza dos povos. Quantos e quantos não desalentam as mais representativas

autoridades dos nossos meios sportivos, quando, por força das circumstancias, são obrigados a se defrontar com os homens de governo para tratarem de assumptos de que, muitas vezes, depende o bom nome da nossa cultura physica, chamada a desempenhar extra-fronteira missões que, como entendem homens públicos de espirito mais pratico que os nossos, constituem um dos melhores entendimentos internacionaes.

Entretanto, ao passo que isso occorre aqui, os povos do longínquo oriente têm uma visão ampla do que os sports representam na vida de uma nacionalidade. Elles têm sempre dcante dos olhos a observação tantas vezes repetida de que Waterloo foi ganho nos campos athleticos de Eton e comprehendem perfeitamente o papel preponderante que os torneios sportivos representam nos negocios internacionaes. Japonezes, chinezes e philippinos vêem nelles os meios práticos de aprenderem a se conhecer e a se respeitar uns aos outros. Têm havido muitas assembléas diplomáticas internacionaes — de Versalhes a I,ausanne por exemplo — de resultados menos positivos que os jogos olympicos que periodicamente se realizam no Oriente asiatico. O marquez de Okuma, que baixou ao tumulo aureolado pela gloria de haver sido o maior homem publico do seu paiz, interessava-se viva e sinceramente pelos sports, tendo sido presidente honorário da principal associação sportiva do seu paiz. Inaugurando, ha annos, os jogos olympicos levados a effeito em Tokio, dirigiu calorosa saudação aos athletas ali reunidos sob uma mesma e grande bandeira de concordia, exprimindo a sua enorme satisfação por haver encontrado o "melhor meio de unir os jovens de todo Oriente, facilitando-lhes a occasião mais propicia para que se conhecessem e se comprehendessem".

Yan Shi Kai, quando presidente-dictador da China republicana, não só instituiu como principal premio uma admiravel reproducção do Arco das Dez Viuvas de Pekim, como auxiliou financeiramene os jogos internacionaes realizados em Shangai, ao tempo do seu governo, e deu uma audiência aos athletas. O dictador dirigiu-lhes a palavra, mostrando-se encantado em tel-os como hospedes.

O Sião, Java, a Malasia decidiram seguir o exemplo da China, auxiliando officialmente os seus athletas e mandando representantes aos torneios inter-estaduaes.

O governo das Philippinas foi mais longe que todos. Instituiu um Departamento de Educação Physica, reconhecendo deste modo officialmente a importancia do problema.

A historia deste movimento sportivo nas Philippinas é interessante. Começou entre os jovens que se empregavam em vários ramos de actividade em Baguio, a capital de verão das Philippinas. Durante os mezes estivaes os funccionarios do governo norte-americano trasladavam-se para alli. Entre esses empregados havia uns quinhentos naturaes que faziam essa viagem contrariados. Não lhes importava o calor, mas desgostava-os profundamente deixar a alegria de Manilha pelo monotono Baguio, todos os verões. Em 1910, o governador, general Forbes, solicitou os serviços do sr. Elwood Brown, um dos secretários da Associação Christã de Moços, que acabava de chegar as ilhas para organizar exercícios athleticos, e mandou-o para a cidade de verão, fim de procurar amenizar as horas de tedio dos funccionarios públicos indigenas. Eram todos jovens elegantes, que haviam copiado dos hespanhoes a maneira de vestir-se, mas não tinham transcorrido muitas semanas quando se teve de baixar uma ordem energicas prohibindo-os de se apresentarem nas repartições com os trajes usados nos campos sportivos. A experiencia do governador foi coroada de um êxito surprehendente muito antes da metade do verão, e quando a legião de empregados regressou a Manilha foi logo fundada a Inter-Bureau Athletic Association, que prosperou rapidamente. Os empregados do Internacional Revenue Office, por exemplo, são os que agora sustentam o campeonato de "wolleyball" nas ilhas, e milhares de indivíduos praticam não só esse jogo, como todos os demais praticados no Occidente, tendo sido a primeira pelota levada para Manilha na bagagem de Elwood Brown. Hoje o sport faz parte da educação nas Philippinas. Uma janella aberta durante a noite no quarto de um indígena é o signa! mais seguro de que ali vive um athleta. O philippino da actualidade tem

medo do ar viciado, havendo perdido o dos fantasmas nocturnos que os seus antepassados acreditavam que entravam de noite pelas janellas abertas. . .

A proposito desse incremento sportivo no Oriente, escreveu Tomas Gregory as seguintes palavras:

"Não se devem esquecer os governos de que o corpo humano é a base de todo o edifício economico e social. O desenvolvimento physico deve ser em qualquer parte considerado um assumpto de importância nacional. O plano de cultura physica posto em pratica nas Philippinas deve ser encarado com attenção e imitado por outras nações. O longínquo Oriente avança rapidamente, progredindo em tudo o que se refere ao melhor desenvolvimento physico do povo. As nações do Occidente têm não pouco que aprender do Oriente neste ponto só com contemplar os athletas orientaes'.

("Correio da Manhã", Rio)

AS IlyLUSOES DEMOCRÁTICAS

A democracia que se crê de origem nacional tira sua força de elementos effectivos e mysticos independentes da razão.

•

A palavra democracia corresponde nas classes populares e entre os letrados, a idéas muito differentes.

•

Dominada pela necessidade de egualdade, a democracia popular repelle a fraternidade entre as classes e não manifesta nenhuma preoccupação da liberdade.

A democracia dos intelectuaes, ao contrario, é avida de liberdade e muito pouco de egualdade.

•

O verdadeiro democrata é um sêr collectivo tendo apenas a individualidade do seu grupo.

•

Ao contrario das idéas democráticas a psychologia ensina que a entidade collectiva, chamada povo, é muito inferior ao homem isolado.

*

O odio do despotismo e o amor da liberdade foram sempre proclamados entre os povos que supportaram muito bem o despotismo e muito mal a liberdade.

•

Os princípios democráticos fazem parte dessas idéas, de bom grado imposto aos outros, mas raramente acceitos para si.

•

Quando mais as leis proclamam a egualdade, mais se desenvolve a necessidade dos signaes exteriores da desegualdade.

•

A sêde de egualdade muitas vezes não passa de uma forma confessavel do desejo de ter inferiores e não superiores.

•

A noção artificial de egualdade fez nascer o odio de todas as superioridades que constituem a grandeza de um paiz.

#

As democracias conseguirão substituir as guerras intermittentes entre povos, por luetas continuas entre classes.

•

A natureza não conhece a egualdade. Ella só realisou seus progressos por meio de desegualdades crescentes.

#

Longe de tender á egualdade dos homens, a civilisação os differencia cada vez mais.

»

Attribuindo-lhe poderes imaginados a democracia acabou por fazer da sciencia um falso deus.

•

A democratica necessidade de apparecer é a mais onerosa e a menos aproveitável das necessidades.

As ambições successivas da classe operaria relembram as da nobreza e do clero, contra os quaes os antigos reis tiveram tanto que lutar.

Gustavo L,c Bon.

(Dos "Aphrorismes du temps present")

TUBERCUI.OSE E PIORRHE'A HA 1.500 ANNOS

O costume dos antigos egypcios, de embalsamar os mortos, alliado ao clima, secco e cálido, daquella região, ha permittido que os médicos, por exame comparativo das condições das múmias encontradas e as manifestações pathologicas de hoje, possam estudar a historia medica retrospectiva da região nilotica.

E' verdadeiramente notável o estado de conservação de algumas múmias procedentes do Alto Egypto, pertencentes ao quinto ou sexto século da Era Christã, ou seja com 1.500 annos de antiguidade, que não haviam sido submettidas a nenhum processo de mumificação, salvo o de recobril-as com cal e enterral-as em ataúdes de madeira nas seccas areias do deserto.

Como não se lhes haja extrahido as vísceras, nem tenham sido injectadas com qualquer substancia balsamica, dá-se o caso sorprehendente de ser possível submetter a analyse microscópica cortes de orgãos que dão com perfeita limpesa a sua estructura e peculiaridades cellulares. O dr. Ruffer poude comprovar a exístencía da tuberculose entre os "coptos", o que abona a idéa de que esta enfermidade ha sido em todos os tempos e climas um açoute da humanidade, pois tanto é encontrada entre os restos do Egypto mediterrâneo como entre os da Núbia tropical.

Também se ha podido comprovar, graças á hyperthophia dos baços, que a malaria fazia suas victimas como agora.

A piorrehéa dentaria é tão velha como o homem. Suas manifestações se comprovam desde os primeiros craneos prehistoricos, e pelo máo estado dentário dos craneos encontrados cabe deduzir que entre os "coptos" nada se praticava sobre arte dentaria.

Este deplorável estado da bocca se suppõe ser devido ao regimen de vida. Alguns povos mantêm a integridade dentaria graças a uma alimentação de substancias seccas ou fibrosas que desempenham a funeção da escova. Mas entre os "coptos", que só se alimentavam de substancias brandas e cozidas, e, portanto, de facílima mastigação, a carie dentaria era a consequência natural do seu descuido nas praticas hygienicas da bocca.

NOTAS SCIENTIFICAS

Phenomenos Psychicos. — O dr. Charles Richet, professor na Universidade de Paris, publicou recentemente um interessante e valioso livro sobre phenomenos psychicos.

O scientista francez opina pela acceitação de grande numero dos chamados phenomenos espiritas. Julga-os reaes.

Ha dez annos havia sómente duas attitudes cm face desses phenomenos: a dos scepticos e a dos crentes. Os scientistas, na sua própria maioria, assumiam a primeira attitude. Eram os scepticos. Negavam todos os phenomenos dessa natureza, attribuindo-os a fraudes e illusões. Não ha taes phenomenos, diziam elles.

Alguns scientistas, porém, alistavam-se entre os crentes. Não sómente acreditavam na realidade dos phenomenos psychicos, como os explicavam pela theoria da existência de espíritos.

Isso ha dez annos. Actualmente devemos levar em consideração um terceiro grupo que se vem formando nesta ultima década. O grupo dos scientistas, nem radicalmente scepticos, nem cégamente crentes. Estes homens admittem que, afóra a fraude e a illusão, existem reaes phenomenos psychicos. Comtudo, dizem elles, esses phenomenos são devidos, não á acção de espiritas, mas a forças naturaes ainda desconhecidas pela sciencia. A este grupo pertence Richet.

As tres attitudes — a do sceptico, a do crente e a do terceiro grupo— resultariam no seguinte se applicadas, por exemplo, ao maravilhoso invento do telephone sem fio.

Imaginemos tres individuos perdidos, ha

muitos annos, em uma ilha deserta, c trazidos agora d civilização.

O primeiro desses homens, ao conhecer um telephone sem fio, diria illogicamente. "Isto é um absurdo. Deve haver alguma fraude nisto. Não creio que se possa transmittir assim a voz humana".

"Isto é maravilhoso", diria o segundo homem, "e deve ser obra de espiritos. Ahi está mais uma prova de que elles realmente existem".

E o terceiro individuo diria então: "eu não acredito que isto seja feito por espiritos, mas de facto a voz é transmittida, *c* talvez o seja por alguma força por mim ignorada. Vou estudar o assumpto".

Os phenomenos psychicos examinados pelo dr. Richet em seu livro são, ao menos por ouvir clizer, conhecidos todos.

Eilos:

1.° — AppariçÕes, isto é, espectros, falas e o singular phenomeno de ectoplasma.

2.° — Movimento dos objectos.

3.° — Telepathia e clarividência. A obtenção de informações sem o uso dos cinco sentidos. O clarividente descreve coisas que se encontram a grandes distancias.

Os casos mais admiraveis de telepathia são aquelles em que uma pessoa sente a súbita impressão de um accidente ou perigo por que está passando outra pessoa ausente.

4.° — Premunição e previsão.

5.° — Escripta automatica.

De tudo isto, que é que o dr. Richet acceita como verdade?

Relativamente pouco. Mas este pouco já é, por si mesmo, muito, pois comprehende certos phenomenos geralmente tidos como extraordinários.

Elie acceita, por exemplo, a premunição.

Acceita o que denominamos movimento de objectos, a que chama teleckinesia. Acceita o ectoplasma. Da premunição diz elle: "Uma conclusão se impõe ao nosso raciocínio em face do que observámos: a premunição é um facto demonstrado. Um estranho facto, paradoxal e apparentemente absurdo, mas que somos forçados a admittir".

Do movimento de objectos diz elle: "Existem provas de teleckinesia que a meu ver são sufficientes e até mesmo superabundantes".

Referindo-se ao ectoplasma diz: "Os factos de ectoplasma parece-me tão rigorosamente demonstrados como os de telekinesia, embora sejam mais maravilhosos".

A sciencia, diz o dr. Richet, é forçada a reconhecer esses phenomenos.

Com isso quererá elle dizer que, admittindo-os, deverá acceitar as causas a elles atribuídas por muitos? Não. E^e os attribue a causas naturaes, embora ainda desconhecidas. Força é reconhecer que, quanto mais avançam os pertinazes sapadores da sciencia, mais se reduz o outr'ora nebuloso campo dos mysterios e das lendas. Esperemos.

Oswaldo Serpa.

("Correio da Manhã", Rio).

DEBATES E PESQUIZAS

TRABALHO INTELLECTUAL

Crise de que soffre. Como remedial-a

A Sociedade das Nações empenha-se em promover a approximação dos povos, tanto pelo espirito quanto pelos interesses políticos e materiaes. Naquelle sentido, instituiu uma *commissão internacional de cooperação intellectual,* que, pela primeira vez, se reuniu em Genebra, em Setembro do anno passado. Compareceram altas personagens scientificas e universitárias dos principaes paizes, presididas pelo illustre philosopho Dr. Bergson.

Representou dignamente o Brasil o dr. Aloysio de Castro, Director da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro.

No intuito de facilitar as pesquizas dos homens de sciencia e dos eruditos, crear uma ou muitas bibliothecas internacionaes, completadas pela instituição de um deposito legal, isto é, a obrigação de depositar um exemplar ou vários exemplares de tudo quanto appareça em matéria de livros e de periodicos, justa ao meio de usal-os, mediante bibliographia apropriada; fundar uma caixa internacional de credito e mutuo para pesquizas scientificas, instituir uma convenção internacional para garantia da propriedade intellectual, afim de obter partilha equitativa entre o inventor propriamente dito e o sábio que fez a descoberta theorica de que a invenção não é mais do que a applicação pratica, não tendo tido até agora a sciencia e os sábios os beneficios materiaes das descobertas geralmente, entretanto, derivadas da mesma sciencia; estabelecer relações regulares entre as Universidades, mediante a troca de professores e de estudantes e a creação de cursos, conducentes a que as diversas nações melhor se conheçam e se interpenetrem, — tal foi o programma adoptado.

O sr. Bergson chamou especialmente a attenção do Conselho para a actual situação dos trabalhadores intellectuaes.

Assignalou o facto afflictivo de que o trabalho intellectual soffreu sensível depreciação após a guerra.

Em consequência das circumstancias economicas e do geral transtorno, caminha-se para um estado de cousas em que as carreiras intellectuaes propriamente ditas, correm o risco de ser desertadas, desde que o trabalho intellectual, mesmo difficil, é muitas vezes menos retribuído do que o trabalho manual, simplíssimo e que nenhuma aprendizagem exigiu.

No intuito de achar medicamentos para isso, instituiu-se um inquérito, porque sómente bem conhecendo a natureza e a extensão do mal e pondo-se sob os olhos do publico a verdadeira situação, se verificará o que ha a fazer ou tentar.

Nesse inquérito, devem tomar parte a imprensa, o publico, e, principalmente, os interessados. Alguns jornaes já têm accentuado a penúria da alludida situação cm que uma cozinheira, ou um criado, aufére mais proventos no exercício do seu officio, do que os membros de muitas profissões liberaes.

Entre os salarios de uns e os honorários de outros, notam-se consideráveis e penosas desigualdades.

Vae nisso o jogo cruel, mas inevitável, da offerta c da procura.

O que, em ultima analyse, consola é que os grandes intellectuaes, os tocados na fronte pela scentelha divina, da qual receberam o fogo sagrado, abrem sempre caminho: sigam os medíocres outras carreiras,

A sociedade hodierna, atulhada em demasia, soffre de excesso de producção, em certos dominios.

Ha mais pintores, mais advogados, mais médicos, mais publicistas do que o consumo reclama.

Nesse excedente, formou-se um grupo de desclassificados, um proletariado intellectual, de que Jules Vallé estudou a psychologia no — *Bacharel* —, prefacio do *Insurrecto.*

Mas não é no seio do numero que se recruta a *élite* e não seria deplorável que talentos ainda desconhecidos e inexplorados. — o valor e o êxito não sendo inseparáveis, se achem peiados, desviados para outras profissões, onde menos aptos se mostram?

O sr. Paul Bourget, nos seus últimos — *Ensaios* — preconisa, entre outros remédios, a instituição de um *Credito literário.*

Poder-seá, porém, saber de antemão o que um escriptor será capaz de produzir?

Durante muito tempo, o trabalho manual foi desprezado, ou quando menos, insuficientemente honrado.

Ao envez disso, hoje 09 socialistas commettem a mesma injustiça relativamente ao trabalho intellectual, cuja pretensa superioridade denunciam com um preconceito.

Karl Marx vattribue unicamente aos trabalhadores da industria a missão de dirigir usinas, de enriquecer a sociedade inteira e regenerar o mundo.

Proudhon affirmava a superioridade do homem de acção sobre o homem de pennento, embora reconhecesse que a obra da civilização é a obra das intelligencias de *élite*, dos inventores, não raro anonymos, cm todos os generos.

Votada ao trabalho material, a multidão não faz mais do que imitar e repetir.

Sem cila, nada se poderia executar; mas, desprovido do espirito que concebe, o homem não ultrapassaria o instineto do animal, em busca de alimento.

Uma só cabeça faz mover milhares de braços.

A Revolução russa, realizada, cm nome dos operários, e, ou que apregoava, no proveito exclusivo delles, dá brilhante confirmação do perigo que taes sophismas de ruina e morte fazem um povo correr.

Sem duvida, nas circumstancias presentes, seria vantajoso ensinar a cada criança alguma arte util e pratica, bem como recommendar a todos quantos a vocação leva ás letras, ou á philosophia, pouco fruetuosas, de ordinário, a escolha simultanea de outra profissão.

Que os poetas tenham a prudência de juntar vários instrumentos á sua lyra. Aos menos dotados, cumpre aconselhar a duetilidade americana, consistente em mudar de profissão quando a que se exerce não rende.

Creou-se uma força nova na extrema complicação da divida contemporânea, — a associação, cujo poderio e cujo alcance ninguém desconhece. Nesse grande movimento organizador que resuscitou as antigas corporações, adaptando-as ás concepções novas dos direitos do individuo c do papel do Estado, sómente tomaram parte o homem do trabalho manual, o negociante, o camponez, o industrial.

Por que excluir o trabalhador intellectual que não é um empreiteiro, nem capitalista, nem manufactor?

Em recente livro sobre o syndicalismo intellectual, examina sob todos os aspectos o problema o sr. Jules Sageret, embora o

intellectualismo que se exerce em direcções tão variadas, tão contradictorias, em gráos tão diversos, pareça repugnar por natureza a qualquer registro.

A divisão do trabalho, sem cessar accrescida depois da introducção do machinismo, tornou bem mais frequente do que outr'ora a separação entre o cerebro que concebe e combina e a mão que executa.

Negou-se a existencia das classes abolidas, ao ponto de vista jurídico, pela Revolução, mas não cessaram ellas de existir sob a fôrma de grupos, hoje legalmente reconhecidos, ligados por certa conformidade de interesses, occupações, costumes, hábitos.

Em vão, tentaram os bolshevistas extinguir as classes na sua Republica de productores.

Esbarraram na opposição entre camponezes c operários.

A classe dos jntellectuaes existe de facto, affirma o sr. Sagcret.

Solidariedade necessaria liga todas as actividades de intelligencia humana.

As sciencias, as artes, as philosophias, as religiões correspondem a exigencias superiores, são menos imperiosas, no conjuncto, comquanto menos generalizadas, do que os da vida natural.

Nada, pois, é mais justificado do que a cooperação consciente da intitulada *Confederação Geral do Trabalho Intellectual,* destinada a completar-se mediante accordos internacionaes, e mais levada á conciliação e á harmonia do que á lucta de classes, cooperação tendente ao levantamento dos chamados — escravos das letras, servos d.i penna, galés do pensamento.

Antecipando, o sr. Segeret já vê na *Confederação Geral do Trabalho Intellectual,* ao lado da *Confederação Geral da Trabalho,* dos syndicatos agrícolas, dos syndicatos patronaes, dos syndicatos dos economisadores, etc., uma especie de conselho nacional, de Senado profissional, esclarecendo, quando, fiscalisando o Estado e as forças oceultas que o dominam, com maior independencia do que a imprensa e o Parlamento.

A verdade é que a *Confederação Geral do Trabalho Intellectual,* fundada cm 1920 já reuniu cento e vinte mil membros e tem promovido a defesa dos direitos dos escriptores, a redacção de contractos, typos, a collaboração nas reformas do ensino, a formação de agrupamentos parlamentares, afim de fazer prevalecerem as suas idéas.

Conclue assim o eminente critico sr. Jean Bourdeau um estudo sobre o assumpto, estudo de que o presente artigo é méro resumo, com esta observação:

Não ha systema, nem progresso de organização, cuja lógica e engenho possam supprir o valor pessoal dos adherentes e dos directores.

E' nesse sentido que convém desejar á *Confederação Geral do Trabalho Intellectual* bom êxito e prosperidade.

("Jornal do Brasil").

Affonso Celso.

SAL, BRONCHITE E ASTIIMA

Se os que têm bronchite chronica, quizerem saber se é grave ou não, basta comerem um pouco mais salgado. Se o catarrho augmentar muito, o caso é mais grave. Já ha esclerose pulmonar. Se augmentar pouco, o caso é benigno.

Eis uma prova que todos podem fazer.

A descoberta da grande influencia do sal sobre as glandulas mucosas do pulmão acaba de ser feita por Besançon, Jong e Jacquelin, que encontraram na autopsia "uma extraordinaria hyperthrophia" dessas glandulas em indivíduos submettidos, para experiencias, a regimen salgado. Note-se: A morte sobreveiu por outros motivos. Não pela experiência do sal.

Até agora era crença geral que o sal pudesse produzir só edema do pulmão. Era um engano. Está provado hoje que o sal pôde produzir phenomenos pulmonares vários e de gravidade diversa: Hydrorrhéa (escarro aquoso) bronchial, catarrho pituitoso, e, até, verdadeiras secreções purulentas l Pura que isso aconteça, porém, é preciso que o apparelho respiratório se ache modificado por soffrimentos anteriores.

« *

Os últimos estudos sobre este assumpto foram feitos em 35 doentes: 16 com accidentes cardio-renaes evidentes, e 19 que pareciam ter só bronchite chronica.

Dadas as relações que ligam o rim ao coração e este ao pulmão, não é de admirar a grande proporção de doentes que venha soffrer também do coração e do rim na bronchite chronica, mesmo quando outras causas não houver. Esses doentes, entrando para o hospital e submettidos a dieta rigorosa, sem sal, melhoravam rapidamente. Eram portadores de affecções broncho-pulmonares agudas, ligadas, porém, a bronchites chronicas. Depois dc oito ou dez dias, quando os symptomas ficavam estacionários, então se lhes começava a dar sal, e via-se o volume do escarro augmentar extraordinariamente, duplicando-sc em uns c triplido-se em outros! E continham mais pus. O sal havia "mexido" com a bronchite chronica!

Ora, esta noção é importantíssima no ponto de vista do tratamento.

Com effeito, durante as experiencias dos primeiros 16 doentes, isto é, daquelles que, além da bronchite chronica, tinham também lesões cardiorenaes, — os ataques de asthma, a falta de ar, o estado do pulso, do coração, do figado, o augmento da expectoração e os accesos nocturnos foram tão fortes que foi preciso, em muitos delles, suspender as experiencias.

Os estertores da bronchite e os estertores finos da base do pulmão augmentaram. Mas mesmo naquelles casos em que não parecia ter havido augmento de estertores, houve augmento de albumina no escarro, que significava o exaggero do edema do alvéolo pulmonar. Em alguns casos houve tal abundancia de cspectoração, que foram classificados dc verdadeiras hydrorrhagias! Em alguns casos houve grande augmento de pús.

Em linhas geraes, póde-sc dizer que, apezar da nephrite existente nesses 16 doentes, elles reagiram ao sal muito mais pelo pulmão do que pelo rim!

Como isso é extraordinário, tendo em vista a pratica diaria que mandava, até agora, cm caso de nephrite, ter em relação ao sal, tanto cuidado com o rim « nenhum cuidado com o pulmão!

Aquelles, desses portadores de bronchite chronica, que já tinham tido crises de asthma, durante a prova do sal, tiveram -dyspnéa pnroxistica.

Em alguns casos dessas bronchites chronicas, a quantidade do escarro dobrou, logo, a partir do segundo dia, e mesmo desde o primeiro, a tosse tornou-se mais frequente e mais penosa. Os escarros tornaram-se mais viscoáos e mais ricos cm mucus.

Supprimindo, de novo, o sal todos esses phenomenos desappareceram, voltando tudo ao estado anterior.

Depois foram feitas experiencias sobre 19 doentes que se poderiam chamar portadores de bronchites puras. Isto é, não soffriam dos rins e do coração como o grupo das experiencias citadas. Todos elles tinham bronchite chronica, com esclerose pulmonar e muitos soffriam de asthma.

Um tratamento salgado provocou edema que se manifestou por um augmento dc 2 a 3 kilos de peso.

Essa experiençia provou que 13 desses 19 que pareciam não soffrer do rim, eram tão sensíveis ao sal que alguns ficaram inchados!

Mas não foi esse o maior mal. Os maiores soffrimentos se manifestaram do lado do pulmão com dyspnéas terríveis! Essas crises eram, de preferencia á noite. A expectoração augmentou extraordinariamente.

Considerando esses dous grupos de pacientes, os autores pensam que, quando ha insufficiencia cardiaca, — na prova do sal, ella é responsável pelo augmento da albumina no escarro; é que a insufficiencia renal, á eliminação dos chloretos, é mais responsável pelas modificações respiratórias.

Em resumo:

A ingestão de sal produz perturbações pulmonares importantes, não só nos que soffrem do coração e do rim, mas também nos asthmaticos, nos portadores dc bronchite chronica, com coração e rim normal ou apparentemente normal.

Dr. Nicolau Ciancio.

("Jornal do Brasil").

FUTURISMO

Não sou dos que desejam que a arte estacione nos velhos tempos e nos motivos mil vezes repetidos. Nunca liguei

ás normas, aos preceitos, ás regras, ás leis, em que certos artistas, besuntados de classicismo, querem encaixar a livre expansão da vida cm busca da Belleza.

Sempre pensei que a melhor forma é a que mais perfeitamente traduz as intimas emoções e que cada artista deve ter os seus proprios meios de expressão, a sua forma original e os seus ryhtmos inéditos.

Cada artista deveria ser uma escola, única, inconfundível, inimitável. Então seria, verdadeiramente, a arte, um continuo vir-a-ser, e seria cada artista um revelador a lançar para o futuro uma expressão nova de belleza, um modo novo de sentir, de pensar e de querer. Seria uma escalada eterna atravez de espectáculos e mundos irrevelados, e se tornaria a arte, uma renovação perpetua de valores.

Isto eu entendo por futurismo: a marcha ascencional para o Infinito, em busca de estranhas harmonias, de universos desconhecidos, de sonhos e miragens nunca percebidos.

Mas o que vae por ahi sob o rotulo de futurismo, penumbrismo e outros disparatados "ismos", é apenas a repetição dos antigos e gastos themas, das aborrecidas futilidades, muito melhor tratadas pelos "passadistas".

Que nos trouxe de novo Marinetti e os seus sequazes?

Barulho desordenado e nada mais. Mudaram a forma, tornando-a tumultuaria; desconjuntaram os versos, viraram tudo de pernas para o ar; gritaram, uivaram, blasphemaram e pularam ao som das vaias e da pancadaria, mas que estradas inexploradas abriram para os atormentados bandeirantes do Sonho, que novos e miraculosos mundos descobriram, que immensidades do espirito devassaram, que abysmos profundos penetraram da nossa mysteriosa psyche?

Algum raio de vida maior talvez brilhou no atordoante dynamismo da desengonçada arte futurista?

Ptilavras soltas, dynamismo, simultaneidade, colorido metaphysico, chimismos lyricos e mil outras innovações revolucionarias, as applaudiria se fossem expressões de uma nova sensibilidade, se mostrassem aos meu olhos cansados pela repetição das mesmas e enfadonhas visões da vida moderna um inédito espectáculo; se abrissem para todos os meus sentidos os portaes de ouro para impérios do Sonho nunca vislumbrados. Mas nada de novo diz a arte futurista, senão que é preciso deturpar tudo, derrubar tudo: queimar museus e as bibliothecas, renovar, renovar, renovar!.. . .

Mas para que? Para ir aonde? Para dizer as mesmas tolices, as mesmas bobagens que já disseram os românticos em versos melosos, que já exaltaram os parnasianos em versos inexpressivos e cantaram os symbolistas em nebulosidades incomprehensiveis. Barulho os parnasianos já o fizeram; períodos ou versos indecifráveis já os escreveram todos os symboliíjtas sem talento. De fanfarronadas e fogos de artificio, pinotes e cambalhotas o parnasianismo está cheio, estão cheias todas as escolas.

O que é preciso é renovar a sensibilidade, o pensamento, toda a vida interior e isto ainda não foi tentado nem pelo futurismo, nem pelo penumbrismo.

Penso que uma renovação da arte deveria ser tentada para que se produzissem obras menos ephemeras e menos inúteis. A Arte dos nossos dias, a futurista, como a que os pseudos innovadores chamam de passadista, exalta unicamente o que é fútil, medíocre, ephemero como os innumeros livros que os prélos arrotam diariamente. As grandes realidades do espirito, os problemas atormentadores que surgem das nossas relações com o Universo, os mysterios apavorantes em que tacteamos, tudo emfim que se eleva acima da vida insípida de cada dia, tudo que mergulha o pensamento num sentido mais alto da existencia e tem verdadeiro valor para a evolução espiritual da humanidade, é desprezado, é banido dessa cousa ignóbil que chamam arte moderna.

Banido porque? Unicamente por insufficiencia mental.

Novellas, romances, versos, ensaios, musicas, quadros, tudo o que se produz actualmente, em sua maioria, reflecte apenas a mediocridade de uma época fútil, superficial, dispersiva e sem consciência da alta finalidade do espirito.

Qual é a obra da actualidade, com rotulo futurista ou penumbrista, cubista ou dadaista que tenha trazido alguma cousa de realmente novo, para sacudir a nossa sensibilidade e dilatar ou aprofundar a nossa vida interior?

Quem nos mostrou horizontes mais amplos e mais illuminados que esses que vislumbraram Emerson, Maeterlinck, Carlyle, Rodó, Poe, Schuré, Ruskin, Amado Nervo, Tagore, Walt Wittmam, Romain Roland, D'Annunzio e cem outros passadistas, que os senhores futuristas conhecem apenas de nome?

Eu desejaria que me dissessem o que de velho, de encanecido ha nesses sublimes passadistas que os futuristas tenham superado.

Em sensibilidade, na literatura luzo brasileira, quem dos novos foi além dc Anthero, Cruz e Souza, Cesário Verde e o proprio atormentado Antonio Nobre?

Talvez esse caixeiro viajante da literatura luza que é o sr. Antonio Ferro pode ser comparado a Anthero?

Existem alguns que tentam uma renovação csthetica, porque ha em toda a parte uma onda de vida nova a circular, mas esses poucos que tentam uma reacção idealista, verdadeiramente idealista, futurista, no verdadeiro sentido que essa palavra tem, são repellidos para a obscuridade, não são comprehendidos ou finge-se não comprehendel-os.

A arte contemporânea, salvo raras excepções, tornou-se um kodac para registrar em tons berrantes e absurdos as mil c uma estúpidas futilidades diarias. Sempre os mesmo themas, as mesmas bobices, o mesmo romantismo doentio, as mesmas nevroses, as mesmas degenerescencias, o mesmo naturalismo, o mesmo satanismo que vêm desde Poe, Baudelaire, Nietzsche, Leopardi, Anthero, Zola e outros que ninguém mais lê.

Temos necessidade, sim, de uma arte nova para exprimirmos, não as sensações que nos causam os vendedores de batatas assadas no Braz, as melindre sas e os almofadinhas da Avenida Rio Branco, a busina irritante dos automóveis, a gargalhada dos clowns, o barulho infernai das officinas ou a podriqueira das tascas e dos bordeis, mas a que traduz melhor e mais profundamente esse lado desconhecido da alma humana que tenta a escalada do infinito, que busca o mysterio das cousas ignoradas, aspira a cimos inexplorados, anceia por mais vastas espheras do ser, e sente, apezar da vertigem da vida moderna, uma extranha attracção para a Unidade do Todo, para as ignotas regiões do silencio, onde o espirito se liberta de toda a tristeza c de toda a contingência que o prendem á terra.

A vida mundana nos empolga, nos afasta da nossa rota de almas e ergue uma altíssima muralha, entre o nosso Eu e o Universo.

Julgamo-nos originaes e não somos mais que emparedados; emparedados dentro da nossa illusão e da nossa contingência.

Arte é um vislumbre do Além das nossas sensações, do que está fóra do cárcere em que estamos emparedados. O mundanismo: eis o cárcere.

Eu sonho uma arte que nos faça transpor a muralha artificial que creamos e julgamos ser o nosso mundo. Derrubar, derrubar essa parede, apavorante, a elevar-se brutalmente entre nós c o infinito, eis a aspiração do artista, mas destruir esses vislumbres de eternidade que exaltaram artistas do passado é, simplesmente, loucura. Destruir a parede e pormo-nos deante do insondável mysterio do Ser, para devassal-o c confundirmo-nos com a vibração dos mundos e dos sóes, é isto romper com o passado, fazer arte e olhar para o Infinito.

Só olhando para o Infinito, no sentido de descobrir mundos de sensações novas, é que podemos formar em nós uma nova consciência da Belleza, transcender todas as escolas c criar verdadeira arte futurista.

A originalidade não será então uma cousa rebuscada e artificial, mas um phenomeno expontâneo do nosso espirito creador, uma expressão peculiar do nosso modo único de apreciar a Illusão universal.

Originalidade é livre expressão da vida interna, mas nós somos tudo, menos nós mesmos.

Pertencemos á sociedade, á época, aos costumes, ás ambições, aos criticos; pertencemos a mil illusÕes creadas pelos outros e por nós, mas a nós mesmos nunca

pertencemos. Cuidamos do que a critica ou o publico fará de nós e das nossas obras, mas não cuidamos do que as nossas forças interiores poderão fazer do nosso Eu nem em que plano dos destinos cosmicos nos podemos collocar com o nosso pensamento.

Abramos as portas para a grande Vida Cósmica, que a arte seja a luz a illuminar os caminhos da Eternidade e do Infinito, caminhos para ir além do nosso século, além da Sociedade, atraz, á esquerda e á direita de nós, formando altíssimas e negras muralhas que nos encarceram.

Tenhamos a coragem de voltar-nos a nós mesmos e de nos pôr face a face com a Noite incommensuravel, para enchel-a de visões nascidas do nosso espirito deslumbrado.

Que seja o nosso Eu a nossa primeira creação esthetica e o Universo uma desvairadora phantasmagoria a nos exaltar, elevar e fundir com a Unidade inviolável e infinita.

Alem da distancia, do nosso proprio eu finito, que seja cada mundo uma partícula do nosso ser, e todos os seres se confundam em nós, e toda a vida seja a nossa vida e o Todo em nós vibre e cante, se converta numa cavalgada de expressões estheticas, como se fosse a nossa consciência o centro de onde jorram os mundos e onde o universo se torna consciente de si mesmo.

A Arte assim será toda a nossa vida e tudo, ao nosso contacto, se transformará em Belleza.

Angelo GUIDO.

("A Tribuna', Santos)

O NOSSO MILITARISMO E A AMERICA

Pequena concurrencia teve o embarque da delegação que vae representar o Brasil na Conferencia de Santiago. A falta de ordem observada serviu para explicar o descaso popular pelo acontecimento. Os membros da delegação subiram separadamente, e cada qual, por sua vez, a escada do "Flandria".

Mas não se disfarça também a indifferença real da população pela Embaixada e por tudo que diz respeito á Conferencia de Santiago, apezar do noticiário dos jornaes, que pagaram com generosidade o esquecimento com que foram tratados e fizeram grande reclamo de uma assembléa a que não se julgou necessário o comparecimento delles.

Essa indifferença do povo me faz apprehensivo, porque em um momento internacional delicado como o que vamos atravessando, precisávamos de apresentar aos demais paizes do continente outra cohesão, feita de perfeita solidariedade e conhecimento do povo, que deveria estar informado de nossa posição e dos pontos de vista que vamos defender, se não em todos os pormenores, ao menos naquillo que pudesse concorrer para formar uma opinião publica favoravel. O prestigio das Embaixadas depende essencialmente da firmeza com que as prestigia o povo que ellas nominalmente representam. E devíamos têr cuidado mais attentamente desse particular; o momento o reclamava.

Por mais relevo que houvessem tido as outras Conferencias pan-americanas, não supportam parallelo com a extraordinaria impçrtancia da assembléa a reunir-se em Santiago. A clausula quinta dc seu programma, relativa ao desarmamento, lhe deu outra significação e fez muito mais delicada a missão de nossa Embaixada. Já a escaramuça de Janeiro nos deve ter mostrado quantos embaraços e obstáculos nos esperam. Basta dizer que estamos com a causa antipathica: o mundo nos olha, neste momento, com o sobrecenho carregado. Quer parccer-mc que não ha maior constrangimento do que agir em semelhante atmosphera. E c evidente que não temos forças para modificar a situação, a menos que mudássemos de propositos e fallassemos aos outros povos a linguagem sinceramente pacifica que está de accordo com o sentimento do nosso povo.

Para a Europa, para os Estados Unidos, para as Republicas da America do Sul, somos um paiz militarista, imperialista, ambicioso. Enxergam-nos vestidos de couraças guerreiras, com os Vulcanos nacionaes curvados sobre as suas forjas, no preparo das armas temíveis.

Vêem-nos com as presas de lobo e por isso nos hostilisam, com uma antipathia sincera. O mundo combate espontaneamente os lobos, ou quem se metta em pelle de lobo. No incidente da Conferencia preliminar de Valparaizo a imprensa sul-americana ununime formou contra nós. Até o Uruguay, nosso amigo tradicional, entrou na corrente adversaria. A hostilidade contra o Brasil vinha espontanea e immediata. E o que mais nos deve doer, era que tinha cabimento e allegava motivos ponderosos.

Gosava o continente de tranquilidade, quando o Sr. Epitácio Pessoa iniciou o seu programma militarista. E' certo que o Chile se mantinha poderosamente armado, de accordo com as suas tradições, mas os problemas do Pacifico bastavam para lhe absorver toda a attenção. A Argentina, que em outros tempos tivera grande movimentação militarista, na presidencia do Sr. Irigoyen, desprezou os programmas armamentistas, preoccupada com outras questões, que tinham maior relevo para o seu Presidente. Em meio dessa atmosphera, a offensiva militarista do sr. Epitácio Pessoa écoou como um brado de desafio. E procuramos realizar um poderoso programma .de armamentos.

Vieram, então,' os quartéis luxuosos, erguendo-se em variós Estados; houve o augmento, pelo menos no papel, dos effectivos do Exercito, contrahimos a mif.são militar franceza e fizemos um extt so programma de reformas; contratámos ainda a missão naval americana. O dinheiro não deu para mais; todavia, como um testemunho frisante de bellicosidade, chegamos ao extremo de realizarmos as nossas manobras do Exercito na fronteira do sul. Tinha havido dc •permeio a campanha de Olavo Bilac, denominada patriótica.

Não poderíamos fazer tudo isso sem despertar inquietações. E é justo que as nossas visinhas se surprehendam com esses preparativos e cuidem de sua defesa contra o que não pôde parecer senão um projecto de imperialismo.

"La Prensa", de Buenos Aires, fez, durante esse tempo, uma campanha memorável, pleiteando a reunião de uma Conferencia de dt^armamento para desviar essas ameaças de guerra. Escriptos com moderação, os seus artigos impressionavam pela argumentação lógica e pela intelligencia com que combatiam esses preparativos guerreiros, num continente que todas as circumstancias parecem ter preparado para abrigo e residência da humanidade pacifica. E em toda a imprensa sul-americana não foi outra a impressão havida de nossa politica militarista.

Ella repercutiu muito mais longe. O Sr. Oliveira Lima recordava, ha dias, a opinião dos americanos, citando o artigo do Sr. Stcphen Bonsal. Tenho aqui perto o numero de Setembro do anno passado do "Current History", onde se publicou o trabalho do Sr. Bonsal. Vejo que elle recorda toda a nossa politica armamentista. Diz que o nosso Exercito elevou-se a 116.000 homens, numero superior ao total dos Exércitos sul-americanos, os quaes, sommados, attingem só a [1]08.000 homens. Falia na campanha de Bilac e lhe attribue tal successo que "ás vezes, de accordo com os algarismos officiacs, havia mais de cem mil homens recebendo instrucção militar como membros de sociedades de tiro, muito encorajadas e subvencionadas liberalmente pela ultima administração". O autor observa ainda a elevadíssima porcentagem que as despezas militares consomem nos orçamentos das Republicas sul-americanas.

Que resultado poderíamos esperar dessa orientação, senão o de inquietar os nossos visinhos? O Sr. S. Bonsal o diz ainda:_____"Disquieting were the consequences of these progressivo steps toward general armament".

Todavia, não ficamos nisso. O abysmo armamentista nos empolgou. Em Genebra, perante a Liga das Nações, tomámos attitude hostil ao desarmamento e repudiamos as resoluções de Washington. Frisámos desde esse momento o nosso ponto de vista de possuirmos força de accordo com um critério favoravel á expansão militarista. Quando se redigiu o programma para a Conferencia de Santiago, insistimos no conceito; e quizeihos ainda reunir o Chile e a Argentina para decidir o caso, comquanto esses dous paízes sustentassem theses diversas.

A imprensa continental nos foi adversa e algumas folhas prestigiosas nos combateram, agindo sinceramente, espicaçados pelo programma militarista do Sr. Epitácio Pessôa.

Não sabemos ainda da attitude que vae ser adoptada pelos nossos representantes. Tenhamos apenas uma certeza: se insistirmos no nosso ponto de vista, ficaremos isolados na Conferencia e veremos entre nós a hostilidade dos paizes do continente. Acredito que os Estados Unidos intercedam e obtenham uma formula conciliatória e extremamente vaga, como se fez na reunião preliminar para a redacção do programma da Conferencia. Continuaremos, entretanto, na mesma posição, rodeados de todas as antipathias que nesta hora nos observam vigilantemente. Não soaria mal uma proposta dilatória, pedindo conferencia especial, justificada pela magnitude do assumpto. I)e qualquer modo, porém, cabe-nos afastar toda a idéa de attitude arrogante, ou irreductivel, uma vez que estamos evidentemente com a responsabilidade da causa má ou, para dizer melhor, a da parte de provocador, que nos é attribuida pelo programma de militarisação exagerada do paiz.

Sei com que intuitos o Sr. Epitácio armou o paiz, mas vejo que taes actos deviam naturalmente provocar as consequências que tiveram, assustando as Republicas sul-americanas e pouco nu ordem do "dia a funesta corrida aos armamentos.

Acredito que os responsáveis pela nossa politica exterior aproveitarão a opportunidade actual para desfazer esse ambiente de antipathia e de prevenção. Somos uma Nação pacifica e todo o nosso interesse se combina com a causa da paz. Mas não bastam palavras para desnúviar os horizontes internacionaes e ou daremos actos decisivos para testemunho de nossa sinceridade, ou será melhor o silencio.

Barbosa Lima Sobrinho.

("Jornal do Brasil")

AS CARICATURAS DO MEZ

FALA O VELHO TRIBUNO

Lopes Trovão — E eras tão bella 110 tempo da monarcliia!...
Raul - (D. QUIXOTE)

O «PARAIZO DOS LADRÕES»

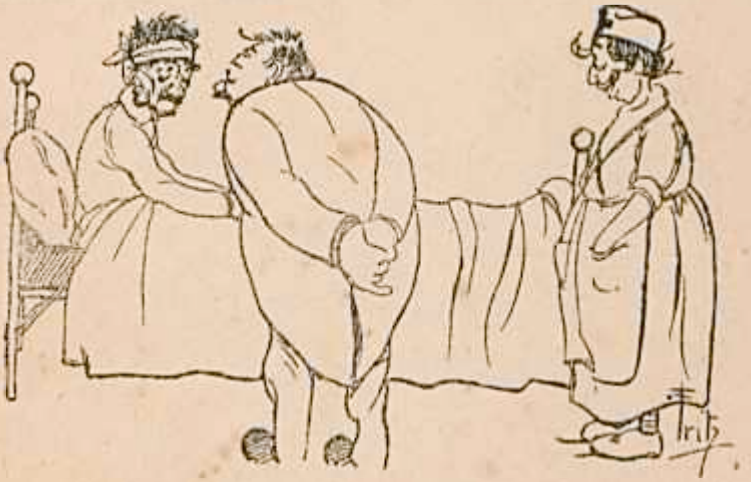
— Nem urn soldado, «Pé Leve»! Até é uma vergonha a gente roubar numa terra destis!
Belmonte — **(D. QUIXOTE;**

O accordo da limitação de armamento no Brasil, Argentina e Chile na conferencia de Santiago.

Quem fôr *troxa,* arrea a trouxa logo...

(D. QUIXOTE)

PHYLOSOPHIA MEDICA **(Nos HotplUe»)**



O doente — Eu morro, Dr. ?. . .

Doutor — Com certeza !... Mas, não vale a pena desesperar... A vida está tão cara !

(D. QUIXOTE)

— Hoje, si quizé, é ajantarado... Sou premiera frigideira do *jazz-band* do Bloco das Tanajuras Malacafentas do Itapirúe tenho ensaio inté de menhã.

— Mas... você volta, Felismina ?

(D. QUIXOTE)

CONSOLO

m m

^ y f

— Que foi isso, Antonio ? partiste a cabeça !!

— E' verdade; em compensação a arvore também partiu o galho...

(D. QUIXOTE)

INDICE GERAL DO VOLUME XXII

Revista do Brasil 1
Homenagem a "La Nacion" 3
Um homem honesto — Monteiro Lobato 8
Notas scientificas — Arthur Neiva 16
Copa e copo — M. Said Ali 20
Oração á Bandeira — Pethion de Villar 25
Fragmento de prologo — J. Capistrano de Abreu 31
O collar de Moran — Martim Francisco 37
Crónica de Arte — Mario de Andrade 45
A'cerca da expressão "a paginas trinta e duas" — Rodrigo de Sá Nogueira 49
O leproso — Oliveira e Souza 52
A entrevista — Braz da Silveira 58
Literatura escolar — Américo Bruschini 64
Bibliographia 68
Debates e pesquizas 73
Curiosidades 86
As caricaturas do mez 94
O momento — P. P. 97
Luiz Pereira Barreto 100
Academia Brasileira de Letras — Afrânio Peixoto 102
O medo da morte — Heitor Maurano 111
O despique — Monteiro Lobato 116
No laranjal — Luiz Gonzaga Fleury 112
O assucar — M. Said Ali 131
Crónica de Arte — Mario de Andrade 136
Sacy Pererê — Ildefonso Falcão 141
Pequenos Psalmos — Oswaldo Orico 143
O exercito russo sob o regimen dos soviets — C. Torres Guimarães . 145
Bibliographia 150
Notas do Exterior 154
Resenha do mez 160

Debates e pesquizas 180
Curiosidades 183
As caricaturas do mez 189
O Momento — P. P. 193
Revista do Brasil 197
Ruy Barbosa — Julio Mesquita 199
Redempção (versos) — Luis Murat 206
Duas cavalgaduras — Monteiro Lobato 211
O testamento do bandeirante — Alcantara Machado 217
O prazer de amar — J. Ramos 230
Notas a lapis sobre um pintor independente — Gilberto Freyre . . 236
A Nova Gazeta da Terra do Brasil — Clemente Brandenburger . . 239
Notas scientificas — Arthur Neiva 243
Crónica de Arte — Mario de Andrade 247
Bibliographia 252
Notas do exterior 259
Resenha do mez 262
Debates e pesquizas 273
As caricaturas do mez 278
O Momento — P. P. 289
O diário de Pero Lopes de Souza e o littoral paulista — Gentil Moura. 293
O diabo — Julio Cesar da Silva 296
O turismo no Brasil — Antenor Nascentes 305
Fatia de vida — Monteiro Lobato 308
Problemas militares — C. Torres Guimarães 314
Assassínio — assassinato — José Patrício de Assis 321
Crónica de Arte — Mario de Andrade 324
Lima Barreto — Sylvio Rabello 328
Bibliographia 332
Resenha do mez 33Q
Debates e pesquizas 35g
Curiosidades 373
As caricaturas do mez 382

Holmberg, Bech i Cia. Ltd.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

SÃO PAULO

•RIO DE JANEIRO,
STOCKHOLM,
HAMBURG,
NEW YORK,
E LONDRES

Papel, materiaes para construcção, aço e ferro, anilinas e outros productos chimicos.

COMPRE /, TODOS OS **MEZES**

O MUNDO LITERÁRIO

Magnifica e vietoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores: PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO
Secretario: AGRIPPINO > RIÉCO

Cóllaboração dos maiores escriptores brasileiros. Só publica inéditos. Traz a resenha do movimento literário nos paizes europeus c nos estados da UitiSo. Cada exemplar de 130 paginas : 2JOOO, *é* 2$50U no interior.

m ™ R a a Grande Livraria LEITE RIBEIRO R"> I)E Joeiro

(S.V.nrüBI BBlilMlli1.BI,!!'!!'!!^]':; BlHIB^W."BElilIB/ilH:"

LOTERIA DE S. PAULO «

Sexta-Feira, 13 de Abril

100:000$000

Por 8$OOQ

Os bilhetes já estão á venda em todas as casas lotericas

O maior Suooewso Esportivo

"DICCIONÂRIO DO FUTEBOL"

l'or GUY. GAY

iliz "O ESTADO Dl£ S. PAULO : "Cremo» que ntto existe nutro melhor trtibulho m genero em língua portu^ueza : est.á destinwdo a ser o companheiro indispensável de todos os futebolistas".

ILLUSTRADO COM 23 SCHEMAS – 2SOOO PORTE FRANCO

Editores MONTEIRO LOBATO & C. - Rua dos Gusmôes, 70 - São Paulo

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato *(EX* C.

«H.

MONTEIRO LOBATO — *Onda Verde,* 2/ edição . . . . 4$000
A menina do narizinho arrebitado, album, 2." edição . 3$500
O Marquez de Rabicó, album I." edição. . . . . .2$000
* *Negrinha,* conto», edição popular 1 $500

ALBERTO SEABRA — *Hygiène* e *tratamento homeopathico das doenças domesticas,* encadernado. . . . . .8$Ü00
Phenomenos psychicos, estudos. . . . . .3$000

ALOYSIO DE CASTRO — *Palavras de um dia e de outro,* allocuçõe, 4$000

RIBEIRO COUTO — O *crime do estudante Baptista,* conlo. . . 4$000

RAOUL POLLILO — *A dança do fogo,* romance . . ! . . . 5$000

MENOTTI DEL PICCHIA — *o Homem e a Morte,* romance . 4$000

LEOPOLDO PEREIRA — S. *Paulo nos tempos coloniaes,* traducção da obra de Saint-Hilaire. . . . . .4$000

CHRYSANTHÈME — *Critos femininos,* conto». . . . .4$000

MUCIO DA PAIXÃO — *Typos, curiosidades, exquisitices dos homens celebres.* . . . . . .3$000

SERAPHIM FRANÇA -r *Cantos da linda terra dos pinheiros,* verso». 3 $000

PEDRO SATURNINO — *Crupiaras,* ver»o.. . . . . .3$000

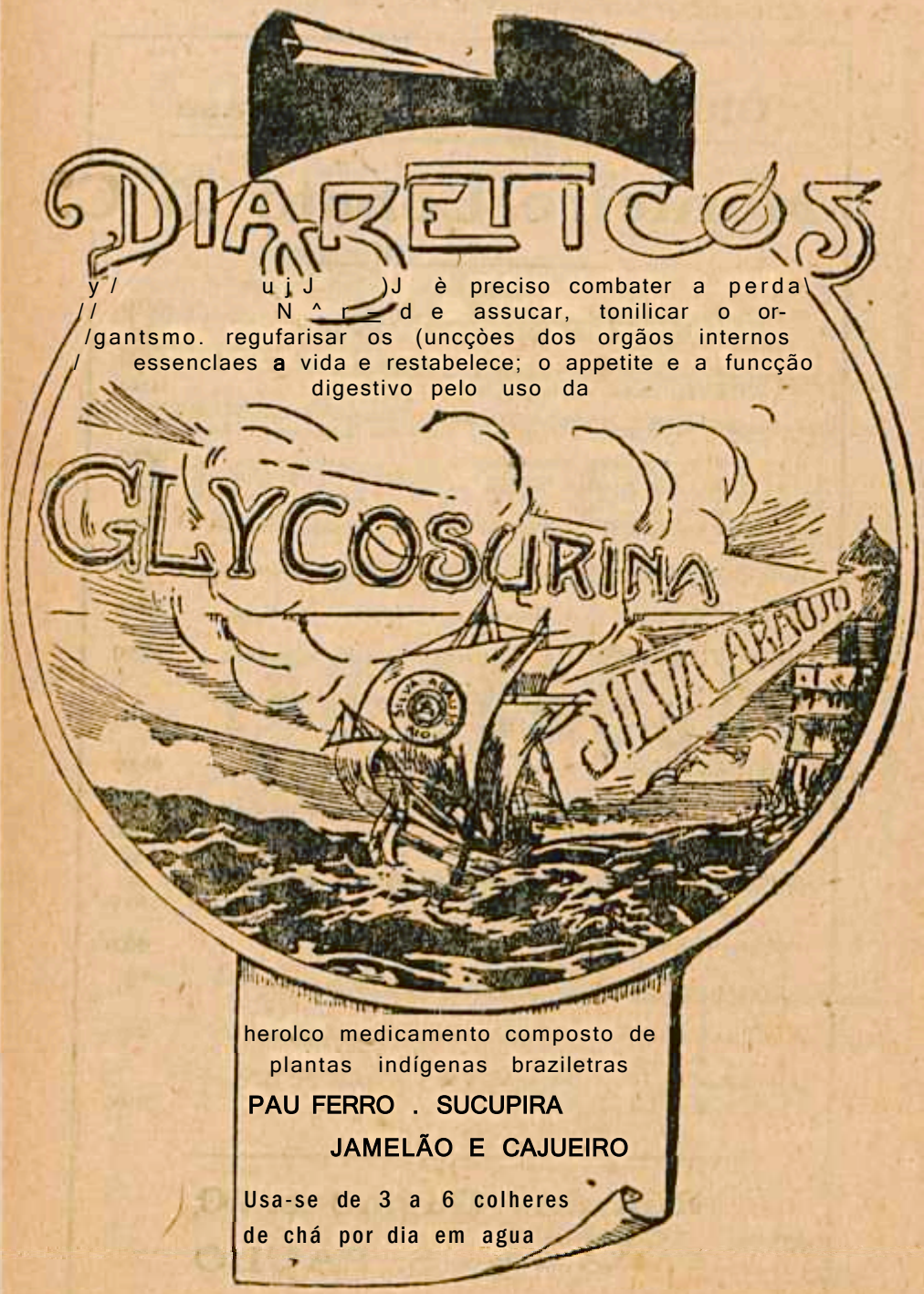
LEONARDO PINTO — *Conjuncções,* edição e»colar . . . . 2$500

LUCILO VAREJÃO — *De que morreu João feital,* romance . . 4$000

LIMA BARRETO — *Vida e Morte de Gonzaga de Sá,* do grande escriptor ha pouco fallecido. . . . . .2$000

Rua dos Gusmóes, 70

CAIXA 2-B • S. PAULO


DIABETICOS
y / u j J)J è preciso combater a perda
/ / N ^ r d e assucar, tonilicar o or-
/gantsmo. regufarisar os (uncçòes dos orgãos internos
/ essenclaes a vida e restabelece; o appetite e a funcção
digestivo pelo uso da
GLYCOSURINA
SILVA ARAUJO
herolco medicamento composto de
plantas indígenas braziletras
PAU FERRO . SUCUPIRA
JAMELÃO E CAJUEIRO
Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar, Arroz, Milho, Fubá

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencia de ha mais de 50 annos no Brasil. : : : :

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Óleos - Telhas de Zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

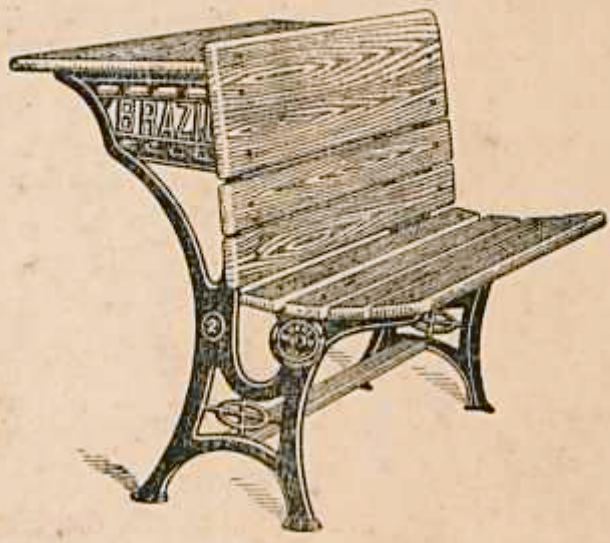
IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanisado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC. DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

Off. Graphie»! Monteiro Lobato & Co. - Rua Gusmõei, 70 - S. Paulo.

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infanda; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á

FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"

— DE —

JL Gualberto de Oliveira

Rua Antónia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

SÃO PAULO